

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ESTAR + GERÚNDIO E TER + PARTICÍPIO
ASPECTO VERBAL E VARIAÇÃO NO PORTUGUÊS

Ronald Beline Mendes

Tese de Doutorado
Campinas, 28 de fevereiro de 2005

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Luiza Braga (orientadora)

Prof. Dr. Gregory Riordan Guy

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

Prof. Dra. Margarida Tadoni Petter

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Ronald Beline

Mendes

e aprovada pela Comissão Julgadora em

05/04/2005

Ch. Galves
Prof. Dr. Charlotte Maria Chambelard Galves
Diretora
IEL/UNICAMP
Ataún. 05156-0 /

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

M522t

Mendes, Ronald Beline.

Ter + participípio e estar + gerúndio – Aspecto e variação no português / Ronald Beline Mendes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Maria Luiza Braga.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aspecto verbal. 2. Perífrases verbais. 3. Variação lingüística. 4. Mudança lingüística. I. Braga, Maria Luiza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

(tjj/iel)

*para meu pai, José Mendes,
e para José Luiz Fiorin, um tanto de pai também.*

A G R A D E C I M E N T O S...

... mais que especiais aos meus pais, e às minhas irmãs, com cujo apoio sempre pude contar, apesar da intransponível distância que há entre eles e meu objeto de estudo;

... à minha orientadora, Maria Luiza “Malu” Braga, por sua paciência - acredito - sem limites;

... à CAPES, pelo financiamento de meu doutorado sanduíche na NYU e na York University de Toronto;

... a todos os colegas do Departamento de Lingüística da USP - especialmente Ana Müller, Ana Scher, Antonio Pietroforte, Beatriz Raposo, Diana Barros, Esmeralda Negrão, Evani Viotti, José Luiz Fiorin e Margarida Petter - por suas palavras certas em horas certas;

... a Gregory Guy, que me cedeu tanto de seu tempo, para as discussões acerca dos “meus” dados;

... aos professores, co-orientadores, mentores - exemplos que tentei imitar: Malu Braga, Ataliba de Castilho, Mary Kato, Charlotte Galves, Rodolfo Ilari, Ana Zilles;

... de coração, aos amigos e cúmplices lingüístico-literários, Antonio Pietroforte e José Luiz Fiorin;

... à querida amiga Fernanda Castelano Rodrigues, também por cumplicidade, e muito por sua leitura e revisão cuidadosa;

... aos colegas de área, que nem imaginam ter me ajudado: Sebastião Carlos, Sanderléia Longhin, Laurie Woods, Uri Horesch, Erez Levon e Philipp Angermeyer;

... aos amigos Hélio Biesemeyer, Michelle Kim, James Walker e Michol Hoffman, cuja presença, mesmo quando virtual, me anima tanto;

... a todos aqueles que chegaram a tentar entender como alguém podia dedicar tanto tempo a duas perífrases verbais, e até se divertir com elas: a Maria Lúcia, o Neto, o David Meron, o Dino, o Paulo Belém, o David Skowron, dentre outros; eles também foram importantes nesse processo que termina aqui;

... finalmente, ao Jim Lochner, someone who will possibly never be able to understand or believe how much he could motivate me, even from the distance.

RESUMO

Da observação do uso das perífrases aspectuais *estar + gerúndio* e *ter + particípio* na sincronia (50 entrevistas – NURC/SP e PEUL/RJ) e na diacronia (textos do século XVI ao XIX – *Corpus* Diacrônico TychoBrahe), proponho que elas podem ser analisadas como variantes de uma variável, nos termos da Sociolingüística Laboviana. O envelope de variação é definido pelo tempo presente e pelos aspectos *durativo* e *iterativo* (tipos de *imperfectivo*).

Controlando quantitativamente as ocorrências das perífrases no *corpus* sincrônico, constata-se que o emprego de *ter + particípio* está se tornando mais restrito, tanto lingüística quanto socialmente, configurando mudança em curso, através do construto teórico “tempo aparente”. Neste processo, *estar + gerúndio* revela-se como a forma preferida entre os falantes mais jovens, na expressão daqueles aspectos, independentemente de fatores lingüísticos, tais como a classe semântica do verbo principal, a presença de adjuntos aspectualizadores na sentença e de quantificadores nos argumentos verbais.

A B S T R A C T

By observing the synchronic and diachronic use of the Brazilian Portuguese aspectual periphrases *estar* (*be*) + *gerund* and *ter* (*have*) + *participle*, I propose that they can be analyzed as variants of a variable, according to the theoretical and methodological assumptions of Labovian Sociolinguistics. The variable context is defined by present tense and imperfective aspects (durative or iterative).

As a result of an apparent time quantitative analysis of the synchronic tokens (extracted from 50 interviews that were selected from the *corpora* NURC/SP and PEUL/RJ), I show that *ter* + *participle* is becoming more restricted, both socially and linguistically. In this process of change, *estar* + *gerund* is the preferred form amongst youngest speakers, regardless of other linguistic factors, such as the semantic class of the main verb, the presence of aspectual adjuncts in the sentence and the presence of quantifiers in the verbal arguments.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	
1. A variação como fato lingüístico e sua abordagem	08
1.1. O caso de <i>estar</i> + <i>gerúndio</i> e <i>ter</i> + <i>particípio</i>	10
2. Ponto de vista: língua em uso	15
3. Variação, mudança e abordagem quantitativa	17
3.1 O construto do “tempo aparente”	19
4. O <i>corpus</i>	20
CAPÍTULO 2 – O ASPECTO VERBAL	
1. Variação e composicionalidade	24
1.1. Classes semânticas de verbos	25
2. Variação e tipologia	29
2.1. Progressivo vs. durativo	33
2.2. Durativo vs. iterativo	37
2.2.1. <i>Ter</i> + <i>particípio</i> , <i>estar</i> + <i>gerúndio</i> e os adjuntos adverbiais	39
2.2.2. <i>Ter</i> + <i>particípio</i> , <i>estar</i> + <i>gerúndio</i> e os argumentos verbais	41
2.3. O Resultativo	42
2.4. Ambigüidade	44
CAPÍTULO 3 – O PERCURSO EVOLUTIVO DAS PERÍFRASES	
1. <i>Ter</i> + <i>particípio</i> através dos séculos	49
1.1. Imperfectividade	54
2. <i>Estar</i> + <i>gerúndio</i> através dos séculos	59
2.1. Imperfectividade: progressivo e durativo	60
2.2. Imperfectividade: iterativo	61
3. Mudança	63

CAPÍTULO 4 – O CONTEXTO VARIÁVEL NA SINCRONIA	67
1. O tempo verbal	68
1.1. Tempos do passado e do futuro	69
1.2. O tempo presente	77
2. O tipo semântico do verbo na forma nominal	83
2.1. Verbos de estado	84
2.2. Verbos de atividade	88
2.3. Verbos <i>accomplishment</i> e <i>achievement</i>	93
2.4. Comparações interlingüísticas	98
3. Os grupos de fatores	102
3.1. Variáveis sociais	103
3.2. Variáveis lingüísticas	103
 CAPÍTULO 5 – OS RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA	 110
1. A variedade paulistana	
1.1. Distribuição geral dos dados	111
1.2. As variáveis extralingüísticas	113
1.2.1. O tipo de entrevista	114
1.2.2. O sexo/gênero dos falantes	116
1.2.3. A faixa etária dos falantes	117
1.3. As variáveis lingüísticas	118
1.3.1. O aspecto verbal	122
1.3.2. O tipo semântico do verbo principal	127
1.3.3. Os adjuntos adverbiais	131
1.3.4. O número do sujeito	140
1.3.5. O número dos argumentos internos	143
1.3.6. A negação	146
1.3.7. Há quanto tempo?	149
1.4. Tabulações cruzadas	153
1.5. O aspecto como variável dependente	164
2. A variedade carioca	168
 CONCLUSÃO	 175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178

INTRODUÇÃO

O estudo do aspecto verbal envolvendo perífrases recebeu várias contribuições na história recente da lingüística brasileira. A tese de doutoramento de Wachowicz 2003 e o trabalho iniciado em Gonçalves 2003 são dois exemplos. No primeiro, é desenvolvida uma formalização, nos moldes de Verkuyl 1993 e 1999, para as leituras aspectuais daquela que a autora chama de "forma do progressivo" do português, e no segundo é proposta uma leitura chamada "genérica" para *estar + gerúndio*, a partir da observação de que tal perífrase não deveria ser sempre tão prontamente classificada como "construção progressiva" na gramática do PB, do modo como o é em línguas como o inglês.

Ainda dentre os trabalhos mais recentes, podem ser citados também Viotti & Scher 2001 e Ilari 2000. No primeiro deles, as autoras propõem uma análise para os usos de *estar + gerúndio* que reconhecem como "infinitivo perifrástico" e que é comumente rotulada de "gerundismo"¹ (*estar fazendo*, por exemplo), que pode substituir o infinitivo propriamente dito (*fazer*) diante de preposições de finalidade e de certos verbos modais, entre outros casos. Já em seu artigo, Ilari 2000 se dedica a explorar a semântica da construção *ter* (*presente*) + *particípio* - o passado composto - enfatizando que ela expressa o aspecto iterativo e analisando as relações entre escalonamento no tempo e quantificação.

Vários estudos anteriores também podem ser arrolados. Permanece como importante obra de referência a tese de doutoramento de Castilho 1968 - intitulada "Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal", traz já naquela data o traçado de um percurso seguro na direção de uma tipologia para o aspecto em português. De fato, o próprio autor acabou por refinar a proposta de tal tipologia, ao longo de três artigos: Castilho 1984, Castilho & Moraes de Castilho 1994 e Castilho 2000. Outros trabalhos de abordagem de amplo foco são Travaglia 1981 e Costa 1987, em que se faz, respectivamente, um quadro dos aspectos do português e uma contextualização do aspecto entre as outras categorias verbais na gramática dessa língua.

¹ Como no artigo de Sírío Possenti, intitulado "Vou estar -ndo", para o caderno Cartaz - Cultura e Lazer, do jornal O Imparcial (Campinas, 17/09/2000).

Neste contexto, a novidade que o presente trabalho traz é o desenvolvimento de uma análise variacionista que tem a categoria do aspecto como definidora do envelope de variação, e que observa *estar* *(presente)* + *gerúndio* e *ter* *(presente)* + *particípio* na posição de variantes de uma variável. Embora alguns dos autores arrolados acima cheguem a considerar que um mesmo valor aspectual pode ser veiculado por mais de uma forma (notadamente Ilari 2000), nenhum deles parte para um exame, ainda que qualitativo, da alternância no seu uso com base no aspecto.

Dessa forma, o objetivo mais geral deste trabalho é contribuir para a compreensão do aspecto verbal em português a partir de uma abordagem variacionista. Ao mesmo tempo, constitui-se também como objetivo geral contribuir para a ampliação dos estudos variacionistas em português: sendo o aspecto uma categoria de natureza composicional, as variantes aqui em foco, como veremos, guardam relações estreitas com outros elementos da sentença, tais como os argumentos verbais e adjuntos. Neste sentido, esta tese pode configurar uma contribuição teórica, trazendo mais dados para a já clássica discussão entre Lavandera e Labov² sobre as limitações impostas aos estudos variacionistas no nível da sintaxe, e uma contribuição empírica, na medida em que o controle qualitativo e quantitativo dos usos de duas perífrases aspectuais demonstra que é possível, sim, utilizar formas alternativas naquele nível.

Delimitando os objetivos

O trabalho que aqui se apresenta começou a germinar enquanto projeto já no nível da Iniciação Científica, dedicada à descrição semântica da perífrase *estar* + *gerúndio* (daqui em diante, EG). Naquele trabalho, a partir da análise de algumas entrevistas do Projeto NURC/SP, constatou-se que tal perífrase é muito produtiva na composição dos

² Cf. Lavandera 1978, Labov 1978 e Bentivoglio 1987.

aspectos progressivo e durativo³, mas que também é muito freqüentemente empregada na expressão do aspecto iterativo.

Quando o foco de análise foi direcionado para a gramaticalização do verbo *estar*, na dissertação de mestrado⁴, o alargamento do *corpus* (todas as entrevistas compartilhadas do NURC/SP) permitiu avançar na constatação de que EG é notavelmente freqüente na quantificação aspectual. Dada a literatura acerca da construção *ter* + *particípio* (daqui em diante, TP) e da expressão do iterativo quando o auxiliar *ter* está conjugado no presente, começou a se delinear com maior clareza um projeto de pesquisa em que as duas perífrases fossem tomadas como variantes de uma variável, numa abordagem quantitativa.

Neste sentido, o objetivo desta tese não é o de formalizar uma descrição semântica das duas perífrases, nem o de desenvolver uma teoria sobre o aspecto verbal, muito embora este trabalho possa vir a contribuir indiretamente para tais. Aqui, os principais objetivos são:

- (i) demonstrar que EG e TP podem ser consideradas variantes de uma variável quando o aspecto verbal é o iterativo, e também quando o aspecto é o durativo;
- (ii) demonstrar que os usos de TP estão se tornando cada vez mais restritos, tanto social quanto gramaticalmente, e que EG parece estar substituindo TP num significativo número de contextos.

O primeiro dos objetivos acima constitui, de fato, o fio que alinhava todo o trabalho aqui apresentado. É mesmo um ponto de partida, que justifica a proposta de análise, e um ponto de chegada, que toma seu formato final no conjunto de resultados apresentados no último capítulo. Em caráter de introdução, destaca-se o fato sincrônico de que ambas as perífrases são em muitos casos empregadas por um mesmo falante,

³ O progressivo e o durativo são aqui tomados como especificações do aspecto imperfectivo, denominação mais geral, de acordo com Castilho 2000. A discussão acerca dessa terminologia é apresentada mais adiante, no capítulo 2.

⁴ Cf. Mendes 1999 - "A gramaticalização de *estar* + *gerúndio* no português falado". UNICAMP.

muitas vezes com um mesmo verbo principal, na expressão dos aspectos em foco, conforme exemplificam as ocorrências abaixo transcritas.

NURC SP D2 242

DOC não eu eu não quero os detalhes... digamos... não... ahn... por acaso... então... por perguntas... quem é que realiza uma missa?

INF era... o padre... mas agora até já **estão** FREIRAS **realizando** né? nó/ eu **tenho**... conheço aqui... na Vila Carioca... as franciscanas de Maria né? então --você vê que eu... mais ou menos estou atualizada-- ((riu)) as franciscanas de Maria... **têm feito** todo o trabalho... elas **estão realizando** missa... elas **estão dando** extrema-união... **estão** ahn... **fazendo** casamentos porque já estão autorizadas para isso... sabe?

DOC certo... agora... existe a participação... de grande número de pessoas ou não? e como é essa participação... se houver?

INF aGOra... as missas estão todas com muita participação... eles **estão** até **pedindo** a pessoas que vão ajudar... não é? antigamente era o serviço feito só por aqueles meninos... que se chamavam coroinhas não é? e hoje não... as pessoas **estão participando** da missa as missas que eu **tenho assistido** todas **tem havido** muita participação... inclusive **está havendo** muita participação também com o pessoal éh... entre todos que **estão... assistindo**... mostrando assim uma união... ((fala de terceiros ruídos)) (...) o que você queria ((riu)) que eu dissesse mais?... eu... eu estava...observando que...Todos os que **estão assistindo** missa... **estão se cumprimentando**... ao terminar a missa não é? e lSto... eu... não e/ estou TÃO convencida... da utilidade disso eu pessoalmente... mas talvez... isto seja uma falha minha.

A esta evidência de natureza sincrônica, soma-se uma outra, de natureza diacrônica: ambas as perífrases acumulam, no português brasileiro contemporâneo, "funções" que são algo distintas daquelas que desempenhavam em tempos remotos. De acordo com a discussão que se desenvolve no capítulo 3, TP expressava basicamente o aspecto resultativo até o século XVII, firmando-se como "perífrase iterativa" a partir do final do século XVIII. Por outro lado, a perífrase EG era mais largamente empregada na composição do que se entende por progressivo: a duração de uma ação ou de um estado de coisas concomitante à sua enunciação numa frase; o emprego de EG na composição dos aspectos durativo e iterativo é mais tardio. Sendo assim, trata-se de uma evidência diacrônica o fato de que no decorrer de sua história ambas as perífrases acumularam "papéis", alguns deles específicos (distintos) e outros funcionalmente idênticos. Evidentemente, neste trabalho focalizam-se os papéis, as funções que são comuns a ambas construções.

O primeiro dos objetivos que delineamos acima é, portanto, de natureza sumamente sincrônica e, como tal, procura-se atingi-lo a partir da análise de dados da sincronia: foram isoladas as ocorrências de EG e TP em 20 entrevistas do Projeto

NURC/SP (gravadas na década de 70) e em 30 entrevistas gravadas pelo grupo de pesquisas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ); essas 30 entrevistas subdividem-se ainda em dois grupos, compostos pelos mesmos falantes: 15 entrevistas da Amostra Censo, gravadas entre 1980 e 1983 (daqui em diante, amostra Rio 80) e 15 entrevistas com os falantes recontactados no ano 2000 (daqui em diante, amostra Rio 00).

Já o alcance do segundo dos objetivos pressuporia, em princípio, uma análise diacrônica, posto que se vislumbra a possibilidade da substituição de uma forma perifrástica pela outra. Neste trabalho, optamos por fazer um exame qualitativo de ocorrências de EG e TP do século XVI ao XIX, visando à percepção do seu percurso evolutivo, e conseqüentemente esclarecendo como tais construções passaram a ser usadas como variantes de uma variável, no decorrer de sua história.

A indicação da possibilidade de mudança no seu uso é estabelecida a partir do exame dos mesmos dados sincrônicos, com base no construto teórico do "tempo aparente" (Naro 2003, Labov 2000 e 2003): como os informantes das entrevistas paulistanas e cariocas que aqui se utilizam foram estratificados, entre outros fatores sociais, de acordo com sua faixa etária, é possível analisar suas ocorrências como se elas fossem de diferentes recortes temporais - dos mais idosos (correspondendo a um recorte mais antigo) para os mais jovens (correspondendo a um recorte mais recente). Tal construto teórico é revisitado no primeiro capítulo, em que se descrevem os pressupostos que dão base ao trabalho, bem como a metodologia de análise variacionista.

Organizando o trabalho

Conforme acabamos de apontar, o Capítulo 1 é dedicado à definição dos pressupostos teóricos e da metodologia de análise das ocorrências de EG e TP. Evidencia-se, então, o ponto de vista de que são analisados e explicados os fatos lingüísticos, de modo a situar o estudo numa esfera reconhecida como funcionalista, cujo

pressuposto básico é o de que a relação forma-função deve ser investigada da perspectiva do uso. Ao mesmo tempo, identificamos o caráter sociolinguístico variacionista laboviano da pesquisa, já que a relação forma-função é variável. É também nesse capítulo que se reconhecem as limitações deste trabalho, especialmente a de que outras perífrases aspectuais com gerúndio não foram incluídas na análise.

Na sequência dos pressupostos teóricos, o Capítulo 2 dá lugar a uma discussão dos estudos acerca do aspecto verbal mais significativos para o desenvolvimento deste trabalho. Têm lugar de destaque a tipologia proposta por Castilho 2000 e o ensaio sobre o passado composto de Ilari 2000. Ambos constituíram fontes importantes não apenas para a abordagem teórica do aspecto, mas também para o estabelecimento e inclusão de certos grupos de fatores, na análise propriamente dita. É na tipologia lançada por Castilho 2000 - a "dupla face" da categoria do aspecto (uma qualitativa e outra quantitativa) - e na discussão oferecida por Ilari 2000 (sobretudo acerca das relações entre a quantificação aspectual e os argumentos internos do verbo e a negação) que vários itens desse trabalho encontraram sua base. A partir daí, outros trabalhos foram também apreciados, incluindo Verkuyl 1993, na medida em puderam ser aplicados à abordagem de EG e TP como variantes.

No capítulo 3, também como já observamos, desenvolve-se uma análise qualitativa de dados de outros séculos. O objetivo é descrever o percurso das duas perífrases em sua história, mostrando as relações entre os sentidos que elas funcionalmente acumularam, e dando indicações sobre como e quando elas passaram a ser empregadas como variantes de uma variável. Para tanto, faz-se referência a dados do Português Europeu do século XVI ao XIX, do *corpus tychobrahe*, organizado por Charlotte Galves e Anthony Kroch, e disponibilizado na *internet*, e também a dados do Português Brasileiro, extraído de correspondências de Machado de Assis⁵ (século XIX) e entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade⁶ (século XX).

⁵ Cf. ASSIS, M. (1962) Obras Completas. Vol. III. Rio de Janeiro, Aguilar.

⁶ Cf. MORAES, M. A. de (2001) Correspondência – Mário de Andrade & Manuel Bandeira. 2ª. ed. São Paulo, Edusp.

A análise dos dados propriamente, desenvolvida com vistas a atingir os objetivos delimitados acima, encontra-se nos Capítulos 4 e 5. No primeiro deles define-se o contexto variável, ou o envelope de variação: demonstra-se que nem todas as ocorrências de EG e TP podem ser consideradas na análise quantitativa, numa discussão das relações entre aspecto e tempo, com base em dados reais, extraídos das entrevistas. Nesse mesmo capítulo são estabelecidos os grupos de fatores (as variáveis independentes), seguidos de ocorrências no *corpus*, que exemplificam cada um deles.

Finalmente, o último capítulo traz os resultados da análise quantitativa, obtidos com o uso do Goldvarb – uma versão mais recente do pacote estatístico VARBRUL. Numa primeira parte, analisa-se o conjunto de dados de São Paulo, para cada um dos grupos de fatores estabelecidos; faz-se também o cruzamento dos grupos de fatores lingüísticos mais relevantes com a faixa etária do informante. Numa segunda parte, desenvolvemos um estudo de painel com os falantes cariocas. As hipóteses específicas para cada variável independente, seja ela de natureza social ou lingüística, são retomadas e rediscutidas no momento da apresentação de cada resultado.

As ocorrências de EG e TP citadas ao longo do texto, bem como as notas, tabelas e gráficos, são todos enumerados no interior de cada capítulo. Isso significa que o primeiro exemplo citado num capítulo estará sempre sob o número (01) e que, conseqüentemente, se um mesmo exemplo for citado em mais de um capítulo, ele será enumerado de acordo com a ordem que apareceu naquele mesmo.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1. A variação como fato lingüístico e sua abordagem

A observação de que as línguas naturais dispõem de formas alternativas de "dizer a mesma coisa" é feita até entre os leigos, que não têm que se ocupar em definir e nomear um modelo para a análise do fato. Em português, por exemplo, não é incomum encontrarmos-nos em situações de uso lingüístico em que os falantes manifestam que se dão conta de que a realização fonética do /-r/ varia regionalmente, ou de que eles mesmos ora fazem concordância entre verbo e sujeito, e ora não a fazem.

Esse reconhecimento do fato da variação, por parte do falante não-lingüista, imediatamente nos conduz à importante noção de "comunidade de fala". De acordo com Guy 2005, o indivíduo membro de uma comunidade não só tende a falar do mesmo modo como aqueles com quem efetua trocas lingüísticas mais amiúde, mas também fala do modo como falam aqueles com quem mais se identifica. Ou seja, o falante de uma dada comunidade tem alguma consciência do valor social vinculado a determinadas formas lingüísticas, podendo empregá-las variavelmente segundo fatores regionais, ou de registro, ou ainda segundo sua própria percepção individual do fato lingüístico.

Várias ponderações decorrem do que se considerou acima. Quando se fala em identidade lingüística, por exemplo, pode-se no mínimo mencionar a reconhecida distribuição diatópica da realização do /-r/ no Brasil, e a freqüente observação desse fato pelos falantes do português brasileiro (PB). Logo em seguida, para retomar a definição de comunidade de fala, podemos concordar que um indivíduo nascido e criado no interior do estado de São Paulo não está geograficamente obrigado a pronunciar o /r/ em final de sílaba de modo retroflexo. Por diferentes motivações, incluindo aquelas que dizem mais respeito ao indivíduo propriamente (seu nível de escolaridade, seu local de trabalho, suas

relações com membros de outras comunidades), é possível que esse falante "escolha" pronunciá-lo como tepe.

Por outro lado, quando se toca na questão da consciência do valor socialmente atribuído a formas lingüísticas, por parte do falante, convém considerar que a realização de certos fonemas pode não estar no mesmo nível que o emprego de elementos da morfossintaxe, ou ainda no mesmo nível de fenômenos sumamente sintáticos, como a posição de certos advérbios na sentença. No caso da concordância verbal, para retomar o exemplo anteriormente referido, a possibilidade da "escolha" deve certamente ser relativizada: a consciência do estigma associado à sua não-realização vai guardar relações estreitas com o nível de escolaridade do indivíduo¹, e com possíveis cerceamentos experimentados no seu cotidiano lingüístico.

De todo modo, a mais importante constatação que decorre do simples observar da variabilidade nos usos lingüísticos talvez seja a de que eles podem não ser categóricos. Seja no seio da comunidade de fala, seja no falar de um indivíduo em específico, a variação pode não se configurar do modo "uma forma *OU* outra", mas do modo "uma forma *E* outra". Neste sentido, o paulistano típico pode pronunciar o /r/ em posição de coda como tepe na maioria das vezes, e pode realizar a pronúncia retroflexa em certos contextos fônicos, em certas situações de fala. Da mesma forma, um indivíduo com nível "máximo" de escolarização pode realizar a concordância verbal na maioria de suas sentenças, e ainda assim deixar de realizá-la num número considerável de contextos - sejam eles lingüísticos ou situacionais.

Diante disso, colocar a variação lingüística no foco de interesse pressupõe o esforço de dar conta dos diversos fatores que a regulam. Se a variação pode chegar aos limites da fala do indivíduo, e se o indivíduo é sempre membro de uma comunidade que fala uma mesma língua, os limites impostos à variação são delineados em grande medida pela própria língua. Dessa forma, os fatores reguladores serão dados por ela, enquanto possuem história e socialmente adquirida - nos dizeres clássicos de Saussure - e por

¹ Cf. Naro & Scherre 2003.

características externas a ela, definidoras tanto do indivíduo como do grupo em que ele está inserido.

Fatores lingüísticos e extralingüísticos atuam, portanto, em conjunto; e seria demasiado penosa a tarefa de verificar o peso com que diferentes fatores influenciam na seleção de uma ou outra variante, no uso lingüístico, caso não houvesse uma ferramenta que otimizasse tal análise, que matematicamente é de natureza estatística. Embora da mera observação da realidade lingüística da grande comunidade de fala brasileira, assim como das comunidades menores que a compõem, seja possível postular que a pronúncia do /-r/ é menos influenciada pelo nível de escolaridade do que a concordância verbal, seria difícil tecer afirmações mais seguras acerca da correlação entre os diversos fatores e as variantes de uma variável sem a análise quantitativa de um número considerável de ocorrências daquelas variantes, em distintas comunidades.

Quando uma língua natural é observada do ponto de vista de seu uso pelos membros de uma comunidade essencialmente heterogênea, torna-se necessário o desenvolvimento de um método em que as ocorrências das variantes sejam escrutinadas de modo que se viabilize não apenas a constatação de que fatores concorrem para o seu emprego, mas também a verificação de quão fortemente cada um dos fatores favorece ou inibe tal emprego. Nesta tese, o tratamento quantitativo dos dados foi feito com a aplicação do Goldvarb, uma versão mais recente do pacote de programas estatísticos comumente conhecido como VARBRUL.

1.1. O caso de *estar + gerúndio* e *ter + particípio*

Nos exemplos citados acima, temos um caso de variação no nível da fonética - a pronúncia do /-r/ em coda - e outro no nível da morfossintaxe - a concordância verbal. No primeiro caso, embora o contexto variável seja imediatamente dado (final de sílaba), a pesquisa quantitativa deveria ser precedida por pelo menos uma decisão: seriam quantificados também os casos de /-r/ em final de palavra? A pergunta se coloca na medida em que tal contexto pode ou não ser levado em conta na análise; de um lado,

porque "final de palavra" também pode ser tomado como "final de sílaba", e de outro porque, em final de palavra, além das diferentes realizações fonéticas possíveis, o /-r/ pode ser apagado².

Relativamente à concordância verbal, embora o contexto variável seja também facilmente acessível, seria pertinente a pergunta sobre se casos classificáveis como "hipercorreção" (como *a gente vamos*, *o pessoal vão*) deveriam ser incluídos na análise quantitativa. A decisão, é claro, depende do interesse da pesquisa. O que estes exemplos reiteram é que, para o exame da frequência de variantes num *corpus*, é importante que o contexto variável (ou "envelope de variação" - Cf. Labov 2003) seja claramente delimitado, mesmo nos casos em que ele pode ser mais diretamente acessado.

Dada a importância desse passo numa pesquisa sociolingüística variacionista, um capítulo inteiro foi reservado para a definição do contexto variável em que as perífrases EG e TP funcionam como variantes (capítulo 4). Entretanto, para que a descrição dos pressupostos teóricos no presente capítulo seja melhor direcionada, e para que as considerações acerca da própria categoria do aspecto (capítulo 2) possam ser mais pontuais e mais diretamente dispostas aos interesses desse trabalho, aqui já se faz necessária uma exposição preliminar acerca dos dados que foram focalizados.

Em primeiro lugar, é preciso que fique claro que muito embora os aspectos durativo e iterativo constituam aqui o primeiro item na definição do contexto variável, eles não constituem o foco principal da análise, no sentido de que não se consideram todas as formas disponíveis no PB para a sua composição. Isto quer dizer, por exemplo, que se por um lado o aspecto iterativo pode ser veiculado por outras vias que não as construções perifrásticas, por outro o que se está colocando no centro de interesse é o papel aspectual das perífrases:

² Pensa-se mais diretamente na classe dos verbos, cujo morfema de infinitivo {-r} pode ser realizado como o alomorfe Ø. Entretanto, itens de outras classes gramaticais também podem ter o /-r/ apagado (*mulher*, *qualquer*, etc), com a ressalva de que nesses casos ele não constitui um morfema.

(01) Eu **estou fazendo** feira às quintas.
Eu **tenho feito** feira às quintas.

(01a) Eu **faço** feira às quintas.

(02) Agora eu **estou fazendo** feira às quintas.
Agora eu **tenho feito** feira às quintas.

(02ª) Agora eu **faço** feira às quintas.

Desconsiderando a possibilidade de que EG e TP podem ser distintamente interpretadas nos pares de sentenças em (01) e (02)³, ambos são aqui tomados como casos de expressão do iterativo - o evento se repete no tempo. Relativamente ao presente simples do verbo *fazer*, contudo, embora o aspecto possa ser interpretado como iterativo na coluna de exemplos à esquerda, (01a) é semanticamente distinta do par em (01) na medida que o presente simples remete a uma verdade que não é delimitada por um intervalo de tempo, que se estende desde algum momento do passado até o presente da enunciação. Em outras palavras, o presente simples em (01a) reporta a uma verdade geral, definidora do sujeito, válida "para todos os momentos". Num aparente paradoxo, poder-se-ia dizer que se trata de uma verdade "atemporal", no sentido de "tempo interno" do aspecto (Castilho 1968, Castilho & Moraes de Castilho 1994).

Sendo assim, na lista de sentenças à esquerda, (01a) não poderia ser considerada como ocorrência variante, dada sua distinção semântica diante das sentenças do par em (01). Entretanto, se lhe fosse adicionado o adjunto adverbial *agora*, a despeito do caráter "atemporal" do presente simples (nos termos acima), ficaria estabelecida uma sorte de contraposição implícita, e pragmaticamente recuperável, entre a verdade do *agora* (cujos limites temporais não são dados e, de fato, não são essenciais à referida contraposição) e a verdade do "intervalo" anterior a ele. Esta argumentação torna possível afirmar que (02a) é semanticamente mais próxima das sentenças em (02) do que (01a) é daquelas em (01); portanto, (02a) é funcionalmente aplicável no lugar das sentenças em (02).

Dessa forma, considerando-se apenas as ocorrências listadas na coluna da direita, seria até razoável tomar o presente simples como uma variante, juntamente com TP e EG, na expressão do iterativo. Por outro lado, as sentenças à esquerda constituem um contra-

³ EG pode intuitivamente remeter à continuidade da ação ou estado de coisas (Ilari & Mantoanelli 1983), enquanto que TP pode ser mais diretamente relacionado com a noção de "escalonamento no tempo" (Ilari 2000). Essa distinção é abordada no capítulo 2.

argumento forte para essa possibilidade: o emprego do presente simples não é funcionalmente equiparável ao das perífrases EG e TP, pois além da especificidade da relação entre tempo (enquanto categoria dêitica) e aspecto, há o fato de que EG e TP são formas alternativas num grande número de contextos, enquanto que o presente simples pode ser uma terceira forma alternativa em alguns daqueles contextos, mas não em outros. Em razão disso, o emprego aspectual do presente simples não foi incluído na análise que aqui se apresenta.

A complexidade de tais considerações reside mesmo na complexidade do próprio caráter composicional da categoria do aspecto. Como bem apontam vários estudiosos, dentre eles Travaglia 1981, Costa 1987 e Castilho & Moraes de Castilho 1994, outras perífrases de gerúndio podem desempenhar papel na composição do aspecto. A fim de pôr limites à exemplificação, podemos continuar atendo-nos ao iterativo:

(03) Eu **venho fazendo** feira às quintas.

(04) Eu **ando fazendo** feira às quintas.

As perífrases *vir_(presente) + gerúndio* e *andar_(presente) + gerúndio* não só podem veicular o iterativo bem ao modo de EG, como também estabelecem uma delimitação temporal para o estado de coisas ou ação radicada no verbo principal, sem a necessidade da inserção de adjuntos adverbiais como o *agora* das sentenças em (02). E, nesse sentido, talvez elas devessem ser incluídas na análise da variável aqui em foco.

Entretanto, a extensão do intervalo de tempo em que a verdade se constitui com o emprego de *vir + gerúndio* e *andar + gerúndio* pode ser considerada caracteristicamente "mais curta" que nos casos de EG e TP. Em outras palavras, o ponto do passado em que o estado de coisas passa a ser verdadeiro é mais próximo do presente da enunciação com as perífrases de *vir* e *andar* do que nas outras duas. Ainda parafraseando, pode-se alegar que o tempo dêitico nas perífrases em (03) e (04) é ainda "mais presente" que no caso de EG e TP.

É verdade que a comprovação semanticamente formalizada desse fato não configuraria um empecilho, do mesmo modo que no caso da forma do presente simples, para a inclusão das perífrases de gerúndio com *vir* e *andar* no estudo da variável em questão. De fato, a extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto é tomada como um grupo de fatores na análise quantitativa da variação entre EG e TP, dada a hipótese de que o emprego de EG pode ser favorecido nos casos em que tal intervalo é mais curto, e o de TP quando o intervalo é menos curto⁴.

A inclusão dessas perífrases na análise, contudo, alargaria demais os limites desta pesquisa, e traria obstáculos cuja transposição seria consideravelmente mais difícil, sobretudo no que concerne ao uso da ferramenta estatística - a variável já não seria binária, mas quaternária. Some-se a isto o fato de que *vir* + *gerúndio* e *andar* + *gerúndio* são notavelmente menos freqüentes que as outras duas perífrases no *corpus* aqui analisado⁵, o que justifica sua desconsideração na análise quantitativa.

Portanto, o que se está apresentando aqui é um estudo do uso variável de EG e TP na expressão do aspecto verbal. Como estas perífrases não desempenham papel apenas na composição do iterativo, mas também na do durativo, a própria noção aspectual constitui um grupo de fatores, conforme esclarecem os capítulos 4 e 5, dada a hipótese de que o emprego de uma forma pode ser favorecido ou inibido de acordo com tal noção.

Vale ainda indicar que nem todos os casos de EG e TP podem ser incluídos na análise. A primeira e mais evidente restrição diz respeito ao tempo de conjugação do verbo auxiliar: as perífrases só podem ser consideradas variantes quando este tempo é o presente. A segunda é relativa ao binômio aspecto/tempo: EG e TP são variantes quando há progressão do passado para o presente da enunciação, mas não o são quando apenas o presente da enunciação é circunscrito pelo aspecto. Reitera-se que a definição

⁴ Esta hipótese será devidamente retomada mais tarde, nos capítulos 4 e 5.

⁵ As ocorrências de *vir*_(presente) + *gerúndio* e *andar*_(presente) + *gerúndio* também foram isoladas na fase da análise qualitativa; e embora este capítulo não seja destinado à apresentação de números, parece conveniente relatar que, no conjunto das entrevistas analisadas, EG e TP ocorrem na proporção aproximada de 6:1, enquanto que EG e as outras duas perífrases de gerúndio são empregadas na proporção de 11:1.

pormenorizada do contexto variável, e do conseqüente crivo das ocorrências de interesse, é formulada no capítulo 4. A título de breve exemplificação, pode-se apontar que um dado como "*ele está trabalhando e pediu para não ser incomodado até a hora do almoço*" não foi incluído na análise, pois aí TP não seria uma alternativa no lugar de EG.

2. Ponto de vista: língua em uso

A discussão preliminarmente desenvolvida acima, sobre os dados que foram levados em conta na análise quantitativa, e sobre os dados que foram descartados, coloca no centro duas construções perifrásticas que desempenham a mesma função - o mesmo papel - no PB falado: veicular a noção de progressão do passado para o presente, de modo contínuo (durativo) ou de modo intermitente (iterativo).

Dada a ênfase no caráter composicional do aspecto, é importante ressaltar que as formas alternativas EG e TP são interpretadas juntamente com outras informações dispersas pela sentença⁶. Com efeito, é no nível sentencial que o aspecto se atualiza, e duas sentenças podem ser funcionalmente equivalentes - ou seja, podem figurar num mesmo contexto - sem que a única distinção entre elas resida apenas na construção perifrástica:

(05) Eu **tenho trabalho** nisso.

(06) Eu **est ou trabalhando** nisso ultimamente.

(06a) Eu **est ou trabalhando** nisso.

As sentenças (05) e (06) podem figurar num mesmo contexto, expressando a reiteração da atividade *trabalhar (nisso)*, num intervalo de tempo que é presente e que se estende desde algum ponto do passado. Entretanto, elas não seriam necessariamente equivalentes caso o advérbio *ultimamente* não fizesse parte de (06). Sem ele, (06a) pode ser tomada como ambígua, pois além da interpretação da repetição da atividade do passado para o presente, também é possível a interpretação de que a atividade está em curso no presente exato de sua enunciação.

⁶ Relembre-se que há abordagens em que o aspecto é entendido como uma categoria que deve ser analisada do ponto de vista pragmático-discursivo. A título de exemplo, considere-se Hopper & Thompson 1980.

Portanto, sem a presença do advérbio, (06a) só poderia ser considerada como dado para o desenvolvimento do trabalho se houvesse alguma indicação, no contexto em que ela foi inserida, de que o falante a empregou não para expressar a noção de uma atividade em curso, mas para expressar a noção de iteratividade, do mesmo modo que em (05). Sendo assim, o trabalho aqui desenvolvido é caracteristicamente funcional, pois:

- (i) tal variabilidade é observada no uso das formas por parte do falante, ou seja, em situação real de comunicação;
- (ii) a relação forma/função é tomada como variável.

O termo *função* é empregado no sentido de "papel" de uma perífrase, dentro de uma estrutura maior. Ainda que tenhamos chamado a atenção para a importância de outros elementos da sentença para a interpretação aspectual, EG e TP são tomadas como as formas variantes na medida em que o valor básico de "conexão passado-presente" é por elas estabelecido. Neste sentido, estamos lidando com duas formas - as construções perifrásticas em foco - e duas funções - o aspecto iterativo e o aspecto durativo.

De acordo com Moura Neves 1997, o relacionamento entre o conjunto das formas ou estruturas lingüísticas e o conjunto dos papéis que elas podem desempenhar no seu uso não é do tipo matemático "*função*", em que cada um dos elementos de um conjunto (cada uma das perífrases) corresponderia a um único elemento no conjunto dos papéis (Moura Neves cita Dillinger 1991). Distintamente, tanto EG quanto TP correspondem a dois papéis, configurando-se o que na matemática dos conjuntos é denominado "*relação*".

De todo modo, a "maneira funcional" de observar a língua não é caracterizada apenas pela relação estabelecida entre o conjunto das formas e o conjunto dos papéis. Conforme apontado acima, o termo *funcional* também se aplica porque tal relação é atestada pelo uso. Por isso, o método de análise empregado pelo lingüista deve ser, ele também, *funcionalista* - no sentido de que se deve dar máximo crédito às ocorrências das

formas do modo como elas são empregadas pelos falantes em situação real de comunicação.

Dito de outra forma, e seguindo Nichols 1984, o funcionalismo é aqui definido com base no sistema de relações das formas entre si e das formas com seus significados, na gramática da língua em uso. No caso específico de EG e TP, se os aspectos durativo e iterativo podem ser variavelmente expressos por ambas, as perguntas que se colocam são as seguintes:

- (i) quais são os fatores lingüísticos e extralingüísticos que controlam a variação?
- (ii) trata-se de variação estável, ou uma das formas está se tornando mais funcionalmente produtiva que a outra?
- (iii) se há mudança em progresso e o uso de umas das formas está se tornando mais restrito, quais são os contextos em que essa forma ainda permanece produtiva?

As respostas a tais perguntas serão elaboradas mais adiante. Antes, porém, há que se estabelecer contato entre sua formulação e a necessidade de uma abordagem quantitativa.

3. Variação, mudança e abordagem quantitativa

Retomando a idéia de "progressão do passado para o presente" como aquela que basicamente define os contextos em que EG e TP são variavelmente empregadas, se EG fosse sempre usada quando tal progressão se desse de modo contínuo (durativo), e se TP fosse empregada apenas quando tal progressão se desse de modo intermitente (iterativo), elas estariam em distribuição complementar. Neste caso, não haveria contribuição a ser dada por uma abordagem quantitativa de seus usos, e esta tese não precisaria ser escrita.

Os dados mostram, do modo como exemplificado já na introdução a este trabalho, que os usos de EG e TP não configuram um caso de distribuição complementar, pois um mesmo falante emprega ambas as formas na composição de ambos aspectos. Além disso,

outros autores já se referiram a este fato, como Wachowicz 2003 e Gonçalves 2003, que demonstram que o progressivo não é a única leitura aspectual possível com EG. Relativamente a TP, Ilari 2000:237 debruça-se sobre seu valor iterativo, mas reconhece que a perífrase "pode eventualmente assumir um valor de continuidade".

Se essas perífrases não são utilizadas em distribuição complementar, e dado o pressuposto de que existe ordem na heterogeneidade lingüística, é preciso desvendar o que controla o uso variável. O fato de que EG e TP são funcionalmente equivalentes em certos contextos em princípio permitiria que um determinado falante de PB empregasse uma das formas em 100% deles, configurando o que se chama de uso categórico. Entretanto, tampouco é isso que ocorre na maioria das vezes, e por isso é de interesse verificar o que leva o falante a empregar ora uma variante, ora outra.

Deve então haver conjuntos de sub-categorias - as variáveis independentes - que podem significativamente afetar a frequência com que as variantes ocorrem no contexto variável. O estabelecimento dessas sub-categorias é feito com base no levantamento de hipóteses, a partir da observação dos dados, e também a partir daquelas que se revelaram significantes em trabalhos anteriores. De qualquer forma, a necessidade de uma ferramenta estatística advém sobretudo do fato de que essas sub-categorias são grupos de fatores que não costumam atuar isoladamente.

O princípio geral subjacente à análise quantitativa de dados lingüísticos é chamado de "Princípio do Incremento"⁷, por Labov 2003. De acordo com ele, a relação entre o emprego de uma variante A e um membro da variável independente B é maximamente estreita quando se pode mostrar que de cada incremento de B decorre um incremento de A. Evidentemente, no próprio termo *incremento* existe a noção de quantidade; e se vários grupos de fatores estiverem envolvidos com o emprego de uma variante, é imperiosa a tarefa de medir quão estreito é tal envolvimento.

⁷ De *Incremental Principle* (Labov 2003:4).

Essa "medição" do envolvimento entre o uso de uma forma e um fator lingüístico ou extralingüístico é a tradução, em números, do Princípio do Incremento. As flutuações no emprego das variantes, tanto no âmbito individual quanto no comunitário, são tomadas como a manifestação concreta e superficial de regras mais subjacentes, características da língua em uso. Por isso, se numa primeira dimensão quantitativa tais flutuações são mensuráveis no formato de frequência de ocorrências, numa segunda dimensão elas precisam ser relativizadas, num esforço por desvendar o seu significado.

Disso decorre a vantagem da própria noção de grupos de fatores, e do uso da regra variável na análise quantitativa com o Goldvarb: através da relativização estatística das frequências das construções no contexto variável, torna-se possível medir o peso com que os diversos fatores atuam no seu emprego. Isso traz maior segurança na descrição e explicação dos fatos do uso da linguagem, e deve contribuir para o desenvolvimento de uma teoria lingüística forte, em que a variação - na acepção sociolingüística do termo - não precisa ser colocada à margem.

3.1. O construto do "tempo aparente"

A variação no uso de formas, conforme já se indicou no item 2 acima, pode ser estável com o passar do tempo, ou apresentar mudança. A mudança, por sua vez, pode revelar-se na inversão das tendências de uso das formas, ou na alteração dos pesos com que um ou mais fatores concorrem para o seu emprego. O primeiro caso é comumente referido com a metáfora da "competição" de formas: num recorte temporal mais antigo, a variante V_1 tende a ser mais usada, e num recorte mais recente a variante V_2 passa a sê-lo. Já no segundo caso, ainda que as frequências das variantes possam permanecer praticamente inalteradas nos distintos recortes temporais, um determinado fator que antes favorecia o emprego de V_1 pode passar a inibi-lo, ou ainda tornar-se irrelevante.

A menção de "recortes temporais" nos conduz imediatamente a uma análise em "tempo real", com dados da diacronia. Entretanto, quando há mudança lingüística em curso, ela pode ser detectada com a observação dos usos das variantes em "tempo

aparente", a partir da gradação etária dos falantes de uma comunidade. Hipoteticamente, a gramática da língua falada por um indivíduo não mudaria drasticamente após a puberdade (por volta dos 15 anos de idade); desse modo, a gramática de um falante de 70 anos remontaria àquela de aproximadamente 55 anos atrás.

Estruturada sobre os pressupostos da psicologia desenvolvimentista, que postula que o acesso aos dispositivos cognitivos no processo de aquisição da linguagem é bloqueado a partir de uma certa idade, tal hipótese ainda não foi suficiente e convincentemente testada, segundo Naro 2003:44. Por outro lado, comparações recentes entre estudos de mudança em tempo aparente e em tempo real vêm mostrando que os resultados dos primeiros refletem os resultados dos últimos (Labov 2003, Zilles 2004).

Aqui, a mudança nos usos de EG e TP será examinada com base no construto do tempo aparente a partir dos dados das entrevistas do NURC/SP, cujos informantes são estratificados em três faixas etárias. Quanto aos dados das entrevistas coletadas pelo PEUL/RJ, gravadas com os mesmos falantes em épocas diferentes (separadas por aproximadamente 19 anos), a possibilidade da análise em tempo real foi algo turvada pela pouca variação observada. Como será apresentado no capítulo 5, na análise da porção carioca dos dados, a frequência de emprego de TP é muito baixa, dificultando a comparação quantitativa entre os usos das perífrases por parte dos falantes. Por isso, procedemos também a uma análise qualitativa dos dados cariocas.

4. O *corpus*

A coleta de dados é um passo cuja importância na pesquisa variacionista nem sempre é devidamente enfatizada. Se o objetivo mais geral da lingüística funcionalista é de explicar a estrutura das expressões lingüísticas e o próprio sistema que elas constituem a partir de informações de natureza contextual, de uso, segue que as entrevistas sociolingüísticas deveriam refletir maximamente as situações reais de interação verbal, o que nem sempre é fácil de obter. Por outro lado, se o interesse do sociolingüista

laboviano é analisar as formas variantes e explicar o seu funcionamento, talvez fosse imprescindível que ele mesmo se dispusesse a coletar os dados - considerando que ele teria mais condições de visualizar as relações entre o emprego das formas e características específicas da situação de fala.

Há, contudo, vários conjuntos de entrevistas que foram coletadas com notável qualidade técnica e que já serviram ao desenvolvimento de numerosos trabalhos. Este é mesmo o caso das amostras aqui utilizadas. As entrevistas do Projeto NURC/SP, cujas gravações se iniciaram na década de 70 em 5 capitais brasileiras⁸, tiveram lugar de destaque não só em trabalhos empreendidos individualmente, mas também no desenvolvimento de projetos maiores, em que vários grupos de pesquisa se envolveram, como a Gramática do Português Falado⁹.

Da mesma forma, as entrevistas gravadas pelo PEUL/RJ foram tomadas como *corpus* de análise em diversos trabalhos, e também serviram de modelo para a constituição de outros *corpora*, em outras regiões do Brasil, como é o caso do VARSUL. Recentemente, foi publicado um conjunto de ensaios, organizado em Paiva & Duarte 2003, em que a heterogeneidade nos diferentes níveis da gramática do PB é explorada e quantitativamente abordada.

O desenvolvimento deste estudo sobre o aspecto verbal perifrástico com EG e TP, a partir de amostras dos *corpora* acima permite, então, sua inclusão no contexto dos outros trabalhos que os utilizaram. Assim, os resultados da análise quantitativa aqui apresentados poderão futuramente ser comparados com os de outros trabalhos desenvolvidos a partir dos mesmos *corpora*. Além disso, o acesso relativamente simples às suas entrevistas, bem como o fato de que elas se encontram informatizadas, facilitaram sobremaneira o desenvolvimento desta pesquisa.

⁸ Cf. Castilho & Preti 1986 (orgs.), *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Vol. I - Elocuções Formais.

⁹ Cf. apresentação do projeto em Castilho 1991 (org.), *Gramática do Português Falado*. Vol I - A Ordem.

As entrevistas do NURC/SP que foram analisadas estão dispostas no quadro abaixo. O que elas têm em comum é que todos os informantes nasceram e permaneceram na cidade de São Paulo, e todos têm nível universitário de instrução.

Entrevista	Sexo dos informantes	Faixa etária ¹⁰
Diálogos entre dois informantes		
D2 343	feminino / masculino	1
D2 62	masculino / masculino	1
D2 255	masculino / masculino	2
D2 360	feminino / feminino	2
D2 333	feminino / masculino	3
D2 396	feminino / feminino	3
Diálogos entre informante /documentador		
DID 161	masculino	1
DID 018	masculino	1
DID 251	feminino	1
DID 137	masculino	2
DID 208	masculino	2
DID 234	feminino	2
DID 325	feminino	2
DID 242	masculino	3
DID 250	feminino	3
Elocuções formais		
EF 377	feminino	1
EF 388	masculino	1
EF 124	feminino	2
EF 156	masculino	2
EF 405	feminino	3
EF 153	masculino	3

Quanto aos informantes cariocas gravados pelo PEUL, há variação também no seu nível de escolaridade, de acordo com o quadro a seguir. A Amostra Censo (coletada no início dos anos 80) é na verdade composta por 64 entrevistas, mas aqui foram tomadas apenas aquelas cujos informantes seriam recontactados (o que aqui estamos chamando de amostra Rio 80) e novamente gravados no ano 2000 (amostra Rio 00). Em virtude do intervalo de tempo entre as entrevistas com cada falante, que é no mínimo de 16 anos, tentamos verificar se houve casos em que a mudança no nível de escolaridade foi seguida de mudanças no uso individual das perífrases EG e TP. Trata-se este de um tipo de análise conhecido como "estudo de painel".

¹⁰ Faixa etária 1: entre 25 e 35 anos; faixa etária 2: entre 36 e 55 anos; faixa etária 3: 56 anos ou mais (Cf. Castilho & Preti orgs. 1986).

Falante	1ª Entrevista			2ª entrevista		
	Data	Idade	Escolaridade	Intervalo	Idade	Escolaridade
Eri	1983	9 anos	Fundamental 1	16 anos	25 anos	Ensino Médio
Adr	1983	10 anos	Fundamental 1	16 anos	26 anos	Fundamental 1
AdL	1983	12 anos	Fundamental 2	16 anos	28 anos	Universitário
Fat	1981	15 anos	Ensino Médio	18 anos	33 anos	Magistério
San	1981	15 anos	Ensino Médio	18 anos	33 anos	Universitário
Jup	1982	18 anos	Fundamental 1	17 anos	35 anos	Fundamental 1
Leo	1981	18 anos	Ensino Médio	18 anos	36 anos	Universitário
Lei	1981	25 anos	Fundamental 1	18 anos	43 anos	Fundamental 1
Dav	1980	31 anos	Ensino Médio	19 anos	48 anos	Ensino Médio
Eve	1982	42 anos	Ensino Médio	17 anos	59 anos	Ensino Médio
MGl	1981	52 anos	Ensino Médio	18 anos	70 anos	Ensino Médio
Jan	1981	56 anos	Fundamental 1	18 anos	74 anos	Fundamental 1
Nad	1982	57 anos	Fundamental 2	17 anos	74 anos	Fundamental 2
Joss	1983	59 anos	Fundamental 1	16 anos	75 anos	Fundamental 1
Ago	1982	60 anos	Fundamental 1	17 anos	77 anos	Fundamental 1

Finalmente, deve-se esclarecer que este conjunto de entrevistas do PEUL/RJ foi preferido diante do NURC carioca - outro conjunto de dados à disposição do pesquisador - de modo que se pudesse incluir na análise informantes com baixo nível de escolaridade, bem como dados de épocas diferentes. As entrevistas do NURC gravadas no Rio de Janeiro, do mesmo modo que aquelas da capital paulista, incluem apenas informantes universitários gravados num único recorte temporal.

Embora a inclusão dos dados do NURC carioca teria permitido a comparação diatópica entre comunidades de fala caracterizadas por um mesmo nível de escolaridade, preferiu-se trabalhar com uma amostra mais diversificada: em certa medida, continuou possível a comparação de comunidades (pelo menos qualitativamente), mas também pôde-se observar que TP aparece com frequência ainda menor entre os falantes menos escolarizados. Por outro lado, as entrevistas gravadas pelo PEUL/RJ são reconhecidas entre os sociolinguistas, inclusive internacionalmente, como amostras muito próximas do vernáculo - diferentemente das entrevistas do NURC. Dentre outros fatos, tais amostras permitiram atestar a alta produtividade de EG na língua falada.

CAPÍTULO 2

O ASPECTO VERBAL

1. Variação e Composicionalidade

A consideração de que o aspecto é uma categoria composicional está muito bem difundida e explorada na literatura sobre o assunto. Independentemente do ponto de vista a partir do qual se faz sua abordagem, e a despeito de toda a discordância que pode haver no emprego da terminologia para distinguir tipos de aspectos, se há algum consenso entre os estudiosos de tal categoria é o de que vários elementos numa sentença podem interagir na produção de um valor aspectual.

Se a forma verbal flexionada (simples ou perifrástica), os argumentos internos (no caso dos verbos transitivos), o argumento externo e os adjuntos adverbiais (em que se incluem as orações subordinadas) fazem parte desse complexo composicional, a idéia de variação parece natural. Sendo a língua em uso tão dinâmica, é difícil imaginar que um mesmo aspecto não possa ser veiculado por diferentes combinações de tais elementos.

Neste trabalho, em conformidade com os pressupostos teóricos e metodológicos delineados no capítulo anterior, EG e TP são construções perifrásticas que desempenham papel principal na composição dos aspectos durativo e iterativo. Quanto aos demais elementos das sentenças em que elas aparecem, eles são observados no papel de coadjuvantes, mas também são tomados como variáveis que podem estar envolvidas na seleção de uma ou de outra perífrase.

Como esta seleção pode estar diretamente relacionada com a própria noção aspectual a ser composta na sentença, é imprescindível esclarecer como os termos *durativo* e *iterativo* são aqui empregados; sua definição é feita no item 2, mais adiante, conjuntamente com a exploração das relações entre EG e TP, de um lado, e os demais elementos aspectualizadores na sentença, de outro. Antes, contudo, há que se verificar

qual é o lugar ocupado pela distinção dos verbos em tipos semânticos nesta pesquisa variacionista.

1.1. Classes semânticas de verbos

Na referida "interação" de elementos na composição do aspecto, é comum que o primeiro enfoque recaia sobre o verbo, enquanto item lexical e enquanto núcleo de sentença¹. Em alguns trabalhos recentes, notadamente aqueles que seguem mais de perto a teoria de Verkuyl 1993 e 1999², às características aspectuais do verbo "em estado de dicionário"³ não é dado um lugar de especial destaque, pois neles tal lugar é ocupado pela relação entre o verbo e seus argumentos. Por outro lado, num grande número de trabalhos, juntamente com a predicação verbal na sentença, revela-se a necessidade de operar com classes aspectuais de verbos⁴.

No presente trabalho, vamos lançar mão das categorias semântico-aspectuais de Vendler 1967. Apesar das críticas que lhe podem ser tecidas, sobretudo com base na relatividade de sua classificação quando se comparam línguas diferentes, e no fato de que pode haver controvérsia no tocante ao nível da gramática em que a classificação deve ser de fato feita (no léxico ou no VP), a proposta do autor é no mínimo "instrutiva", nas palavras de Ilari & Mantoanelli 1983.

Ademais, suas classes semântico-aspectuais não são tomadas aqui de um modo que pode ser rotulado de "tradicional", em que o tipo de verbo dá como que uma "indicação" - uma tendência - do aspecto que vai ser expresso na sentença, podendo ela ser *confirmada* ou *alterada* com a flexão verbal, e com os argumentos e adjuntos - conforme detecta Castilho 2000 em sua apreciação da história da aspectologia. Do mesmo modo, a tomada da noção de classes não encontra seu lugar numa teoria aspectual

¹ "Núcleo" de sentença no sentido tradicional, bem entendido.

² Cf. Wachowicz 2003.

³ Tais características são comumente referidas por "aspecto inerente" (Campos 1999), *Aktionsart* (Castilho 1968, Castilho 2000) ou ainda, numa tradução do termo germânico, "modo de ação" (Castilho 1968, Travaglia 1981, Costa 1997).

⁴ Para citar apenas alguns deles: Ilari & Mantoanelli 1983, Viotti & Scher 2000, Gonçalves 2003 e Scher 2004.

que busca perscrutar as relações entre aspecto e "modo de ação"⁵ e que pergunta, por exemplo, quanto de *iterativo* o verbo "saltitar" tem enquanto item lexical.

Para os propósitos deste trabalho, é menos relevante considerar que o verbo "saltitar" lexicalmente remete a uma série de pequenos saltos (o que permitiria o uso do termo "iteração inerente"), e interessa mais esclarecer que:

- (i) iteratividade é um aspecto cuja interpretação se dá na contextualização de uma sentença; desse modo, não convém empregar o termo *iterativo* na referência ao verbo enquanto item lexical;
- (ii) dependendo do sentido aspectual a ser composto na sentença, e possivelmente das características de "saltitar" ou qualquer outro verbo enquanto item lexical, o uso de EG ou TP pode ser favorecido.

Assim, a pesquisa que aqui se apresenta aproxima-se das considerações de Verkuyl 1993 na medida em que o próprio termo *aspecto* é empregado para denominar uma categoria que se atualiza composicionalmente na sentença. Distintamente, porém, a proposta vendleriana - cuja importância é minimizada em Verkuyl 1993 - é aqui contextualizada nos termos da variação: vamos considerar a hipótese de que certos tipos de verbos podem oferecer restrição ao emprego de uma ou de outra construção perifrástica. Dito de outro modo, as classes de Vendler 1967 são aqui tomadas num grupo de fatores, e como tais podem ser quantitativamente controladas.

Acerca dessa hipótese, vale enfatizar imediatamente que ela não é aventada com expectativas de uso categórico - embora seja essa uma observação bastante óbvia, em virtude mesmo da base teórica em que esta pesquisa se sustenta. Isto quer dizer que o termo *restrição* não está sendo aqui empregado do mesmo modo como pode sê-lo na língua francesa, em que verbos de mudança de estado ou de posição (*entrer, sortir, naître, mourir*, etc) não podem figurar na estrutura *avoir + participe passé* (correspondente ao TP do português); ou ainda na inglesa, em que verbos estativos

⁵ Cf. Costa 1976.

típicos (*want*, *know*, *be_{locative}*) não são comumente encontrados na construção *be + gerund*⁶.

À maneira da regra variável, o termo *restrição* é aqui aplicado no sentido de que certos tipos de verbos podem estar correlacionados à seleção de TP ou EG, favorecendo seu emprego em determinados contextos, enquanto que outros tipos de verbos podem inibir o seu uso, naqueles mesmos contextos ou em outros, sem necessariamente bloqueá-los.

Vendler 1967 desenvolve sua proposta basicamente a partir dos verbos do inglês, separando, numa primeira distinção, os verbos que podem ser conjugados tanto na forma simples como na progressiva (*be+gerund*) daqueles que só podem ser conjugados na forma simples. Num segundo nível de distinção, aqueles que podem ser conjugados em ambas as formas são subdivididos em *accomplishments* (quando são inerentemente durativos e télicos) e em *activities* (quando são inerentemente durativos e atélicos). Os verbos que só podem ser conjugados na forma simples são subdivididos em *states* (inerentemente durativos e atélicos) e *achievements* (inerentemente pontuais e télicos).

Os testes empregados para a classificação de um determinado verbo, segundo o quadro sinótico abaixo, envolvem a detecção de um esquema temporal que se define, portanto, pelos traços [durativo/pontual] e [télico/atélico]; os verbos de estado se destacam ainda pelo traço [- dinâmico], em oposição a todos os outros. A noção de *inerência* remete ao fato de que a classificação se dá num nível lexical, mas o próprio Vendler reconhece que a classificação de um mesmo verbo pode ser diferente, dependendo de especificidades de outros elementos envolvidos no predicado, ou seja, no nível da sentença.

⁶ Estes casos de restrição categórica, imposta pela classe verbal, nas línguas francesa e inglesa serão retomados e melhor exemplificados no capítulo 5, quando da apresentação dos resultados da análise quantitativa.

accomplishments [+ dinâmico] [+ durativo] [+ télico]	aceitam a pergunta "quanto tempo levou para...?", mas não aceitam "por quanto tempo...?"	Quanto tempo levou para você <i>correr uma milha</i> ? *Por quanto tempo você <i>corre / está correndo uma milha</i> ? <i>escrever o livro, corrigir a(s) prova(s)</i>
atividades [+ dinâmico] [+ durativo] [- télico]	aceitam a pergunta "por quanto tempo...?", mas não aceitam "quanto tempo levou para...?"	Por quanto tempo você <i>trabalha / está trabalhando</i> ? * Quanto tempo levou para você <i>trabalhar</i> ? <i>escrever, corrigir prova(s), correr</i>
estados [- dinâmico] [+ durativo] [- télico]	correspondem à pergunta "há quanto tempo...?"	Há quanto tempo você <i>tem</i> /* <i>está tendo</i> esse carro? <i>gostar, querer, saber</i>
achievements [+ dinâmico] [- durativo] [+ télico]	correspondem à pergunta "quando...? / a que horas..."	A que horas você <i>chegou</i> ? Quando ele <i>morreu</i> ? <i>cair, terminar</i>

Duas observações devem ser feitas a respeito desse quadro. Inicialmente, a primeira grande distinção observada por Vendler 1967 para os verbos em inglês, de acordo com a qual estados e *achievements* não podem ser conjugados na perífrase correspondente a EG, não é totalmente válida em português:

(01) Eu **est ou gostando** de ir ao cinema durante a semana.

(02) * Eu **est ou tendo** um carro.

(03) Ele **está morrendo**.

(04) As pessoas **estão morrendo**.

Diferentemente do inglês, estativos podem ocupar a posição de verbo principal com EG. O exemplo (02) traz um caso especial em PB, que se assemelha ao inglês. Quanto aos *achievements*, embora sejam possíveis com EG, elementos quantificadores levam a diferentes interpretações - o aspecto em (03) é o progressivo, e em (04) a leitura mais direta é a iterativa.

A segunda observação é a de que os exemplos de verbos *accomplishment* e de atividade dispostos no quadro acima ilustram o que notamos anteriormente: um mesmo verbo, enquanto item lexical, pode ser classificado diferentemente dependendo da natureza semântica de seu argumento interno (*corrigir prova* vs. *corrigir a prova* vs. *corrigir as provas*), ou ainda de sua transitividade (*correr* vs. *correr uma milha*).

No entanto, para os interesses da análise quantitativa que será posteriormente apresentada, mais saliente que a classificação dos verbos em si é a possível relação entre as classes e a seleção de EG ou TP na composição de dois valores aspectuais distintos. Por conta disso, a discussão da proposta vendleriana delineada acima é retomada logo antes da apresentação dos resultados, nos capítulos 4 e 5, dada sua pertinência à definição do contexto variável. Neste ponto, é preciso verificar como o durativo e o iterativo se distinguem, numa tipologia do aspecto.

2. Variação e Tipologia

Quando se quer dar nome aos esquemas temporais estabelecidos na predicação, não é raro que uma multiplicidade de termos seja proposta. Embora este fato encontre justificativa na relação entre aspecto - categoria de propriedades simbólicas (Castilho 2000:19-20)⁷ - e tempo - categoria dêitica (Lyons 1977:705)⁸ - , vamos procurar

⁷ Castilho 2000:20 afirma que "*o conceito de aspecto é primordial*", e "*tem a autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica*". O autor cita ainda Hopper & Thompson 1980:278 - "*aspect depends on an absolute, observer-independent shaping of a state or action*".

estabelecer as distinções no desenho daqueles esquemas com base nas suas características mais gerais, visando sobretudo à abordagem dos usos de EG e TP nos contextos em que são formas alternativas.

Colocando momentaneamente de lado os predicados em que se ressalta o resultado presente de uma ação passada, como em "*o trabalho está feito*", parece que em PB os diferentes aspectos podem ser dispostos e rotulados a partir de dois critérios: o da qualidade e o da quantidade. De acordo com Castilho 2000, do ponto de vista qualitativo, os aspectos subdividem-se em *imperfectivo* e *perfectivo*: no primeiro, temos a visualização do desenvolvimento ou curso de uma ação ou evento, qualificando-se um intervalo de tempo cujo desfecho não é relevante; já no segundo, ou não se configura um intervalo de tempo, ou a distância entre o começo e o fim do desenvolvimento de uma ação é mínima, de modo que ela é visualizada como um ponto. Em português, talvez a exemplificação mais direta dessa subdivisão possa ser feita com base na distinção entre pretérito imperfeito (*andava, tinha, ia*) e pretérito perfeito (*andou, teve, foi*).

Já do ponto de vista quantitativo, temos os aspectos *semelfactivo* e *iterativo*, respectivamente quando a ação ou estado de coisas é "singular" - ou seja, quando se realiza numa única vez -, e quando a ação ou estado de coisas é "plural", realizando-se num número de vezes que pode ou não ser definido, dentro de um certo intervalo de tempo. Castilho 2002 dá como exemplo de *iterativo* os usos da perífrase *viver + gerúndio*, e como exemplo de *semelfactivo* uma série de casos em que não é possível a interpretação de "vezes", como em "*fecha os olhos*", "*pôs-se a pensar*", e outros.

O autor organiza essas definições num quadro que dele tomamos emprestado e aqui adaptamos, de maneira semelhante ao que se faz em Wachowicz 2003. Na coluna dos exemplos, limitamo-nos a dispor casos de uso de EG e TP.

⁸ "The main difference between tense and aspect (...) is that, whereas tense is a deictic category, which involves an explicit or implicit reference to the time of utterance, aspect is non-deictic. (...) The distinction between tense and aspect is hard to draw with respect to what is sometimes described as relative, or secondary, tense." (Lyons 1977:705)

Quadro 2.1 - Tipologia do Aspecto		
Critério qualitativo	imperfectivo	(05) João tem trabalhado pela modernização da área. (06) João está trabalhando pela modernização da área.
	perfectivo	<i>Acuda-me, senhor! Aliás, estou perdido e Henriquet a imolada! A mãe tem decidido que receba o Pancrácio.</i> ⁹
Critério quantitativo	iterativo	(07) João tem viajado de carro. (08) João está viajando de carro.
	semelfactivo	A criança está dormindo nesse momento.

As sentenças (06) e (08) acima podem ser consideradas ambíguas quando descontextualizadas, pois EG pode remeter a uma ação que está em progresso no momento de sua enunciação, além das interpretações aspectuais nomeadas no quadro. Tal sentido não pode ser expresso por TP, que à exceção de alguns casos em que a interpretação pode ser a resultativa, na maioria das vezes remete a um intervalo de tempo cujo início está em algum momento anterior ao presente da enunciação. Por conta disso, (06) e (08) são dadas como exemplos no quadro considerando-se que sua interpretação é a mesma das sentenças com TP com que formam par, respectivamente (05) e (07).

Na sequência da argumentação, e de acordo com o critério quantitativo, quando EG remete a uma ação ou evento em curso no momento da enunciação, o aspecto não é o *iterativo*, mas sim o *semelfactivo*. Por outro lado, se a ação ou evento está em curso, a noção de imperfectividade continua envolvida. Isso tudo remete ao fato de que os critérios qualitativo e quantitativo não se aplicam de modo mutuamente exclusivo - fato esse que Castilho & Moraes de Castilho 1994 resumem com a chamada "dupla face" do aspecto verbal.

Dessa forma, quatro combinações são possíveis; conforme os critérios qualitativo e quantitativo sejam aplicados conjuntamente, as ações e eventos podem ser: imperfectivos/semelfactivos, imperfectivos/iterativos, perfectivos/semelfactivos, perfectivos/iterativos. Esses aspectos podem ser exemplificados como no quadro abaixo:

⁹ O exemplo foi extraído de Boléo 1936 (A. Feliciano de Castilho, *As Sabichonas*. "Versão Libérrima" das *Femmes Savantes* de Molière. Coimbra, 1925, acto IV, sc.7.). A intenção aqui é indicar que o uso perfectivo de TP é mais antigo e, pode-se dizer, raro na atualidade. Tal afirmação vem melhor elaborada no capítulo 3.

Face Qualitativa	Face Quantitativa	
Imperfectivo	semelfativo	(05) João tem sido vítima da modernização de sua área. (06) João está sendo vítima da modernização de sua área.
Imperfectivo	iterativo	(07) João tem viajado de carro. (08) João está viajando de carro.
Perfectivo	semelfativo	(09) Ele chegou às 10 em ponto.
Perfectivo	iterativo	(10) Ele chegou atrasado várias vezes no mês passado.

As duas últimas linhas do quadro acima não são relevantes para o desenvolvimento deste trabalho, pois já observamos que a noção de imperfectividade está sempre de algum modo envolvida no uso das perífrases EG e TP. Relativamente às suas duas primeiras linhas, os exemplos do quadro anterior foram repetidos, evidenciando a proposta de Castilho 1994 e 2000 sobre a co-ocorrência das faces qualitativa e quantitativa no aspecto, e para refinar a classificação deles.

No entanto, neste trabalho não apenas se faz uma oposição entre iterativo e durativo, mas também se revela a necessidade de distinguir o imperfectivo que está em curso no momento da enunciação da sentença e o imperfectivo que não necessariamente está em curso em tal momento. De um lado, considerar o durativo em oposição ao iterativo poderia configurar um posicionamento contrário à proposta da dupla face do aspecto. De outro, falar em "sub-tipos" de imperfectivo poderia sugerir uma insuficiência da tipologia proposta e sumarizada acima. E não é isso que se está buscando aqui.

Nos sub-itens a seguir, formulam-se então as justificativas tanto para a oposição entre iterativo e durativo, bem como para a distinção entre sub-tipos de imperfectivo. As motivações para essas justificativas, na verdade, provêm mais de um âmbito empírico que de um âmbito teórico: a tipologia do aspecto no quadro 2.1 dá conta da classificação das ocorrências de EG e TP do *corpus*, mas não permite que elas sejam diretamente abordadas do ponto de vista variacionista do modo como aqui se pretende fazer.

Além da apresentação das necessárias distinções e de suas justificativas, procedemos também a uma retomada dos predicados estativos que expressam *resultativo*, um aspecto que mais acima foi posto de lado e que não aparece na classificação do quadro 2.1. Embora tais casos não sejam relevantes na análise quantitativa dos dados sincrônicos, sua abordagem se faz necessária na análise qualitativa dos dados da diacronia no capítulo 3, e por isso há que se fazer uma revisão ao menos da terminologia empregada.

2.1. Progressivo vs Durativo

O termo *imperfectivo* pode comportar distinções que o quadro acima não traz. Na verdade, o próprio Castilho 2002 apresenta sub-tipos - o *inceptivo*, o *terminativo* e o *cursivo* - conforme a operação da ação ou do evento seja focalizada no seu início, no seu fim ou em pleno curso, respectivamente. Essas especificações do aspecto *imperfectivo* encontram sua razão no fato mesmo de que é possível reconhecer fases na operação de uma ação ou de um evento.

Essas distinções, dada sua inclusão na tipologia, impõem um desejado limite a uma tendência quase irresistível de cunhar um termo diferente e especial para cada modo de ver o esquema temporal simbolicamente constituído no aspecto, como se pode verificar em alguns trabalhos, entre os quais podem ser incluídos Costa 1976 e Travaglia 1981. Para os propósitos específicos da abordagem variacionista de EG e TP, contudo, há uma distinção que pode ser feita no terreno do *imperfectivo* que nos faz falta: o momento em que a sentença imperfectiva está sendo enunciada está ou não incluído no intervalo de tempo circunscrito pelo esquema aspectual? É disso que vamos tratar aqui.

É muito comum denominar a perífrase EG de "construção progressiva" em português, como ocorre em Schmitz 1999 e Ilari & Mantoanelli 1983. Em alguns trabalhos, a exemplo desses que foram citados, o termo *progressivo* é empregado para denominar o aspecto possivelmente considerado mais típico, mas às vezes o termo pode se referir à própria construção, como em Wachowicz 2003, que chama EG de "forma do progressivo" em PB, e associa a ela diferentes leituras aspectuais - ou seja, a leitura progressiva propriamente e outras.

O que este trabalho quer evidenciar é que, dependendo do modo como o termo *progressivo* é entendido, certos casos de EG escapam da categoria simbólica a que a denominação remete. E são justamente esses casos aos quais o termo não se aplicaria que mais nos interessam aqui. Vejam-se as sentenças abaixo, importadas do artigo de Ilari & Mantoanelli 1983.

(11) Maria **está fritando** bolinhos.

(12) O senhor não sabe com quem **está falando**.

Queremos propor aqui que *progressivo* denomina melhor o aspecto em (12) que em (11). Em (12), considerando que o interlocutor que pronuncia a sentença é o mesmo referente do pronome *quem*¹⁰, a única interpretação possível é a de que a "conversa" está ocorrendo no momento em que (12) é enunciada. Já em (11), a sentença não é verdadeira *apenas* quando Maria está fritando bolinhos no momento em que a sentença é enunciada; em outras palavras, a sentença em (11) pode ser verdadeira mesmo se Maria não estiver fritando bolinhos naquele exato momento. Ou seja, o termo *progressivo* pode ser tomado como mais conveniente em (12) porque de fato descreve uma ação em progresso, em curso.

¹⁰ Isto sugere que, se a sentença em (12) tiver sido enunciada por um interlocutor I₁ a respeito de um outro falante F qualquer (referente do pronome *quem*), não presente no momento em que se dá o diálogo com o interlocutor I₂ (referido pelo pronome de tratamento *o senhor*), outra interpretação aspectual é possível para (12), pois a "conversa" entre I₂ e F não estaria ocorrendo no momento da enunciação de (12) por I₁.

Assim sendo, os usos de EG que configurarem casos de progressivo, nos termos acima, não são considerados nesta pesquisa, e sobretudo não são incluídos na análise quantitativa, pois a perífrase TP não pode ser usada em seu lugar, como forma alternativa:

(11a) Maria **tem fritado** bolinhos.

(12a) * O senhor não sabe com quem **tem falado**.

A sentença em (12a) não é impossível em PB, mas é agramatical na situação de fala em que (12) foi enunciada: o interlocutor I₁ (cujo referente é o mesmo do pronome *quem*) está falando naquele momento com o interlocutor I₂ (cujo referente é recuperado pelo pronome de tratamento *o senhor*). Nessa agramaticalidade expressa-se o fato de que TP não veicula o *progressivo* e, conseqüentemente, indica que EG e TP não são variantes quando este é o aspecto a ser composto na sentença.

Por outro lado, a imperfectividade permanece inalterada no par (11)/(11a), e o que há em comum entre elas é o fato de que *está fritando/tem fritado* podem ambos remeter a um intervalo de tempo que não engloba, necessariamente, o momento da enunciação. Esse intervalo de tempo tem seu início em algum momento do passado, cuja definição é irrelevante, e continua até o presente, mas não até o exato presente da enunciação.

A sentença em (11), na verdade, pode ser considerada ambígua fora de contexto, pois a leitura progressiva também é possível. Tal leitura é facilitada em (11b):

(11b) Maria **está fritando** bolinhos. [Ela não pode te dar atenção agora, infelizmente]^{S2}

(11c) [Infelizmente, a Maria perdeu aquele emprego]^{S1}. [Agora acabou a moleza]^{S2}. Maria **está fritando** bolinhos.

Mais uma vez, a diferença entre (11b) e (11c) é que, na primeira, o momento da enunciação da sentença está obrigatoriamente incluído no intervalo de tempo caracterizado pelo progressivo. Distintamente, em (11c) o evento não tem que estar acontecendo no momento de sua enunciação. Portanto, para a leitura em (11b), o emprego de TP é bloqueado; mas para a leitura em (11c), TP é uma forma alternativa.

Assim, visando a estabelecer uma terminologia que reflita as distinções observadas, propomos que a leitura em (11c) seja denominada "durativa". O que se está dizendo, então, é que estamos considerando que há dois sub-tipos de imperfeito: o *progressivo* e o *durativo*. Estes sub-tipos não guardam relação com as fases da operação da ação ou do evento, como na proposta de Castilho 2000, mas sim com o fato de se o momento da enunciação está ou não englobado pelo intervalo de tempo que caracteriza a imperfectividade.

Todos estes exemplos nos fazem pensar que, embora o aspecto seja uma categoria que se atualize no nível da sentença, não se pode negar que elementos discursivo-pragmáticos têm seu papel na leitura aspectual de uma sentença. Em (12) acima, parece razoável dizer que a leitura progressiva de "*O senhor não sabe com quem está falando*" depende do conhecimento pragmaticamente compartilhado de que o referente do pronome *quem* é o mesmo do interlocutor que enuncia a frase. Conforme já se anotou, a leitura pode não ser a progressiva, numa situação em que o pronome *quem* e o interlocutor que está falando são pessoas diferentes.

Além disso, os pares de exemplos (11b)/(11c) mostram que uma mesma estrutura - a sentença fora dos colchetes (SN_{singular} + EG + SN_{plural}) - pode ter leituras aspectuais diferentes, dependendo de outras sentenças anterior ou posteriormente posicionadas. Configura-se, então, um caso em que claramente ocorre o que Poplack 1980 chama de "desambiguação discursiva"¹¹, de acordo com a qual determinados itens (no nosso caso, itens aspectualizadores, tais como *agora*) não precisariam ser discursivamente instanciados numa sentença, quando eles são especificados mais cedo ou mais tarde no contexto em que ela aparece.

Isto significa que a interpretação do aspecto das sentenças com EG e TP que foram encontradas no *corpus* foi feita levando-se em conta o contexto da entrevista de que foram extraídas. Por essa razão, muito embora a perífrase EG seja muitíssimo produtiva no *corpus*, a quantidade de casos levada em conta na análise quantitativa não

¹¹ Tradução literal dos termos da autora, "*discourse disambiguation*".

foi tão grande, pois o isolamento dos casos foi definido pela imperfectividade (*durativa* e *iterativa*, como veremos a seguir).

2.2. Durativo vs Iterativo

Toda essa argumentação nos leva a uma segunda distinção - aquela entre continuidade e intermitência. O *progressivo* é contínuo por excelência, mas o que se chamou de *durativo* acima - o aspecto *imperfectivo* cujo intervalo de tempo não engloba o momento da enunciação da sentença - pode-se efetuar de maneira contínua ou escalonada. Se o evento é continuamente representado, segue que ele é percebido como "único" - o que nos remete ao *semelfactivo*. Distintamente, se há escalonamento¹² no decorrer do tempo, o evento não é visualizado como único - é antes percebido como um evento que se repete. Neste caso, pensamos imediatamente em *iterativo*.

Iterativo e *semelfactivo* são, portanto, sub-tipos de *durativo*, que por sua vez é um sub-tipo de *imperfectivo*, na proposta terminológica que se faz aqui. Castilho 2000 já havia proposto essa relação, indicando que o *iterativo* não precisa ser tomado como "um outro aspecto"¹³, e pode ser entendido como um modo especial de marcar imperfectividade. Entretanto, com base na hipótese de que a variabilidade no emprego de EG e TP pode apresentar diferenças conforme o aspecto seja este ou aquele, optamos por chamar de durativo propriamente os casos semelfactivos, em oposição aos iterativos.

Tal hipótese envolve uma questão metodológica já referida anteriormente, qual seja, os "diferentes" aspectos são tomados como os fatores de uma das variáveis independentes de natureza lingüística consideradas no estudo. Além dessa questão, que justifica a oposição dos termos *durativo* e *iterativo*, pode-se ainda aludir ao fato de que na "tradição" dos estudos aspectuais é mais comum tomar o iterativo como "um outro aspecto" - fato esse que confere ao apontamento de Castilho 2000 um positivo caráter de

¹² O termo é de Ilari 2000.

¹³ Nas palavras do autor: o aspecto iterativo "*representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo. Desse ponto de visto, não se trata, a rigor, de 'um outro aspecto' e, em consequência, haverá um iterativo imperfectivo e um iterativo perfectivo*" (Castilho 2000:32).

excepcionalidade. Neste sentido, ficamos aqui numa espécie de "meio-termo": opusemos iterativo e durativo (numa concessão ao tradicional, considerando que pode soar incomum e por conseguinte menos rapidamente acessível a afirmação de que o iterativo é um tipo de durativo), mas insistimos, com Castilho 2000, que a rigor trata-se de um mesmo aspecto.

Devemos ainda considerar que, a despeito do refinamento da proposta tipológica calcada na dupla face do aspecto, o *iterativo* parece funcionar como uma sorte de aspecto “especial” nos usos, diante da continuidade do durativo. Dito de outra forma, quando há quantificação da ação ou evento, a face quantitativa do aspecto parece sobressair-se e ressaltar-se, diante da qualitativa. Tal saliência pode ser assim parafraseada: se o evento/ação se repete com o passar do tempo, é como se não viesse ao caso perguntar se se trata de um perfectivo ou de um imperfectivo. Isso pode ser ilustrado com os exemplos:

progressivo	(13) Atende o telefone pra mim? Diz que eu estou tomando banho e ligo depois.	(13a) * Atende o telefone pra mim? Diz que eu tenho tomado banho e ligo depois.
durativo	(14) Já faz tempo que ela está se dedicando ao balé.	(14a) Já faz tempo que ela tem se dedicado ao balé.
iterativo	(15) Eu tô saindo muito pouco.	(15a) Eu tenho saído muito pouco.

O par (13)/(13a) foi dado aqui numa retomada dos exemplos arrolados no subitem anterior, a fim de equiparar os casos que não foram incluídos na análise com aqueles que sim foram. Nas sentenças (14) e (14a), temos um exemplo de um intervalo de tempo que não circunscreve necessariamente o momento da enunciação, e considera-se que o evento "dedicar-se ao balé" é verdadeiro para o sujeito *ela* em todos os momentos de tal

intervalo - ainda que seja óbvio que a "dedicação factual" do sujeito ao balé não se dê de forma ininterrupta¹⁴, com o passar do tempo.

Já em (15) e (15a), *sair* é um evento quantificado, ou seja, ocorre necessariamente mais de uma vez. Configura-se, então, o "escalonamento no tempo": há momentos, dentro do intervalo de tempo (que, neste caso, não foi definido na sentença) em que o evento é verdadeiro, e outros momentos em que não o é. Dado o adjunto adverbial de (baixa) frequência - *muito pouco* - o número de vezes em que o evento é verdadeiro é menor que o número de vezes em que ele é falso.

Do modo como discutimos anteriormente, entre o *durativo* e o *iterativo* há em comum a configuração de um intervalo que se estende do passado para o presente (o valor de imperfectividade), sem incluir o momento exato da enunciação da sentença (em oposição ao *progressivo*). Entretanto, se de um lado o *durativo* tem caráter simbolicamente contínuo, de outro o *iterativo* se configura na intermitência do evento ou da ação. É nesse sentido que propomos que o *iterativo* é uma sorte de função especial: quando há intermitência, ou descontinuidade, é isto que aparece em relevo.

Com efeito, o teste mais eficaz para distinguir os casos iterativos dos durativos é o dos adjuntos adverbiais de frequência, notadamente aqueles que incluem o termo "vezes". Tais adjuntos não podem ser inseridos nas sentenças com EG e TP, naqueles contextos em que expressam durativo:

(14b) * Já f az t empo que ela **est á** se **dedicando** / **t em** se **dedicado** muit as vezes ao balé.

(15b) Eu **est ou saindo** / **tenho saído** muit as vezes [nos últ imos meses / ult imament e].

Este teste foi sugerido por Ilari 2000 e mostrou-se eficaz na distinção do aspecto das sentenças extraídas do *corpus*. O autor mostra também que a noção de iteração (ou escalonamento no tempo) não é compatível com uma quantidade de vezes definida. Embora ele tenha se referido apenas aos casos de TP para apresentar esta restrição, pode-se afirmar que ela também vale para os casos de EG iterativo:

¹⁴ O sujeito não está no palco do teatro, ou no seu estúdio de ensaio, "o tempo todo".

(15c) * Eu **estou saindo** / **tenho saído** três vezes (nos últimos meses / ultimamente)

2.2.1. *Ter + particípio, estar + gerúndio* e os adjuntos adverbiais

As relações entre as perífrases aqui consideradas e os adjuntos adverbiais não se dão apenas nas situações de teste para distinguir iterativo e durativo, do modo como se discutiu acima. O papel dos adjuntos adverbiais na composição aspectual, sobretudo quando se trata de quantificação, é reconhecido em diversos trabalhos, sobre diversas línguas - cf. Dietrich 1973, Harris 1982 e Herslund et alii (eds.) 1983 (línguas românicas); Vuyst 1985 e Goedsche 1940 (línguas anglo-germânicas); Dahl & Karlsson 1976 (russo e finlandês) e Mufwene 1984 (línguas crioulas de base inglesa).

Como se advertiu na introdução a este trabalho, não procedemos a uma explanação das relações entre os adjuntos adverbiais e as perífrases numa formalização dos valores aspectuais. Entretanto, tomamos estes itens como integrantes de uma outra variável independente (grupo de fatores), que pode se correlacionar à seleção de EG ou TP nos usos. Hipoteticamente, a expressão do iterativo com EG seria favorecida pela presença de adjuntos adverbiais quantificadores, ao passo que a sua ausência na sentença inibiria o emprego de EG e favoreceria o de TP.

A constituição desse grupo de fatores é melhor descrita no capítulo 4 e a hipótese é mais bem discutida no capítulo 5, quando da apresentação dos resultados da análise quantitativa. No presente item, vem ao caso contextualizar tal hipótese na tipologia aqui colocada em evidência: a perífrase EG acumula mais funções que TP no uso contemporâneo e por isso, supostamente, a composição do iterativo com EG deveria contar também - talvez na maioria dos casos - com a presença de adjuntos quantificadores. Aproveitando um exemplo já citado acima:

(16) Maria **está fritando** bolinhos (agora).

>PROGRESSI VO: agora = neste momento

(17) Maria **está fritando** bolinhos (agora).

>DURATI VO: agora = hoje em dia, ultimamente

(18) Maria **está fritando** bolinhos f r e q ü e n t e m e n t e. >escalonamento no tempo => I TERATIVO

(19) Maria **tem frito** bolinhos. >escalonamento no tempo => I TERATIVO

Quantitativamente, se a hipótese acima estiver correta, é possível que casos como (18) sejam mais frequentes que aqueles do tipo de (19), considerando que EG vem se tornando mais funcionalmente produtiva na língua falada. Quanto aos exemplos (16) e (17), o adjunto *agora* entre parênteses serve para mostrar, mais uma vez, que a distinção entre durativo e progressivo depende de outros elementos. Se eles não estiverem presentes na sentença, certamente serão recuperáveis no contexto maior.

A equiparação de (18) e (19), no intuito de mostrar a diferença que o advérbio de frequência faz no uso iterativo de EG, de um lado, e o fato de que ele é desnecessário com TP iterativo, por outro, pode ainda ser apoiada pelos dizeres de Boléo 1936:128:

“Para a significação iterativa (...) as expressões adverbiais não só são supérfluas como induzem ainda em erro. O que torna este tempo¹⁵ expressivo na sua concisão e característico da língua portuguesa, é exatamente a faculdade de poder exprimir a duração ou a repetição duma acção (ou estado) sem palavras acessórias.”

2.2.2. *Ter + particípio, estar + gerúndio* e os argumentos verbais

Da mesma forma que na abordagem das relações entre as formas perifrásticas e os adjuntos adverbiais aspectualizadores, os argumentos verbais não são examinados neste trabalho com vistas a descrever e explicar o seu papel numa semântica formal do aspecto. Seguindo Castilho 2000 e Ilari 2000, assumimos que o número do sujeito e dos argumentos internos do verbo pode ter papel decisivo sobretudo na composição do iterativo. Se consideramos que a forma TP é mais produtiva justamente quando se trata deste aspecto, é possível que haja menor interação entre tal perífrase e os diferentes tipos de sujeitos/argumentos nesse caso. Por outro lado, é possível que o emprego de EG na composição do iterativo esteja de algum modo vinculado aos sujeitos e/ou argumentos internos plurais e genéricos.

¹⁵ O autor está se referindo ao “passado composto”, expresso na forma *ter + particípio*.

Castilho 2002:34 afirma que a iteratividade pode ser gerada por argumentos verbais dos seguintes tipos: sujeito [- específico] e/ou complemento nulo; sujeito e/ou complemento pluralizados; sujeito quantificado. Assim, quando EG e TP são observadas na posição de variantes, os argumentos externos e internos do verbo são outras variáveis independentes que devem ser consideradas.

2.3. O Resultativo

Quando se apresentou a tipologia do aspecto no item 2 acima, os predicados estativos, mais especificamente aqueles que expressam o resultado de uma ação passada, foram deixados de lado. A razão para isso está, evidentemente, no fato de que o aspecto resultativo não é relevante na análise sincrônica de EG e TP. No entanto, o iterativo parece ter evoluído a partir de construções resultativas em várias línguas (cf. Bybee et alii 1994 e Bybee & Dahl 1989). Como no capítulo 3 são feitas apreciações acerca dessa possibilidade no português, vamos esclarecer como o termo *resultativo* é empregado, bem como verificar o lugar que tal aspecto ocupa na tipologia.

Em seu artigo, Castilho 2002 define o *resultativo* a partir do exemplo *a casa está arrumada*. Acerca deste, o autor afirma: "*constata-se que aí se expõe um ponto de vista complexo sobre o sujeito, de que se ressalta um estado presente resultante de uma ação passada*". Nesse mesmo artigo, Castilho dispõe o resultativo como um sub-tipo do perfectivo, uma vez que ele implica uma predicação acabada. Em outro trabalho - Castilho 1984 - o mesmo autor havia disposto tal aspecto fora do conjunto daqueles que dizem respeito à operação da ação, em que se evidenciam as faces qualitativa e quantitativa revistas acima. Nesse outro artigo, portanto, o autor havia oposto operação a resultado.

Bybee & Dahl 1989 estabelecem uma lista de diferenças entre perfectivo e resultativo, dentre as quais a primeira e mais saliente é a seguinte: o resultativo remete necessariamente ao resultado direto de um evento anterior, enquanto que o perfectivo não implica a presença da noção de um resultado, como por exemplo no caso em que um

resultado já foi cancelado no presente da enunciação - "*a Polônia foi dividida algumas vezes por seus vizinhos*".¹⁶

Tal discussão encontra seu lugar nesse trabalho na medida em que certas construções com TP podem ser interpretadas como resultativas, a exemplo de (20) abaixo:

(20) João **tem** os filmes **vistos**.

(21) João **tem visto** os filmes.

Em virtude do processo de auxiliarização de *ter* (que historicamente experimentou mudança semântica na construção perifrástica, a partir do enfraquecimento da noção de posse a ele associada), e também através de um processo de reanálise da construção em si (cuja evidência mais notável repousa na vertiginosa diminuição na frequência tanto dos casos em que o argumento interno é colocado entre o auxiliar e o particípio passado, quanto daqueles em que há concordância entre o particípio e o argumento interno de *ter*), é provável que (21) tenha surgido na língua portuguesa a partir de casos como (20) (Mattos e Silva 1993:64 e 2002:129-134).

No capítulo 3, vamos discutir acerca do percurso evolutivo da perífrase TP, atentando para a diferença entre perfectividade e imperfectividade. Em séculos passados, há evidências suficientes que permitem constatar que a sentença em (21) seria interpretada como “os filmes já foram, *todos*, vistos pelo João”. Atualmente, interpretamos que a quantidade de filmes que João teria que ver está distribuída ao longo do tempo, do passado até o presente; e, se *ele tem visto os filmes*, significa que ainda não viu todos.

¹⁶ Bybee & Dahl 1989:68-9 - "*Resultatives are restricted in their meaning by having only the reading 'the direct result of such-and-such an event prevails' where the nature of the result is directly defined by the meaning of the verb. Perfects, on the other hand, typically do not imply the presence of a direct result: they can be used both in cases where no such result can be defined at all (e.g. with statives and 'activities') or where a former result has been cancelled at the point of reference (as in Poland has been divided by her neighbors several times).*"

Também é possível a interpretação de que há um conjunto de filmes que João vê repetidamente. Neste caso, não é a quantidade de filmes que estaria distribuída ao longo do tempo, mas sim o próprio evento “assistir os filmes”. De acordo com Ilari 2000, essa é uma interpretação discutível no uso corrente do português; mas, de qualquer modo, o que nos interessa é atentar para o fato de que, independentemente das especificidades das diferentes interpretações, (21) denota imperfectividade, enquanto que (20) denota perfectividade – mais especificamente, aspecto resultativo.

2.4. Ambigüidade

No decorrer do item 2.2 acima, argumentou-se que o *durativo* e o *iterativo* são subtipos de imperfectivo, já que ambos envolvem um intervalo de tempo que se estende do passado ao presente. Vimos ainda que o *durativo* pressupõe continuidade e que o *iterativo* pressupõe escalonamento no tempo, e que essa distinção é verificável no contexto em que as sentenças com EG e TP se inserem, quando não é diretamente expressa no interior das próprias sentenças.

Na análise do uso das perífrases, contudo, pode-se considerar que há contextos em que a oposição continuidade/intermitência - e conseqüentemente a distinção durativo / iterativo - não é relevante. Este casos tiveram o aspecto classificado como ambíguo:

(22) D2 SP 62

atualmente pensa-se em quantidade... abre-se faculdades à vontade mas um outro campo também que eu vejo aí que está que seria mais um campo dos administradores e economistas ... **estão sendo invadidos** e são pelos engenheiros

Embora seja possível visualizar a repetitividade da "invasão", pode-se afirmar que a intermitência aí envolvida é tão amiudada que se aproxima do sentido de continuidade. Em outras palavras, parece que o evento constitui uma verdade para todo o intervalo de tempo (indefinido, neste caso) circunscrito pelo aspecto, e não uma verdade que se instaura em intervalos menores dentro daquele intervalo (que poderíamos chamar de verdade escalonada). Aliás, parafraseando (22) em (23), a inserção de um adjunto adverbial que enfatize a repetição não parece ser diretamente aceitável:

(22) D2 SP 62

? é um campo que **está sendo** repetidas vezes / repetidamente **invadido** pelos engenheiros.

Prever uma classe de casos "ambíguos", num trabalho como o que aqui se apresenta, significa dar lugar para os usos na língua que não se encaixam entre os prototípicos. Em se tratando da categoria do aspecto verbal, o fato de que ela constitui uma das variáveis dependentes ou grupos de fatores, permite que os usos de EG e TP não-prototípicos sejam quantitativamente comparados com aqueles cuja classificação obedece mais prontamente aos testes dos adjuntos adverbiais de frequência.

Como será possível verificar no capítulo 5, os casos ambíguos chegaram a ser considerados separadamente em alguns momentos da análise quantitativa, nos casos em que era desejável observar os resultados referentes aos casos prototípicos de iterativo e durativo. Por outro lado, a vantagem de levar em conta também os casos ambíguos, em algumas das seções da análise, está na possibilidade de explicar o uso alternativo de EG e TP não apenas em relação ao aspecto iterativo e ao durativo, mas também naqueles casos em que a linha demarcatória das classes não é tão clara.

CAPÍTULO 3

O PERCURSO EVOLUTIVO DAS PERÍFRASES

*“Que a Vossa Senhoria se deve todo o bom arranjo de dese Collegio he couza Publica, pois o Senhor Intendente o **tem dito** e **esta dizendo** a todos grandes e pequenos nesta corte, e eu não seço de Publicar que se não fossem as luzes que recebi de Vossa Senhoria nada podia fazer, e se fis Alguma Couza que mereça o nome de boa, toda a Gloria pertence a Vossa Senhoria e seria negar a Lus ao Sol quando se nao falase assim verdade. Porem, Senhor meu, o cazo he que o tempo presente e as Gentes que vivem nelle não conhesem, ou se conhesem o que he Utilidade Publica, não se dão por entendidos; a Emulação rezide no coração daqueles que so enteresaõ em escurecer a Gloria daqueles que sso se entercaõ na utilidade Publica e são amantes da Patria e Bemfeitores dos Indigentes.”¹*

[Diogo Ignácio de Pina Manique (1733-1805), em *Cartas do Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha*]²

Ao longo dos dois capítulos anteriores, vimos argumentando a favor de uma análise quantitativa das perífrases *estar + gerúndio* (EG) e *ter + particípio* (TP), enquanto variantes de uma variável. No primeiro deles, dedicamo-nos a explicitar as bases teóricas de tal empreendimento, esclarecendo também os procedimentos envolvidos numa análise desse tipo; no segundo, especificamos o aspecto verbal como a categoria que caracteriza o envelope de variação, cuja definição detalhada é feita no capítulo 4. Portanto, além dos objetivos específicos de cada um dos capítulos anteriores, a preocupação central que os alinhava é a de mostrar que EG e TP são construções que desempenham a mesma função aspectual em certos contextos. De fato, já na Introdução foi dado um exemplo em que um mesmo falante emprega as duas perífrases com um mesmo verbo principal, na composição do *durativo* e do *iterativo* (Cf. p.4). Esta foi a primeira evidência, de natureza sincrônica, da variação que aqui focalizamos.

¹ Na transcrição desse excerto, foi mantida a ortografia do original publicado pelo *site* abaixo referido, mas foi incluída pontuação, para maior fluência de sua leitura.

² As datas entre parênteses se referem ao nascimento e morte do autor do documento, conforme informado pela fonte – o corpus diacrônico compartilhado Tycho Brahe (www.ime.usp.br/~tycho/corpus). O ano de publicação do documento não foi fornecido pela fonte; a data de nascimento dos autores dos documentos é mesmo o critério para sua disposição entre os textos dos séculos XVI a XIX.

Contrariando o que dizia nossa epígrafe no presente capítulo, o objetivo geral é o mesmo: oferecer evidências de que EG e TP convergiram para um uso semelhante - guardadas as distinções que possam ter mantido - através do tempo. Trata-se, portanto, de um momento diacrônico neste trabalho. Não será feita uma análise quantitativa dos dados de outros séculos, mas serão examinadas ocorrências que permitam verificar que EG e TP passaram a ser usadas em contextos funcionalmente idênticos, ainda que em seu processo evolutivo elas não tenham sempre constituído formas exatamente alternativas para uma mesma função lingüística.

Diferentemente da evidência apresentada na Introdução, o emprego das duas perífrases, ao lado uma da outra, na epígrafe que dá início a este capítulo, indica que seus significados são possivelmente distintos ainda no século XVIII. *Tem dito* e *está dizendo* apresentam especificidades temporais: o primeiro reporta ao passado, mais ou menos distante em relação ao momento em que a carta está sendo escrita (não há indicações específicas, sob a forma de datas ou intervalos de tempo, no trecho citado); o segundo reporta ao presente em que se insere a escritura da carta. Em outras palavras, acreditamos que o autor do texto está se referindo a algo que *já foi dito*, em algum momento do passado, e que *continua a ser dito* até então.

Esta diferença intuitivamente descrita como temporal é, também, aspectual: os termos “já” e “continua” acima empregados denotam a respectiva distinção entre “realizado” e “em realização”. É o mesmo, portanto, que falar em “acabado” e “em curso”. Do modo como vimos no capítulo 2, podemos então dizer que TP foi usado naquele trecho para expressar *aspecto resultativo* - um subtipo de *perfectivo* -, enquanto que EG foi usado para expressar *aspecto durativo* - um subtipo de *imperfectivo*. E mais: considerando que as formas aparecem uma após a outra, é provável que naquela época a relação entre forma e função não era variável tal qual o é atualmente: TP seria uma forma exclusivamente perfectiva, enquanto EG seria exclusivamente imperfectiva.

O uso das duas formas ao lado uma da outra vai nos servir, em princípio, para dar voz ao contra-argumento fundamental que ofereceria resistência à tese da variação: as

duas formas perifrásticas “são diferentes”. Daí seguiria o questionamento à abordagem variacionista de tais construções: se elas são diferentes, como poderiam ser analisadas enquanto “formas alternativas”?

De fato, essa é uma pergunta que tem seu lugar aqui, não só porque ela foi efetiva e informalmente colocada por leitores e interlocutores nas fases prévias do desenvolvimento deste trabalho, mas também porque a distinção evidenciada pela epígrafe acima se mostra com certa clareza ainda nos dados do século XIX, tanto em textos do português europeu como do brasileiro.

Entretanto, o exame dos dados diacrônicos permitirá constatar que:

- (i) tal distinção é menos forte no século XIX que nos séculos anteriores, sobretudo o XVI; ou seja, ela é significativamente menos manifesta nos dados mais recentes que nos mais antigos;
- (ii) no século XVIII, TP não é uma forma “exclusivamente” perfectiva, diferentemente do que foi sugerido acima; nos dados daquele século, e também naqueles do XVII, aparecem ocorrências do passado composto em que há conexão entre o passado e o presente da enunciação.

Dessa forma, na análise que apresentamos a seguir, admitimos que essa distinção existe numa perspectiva diacrônica. Ao cotejar os dados mais antigos com os contemporâneos, contudo, vamos verificar que o fato de que certas distinções possam persistir no processo de evolução do uso das formas não exclui a possibilidade de que elas sejam empregadas como equivalentes em contextos específicos e passíveis de descrição. Indo mais além, o exame dos dados diacrônicos deverá mostrar que o uso *perfectivo* de TP cedeu lugar ao *imperfectivo* (tanto ao *durativo* quanto ao *iterativo*, mas sobretudo a este último); e assim, os aparentes contra-exemplos para a abordagem variacionista das perífrases, ao dar lugar à dúvida sobre a validade desta tese, devem acabar corroborando-a.

1. Ter + Particípio através dos séculos

Numa espécie de Gramática “conversada” do século XVII³, *ter + particípio* é definida como uma construção que expressa tempo passado:

Mestre. Que coisa é Verbo Auxiliar?
D. É o Verbo, que ajuda os demais a formar os seus tempos.
(...)
M. E a que Verbos serve de Auxiliar o Verbo Ter?
D. Aos ativos, neutros, e Passivos.
M. Dizei exemplos.
*D. Eu **tenho amado** aqui serve de Auxiliar ao Verbo ativo amo. Eu **tenho gritado**. Aqui serve de Auxiliar ao Verbo neutro Gritar. Eu **tenho sido amado**. Aqui serve de auxiliar ao Verbo Passivo sou amado.*
M. E para que tempos, é que serve de Auxiliar?
D. Para o Pretérito perfeito, para o plusquam, para o Futuro, e Gerúndio.
M. Dizei exemplos.
*D. **Tenho amado** é Pretérito perfeito. Tinha amado é plusquam. Terei amado é Futuro. Tendo amado é Gerúndio.*
M. E como se chamam a esses Pretéritos, e Futuros.
D. Chamam-se Pretérito perfeito composto, Plusquam composto, Futuro composto, Gerúndio composto.

No conjunto de textos disponibilizados no *corpus* Tycho Brahe, há uma enorme quantidade de ocorrências que confirmam a perfectividade de TP da definição acima. Para retomar a distinção entre EG e TP sugerida pela epígrafe no início deste capítulo, o que interessa na observação dos exemplos seguintes é o fato de que o estado de coisas descrito com a perífrase TP está localizado no passado. Em outras palavras, não há progressão do passado para o presente (imperfectividade), seja de maneira contínua (durativo) ou escalonada (iterativo):

(01) XVI - Diogo do Couto – *Décadas* (pp.156-157)

(...) porque dos quatrocentos mil cruzados, que o Governador arrecadou dele este Março passado, não achámos carregados sobre o Feitor Bastião da Fonseca, que naquele tempo servia, mais que cento e quarenta e oito mil e vinte e cinco pardãos. E não achando nós na Índia carga, nem despesa alguma da outra demazia, nos parece que se despendeo na carga desta náu. Esta confusão **tem nascido** da perda dos livros, e papeis, que até agora houve neste Estado.

(02) XVI - Luís de Sousa – *A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires* (p.77)

³ *Regras da Língua Portuguesa Espelho da Língua Latina*, de Jerônimo Contador de Argote (pp.77-79)

Em particular me encomende ao cabido, quando for à Sé, e aos padres da Companhia, e ao Padre Frei Estêvão Leitão, e ao Padre Frei Gaspar Borges. "**Tenho-lhe escrito** uma (carta) sobre a moderação das escomunhões que se tiram contra ladrõesinhos. Esqueceu-me de pôr que estivesse no conselho (...)

(03) XVI – Fernão Mendes Pinto – *Pergrinação*

(...) e pôdo todas cinco as proas em nos, se vierão á orça senhoreando do balravento, pelo que então acabamos de entender que eraõ Turcos: nos tanto que as conhecemos, differimos com muyta pressa a vella grande, que já tinhamos de verga dalto, e nos fizemos na volta do mar com bem grãde arreceyo que por nossos pecados nos acontecesse aly outro desastre semelhante ao de que atras tenho tratado.

(04) XVII – Manuel Bernardes – *Nova Floresta* (pp.70-71)

- *Sacrifica* (instou o tirano) *e forra-te aos tormentos com que viste há pouco acabar miseravelmente a Asclas e Leonides*. Respondeu o santo: "Aparelhado estou para passar por onde eles passaram, a troco de chegar onde eles **têm chegado**. E vergonha havias tu de ter de me alegrares com o santo Asclas, lembrando-te do que passaste com ele, quando não podias passar o rio.

(05) XVII – José da Cunha Brochado – *Cartas* (pp.25-26)

(..) o certo é que, em facto de religião, todos discursam bem, quando têm diante dos olhos a necessidade e o perigo; e por isso os milagres acham mais fé nos enfêrmos que nos controversistas. O Duque de Lorena **tem já tomado posse** dos seus Estados, onde foi recebido com aquele alvoroço e estimação que os Duques, seus antecessores, deveriam sempre à grande fidelidade daqueles povos.

(06) XVII – António Vieira – *História do Futuro* (p.125)

Se lhe parece cousa dura arrancar de sua coroa uma jóia tão preciosa como o Reino de Portugal, reparem seus prudentes e católicos conselhos que o não era menos naquele tempo, nem menos conhecido e celebrado no mundo o reino de Judá, e que Ciro, rei ambicioso, arrogante e gentio, não duvidou de o demitir de seu Império. Quanto mais que por este acto de consciência, religião e cristandade, e por este Reino que Castela restituir ou consentir a Deus (pois Ele o **tem já restituído**), lhe pode Deus dar outros maiores e mais dilatados, com que enriqueça e sublime sua coroa e amplifique o Império de sua monarquia, como sucedeu ao mesmo Ciro!

(07) XVIII – Matias Aires – *Reflexão sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna* (p.60)

As cousas parece que se espirituallizam para se entregar em a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficácia delas se incorpore em nós, muito antes que elas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, já são nossas; e quando a causa se apresenta, **já temos sentido** os seus efeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que há falta naquilo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegam, já nos acham saciados; porque o desejo é uma espécie de gozar mais activa, e mais durável, mais forte, e mais continua;

(08) XVII – Manuel da Costa – *A Arte de Furtar*

O navio se fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E **tenho-vos descoberta** a maranha, irmão Leitão, e assim passa na verdade; e assim costumaõ fazer este salto homens do mar neste Reyno, no Brasil, na Índia, e em todas nossas Conquistas, com afronta grandissima da nossa Nação, encargo irremediavel de suas conciencias, e escandalo atroz de estrangeiros; que com serem ladroens por natureza, profissão, e arte, não sabemos, que usem de tão horrenda, e detestavel malicia, e modo de furtar.

(09) XVIII – Marquesa D'Alorna – *Cartas e Outros Escritos*

Trouxe-a o Conde para nós a vermos; e, dizendo que ninguém se atrevia a fazer-lhe os canhões, disse-lhe eu que estava pronta a fazê-los, se se achassem os retrozes, etc. Depois de muito trabalho, achou-se tudo e eu **tenho** os canhões **feitos**, e (se me não engano) tão bem feitos como a vésia.

(10) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – *Correspondência*

E como quinze dias de mar separam providencialmente essas duas colméias de Lusitanos segue-se isto: - que quando a Gazeta chegue a Lisboa com artigo meu já esse artigo **tem aparecido** no Repórter há quinze dias, que é como se disséssemos há quinze ano (...)

Cada uma das ocorrências acima tem uma particularidade que permite retomar a definição dada no trecho citado da gramática de Argote, do século XVII. Elas não são exemplos de aspecto iterativo, diferentemente do que se observa no uso contemporâneo da perífrase, de acordo com Ilari 2000 e com o que vimos no Capítulo 2.

Em (01-XVI) e (04-XVII) temos verbos *achievement* típicos, com os quais o emprego de TP conduziria imediatamente a uma interpretação iterativa, na atualidade. Pode-se dizer que, nestes exemplos, *tem nascido* e *têm chegado* poderiam ser substituídos pela forma simples do pretérito perfeito - *nasceu* e *chegaram* - e que evidentemente não se trata da repetição de *nascer* ou *chegar*. Há que se observar, contudo, que a forma simples do pretérito também é usada naqueles trechos, indicando que o passado composto guarda alguma especialidade em relação ao perfeito simples: codifica o resultado de uma ação ou evento passado, em vez de “apenas” localizar o evento no passado.

Em (02-XVI), *tenho escrito uma carta* é um exemplo muito interessante, pois não há definição de um intervalo de tempo em que o evento estaria se repetindo (pois, de fato, não há repetição envolvida). Essa sentença seria agramatical no PB contemporâneo, em que tenderíamos, mais uma vez, a substituir a forma composta pela simples:

(2a) * Eu **tenho escrito** uma carta a ele para dizer-lhe tudo o que penso.

(2b) Eu **escrevi** uma carta a ele para dizer-lhe tudo o que penso.

(2c) Eu **tenho escrito** uma carta a ele por dia.

(2d) Eu **tenho escrito** (várias) cartas.

Dada a característica iterativa de TP, o argumento singular *uma carta* não interfere na gramaticalidade de (2c), pois o escalonamento no tempo está indicado em *por dia*. Tal indicação não é necessária em (2d), pois o argumento plural em combinação com TP já satisfaz a idéia de iteratividade. Tudo isso já foi comentado no capítulo 2 e será oportunamente retomado nos capítulos seguintes. Aqui, estes exemplos se prestam a fazer um contraponto com o uso mais antigo da perífrase e esclarecer a distinção.

Voltando às ocorrências de TP em séculos passados, (03-XVI) e (10-XIX) são particularmente exemplares para a definição dada na gramática de Argote e, por conseguinte, para a observação da sua diferença diante do uso contemporâneo da forma. *Tenho tratado* e *tem aparecido* vêm acompanhados de adjuntos adverbiais que localizam os eventos no passado, respectivamente *atrás* e *há quinze dias*. Essa combinação não é mais possível:

(3a) * **Tenho tratado** disso no capítulo anterior.

(10a) * Meu artigo **tem aparecido** no jornal de quinze dias atrás.

Embora a análise comparativa que estamos desenvolvendo aqui não seja de caráter quantitativo, vale comentar que o exemplo (10), extraído das correspondências entre Eça de Queiroz e Oliveira Martins, foi a única ocorrência encontrada entre os textos disponibilizados daquele século. Já no XVI e no XVII eles são bastante frequentes, e no XVIII são menos raros que no XIX. Juntando-se este ao fato de que, no XIX, é bem mais frequente o uso de TP com possível interpretação iterativa (como veremos mais adiante), aventamos a hipótese de que é na passagem do XVIII para o XIX que a forma TP começa a deixar de ser interpretada como um pretérito, como um perfectivo, e passa a ser mais usada para denotar imperfectividade.

Na sequência dos exemplos diacrônicos dados acima, as ocorrências em (05-XVII), (06-XVII) e (07-XVIII) têm a particularidade de incluir o advérbio *já*, que enfatiza o caráter resultativo, portanto perfectivo, do emprego de TP naqueles séculos. Uma vez mais, esses são casos em que a forma simples do pretérito seria provavelmente a preferida nos dias atuais, diante da característica imperfectividade (iterativa ou durativa) da perífrase:

(05a) * Ele **tem** já **tomado** posse. >> Ele já **tomou** posse.

(06a) * Ele o **tem** já **restituído**. >> Ele já o **restituiu**.

(07a) * Já **temos sentido** os seus efeitos. >> Já **sentimos** os seus efeitos.

Duas observações devem ainda ser feitas com relação a estes exemplos. A primeira delas diz respeito a (07a) que, fora de contexto, permitiria uma leitura imperfectiva aos olhos de um leitor do século XX/XXI, cuja paráfrase poderia ser: “vem se repetindo o fato de que sentimos os seus efeitos” ou “já estamos sentindo os seus efeitos”. Entretanto, no contexto original da sentença, no texto de Matias Aires, tal paráfrase não é possível. Retomando-o, “*quando a causa se apresenta, já temos sentido os seus efeitos*” seria melhor parafraseado assim: “quando a causa se apresenta, seus efeitos já foram sentidos”. Ou seja, o resultado (portanto, aspecto resultativo) se apresenta antes de sua motivação.

A segunda observação relaciona-se ao escopo do advérbio *já* em (05) e (06) - o verbo principal no particípio passado. Tal sintaxe, muitíssimo freqüente no séculos XVI e XVII quando o advérbio aparece na sentença com TP, facilita a interpretação de *ter* como um auxiliar ainda em processo de gramaticalização. Nesses casos, as propriedades possessivas de *ter* ainda podem ser visualizadas (*o tem*; *tem a posse*), por um lado, e o conjunto perifrástico ainda não apresenta um alto grau de coalescência sintagmática (Cf. Hopper 1993 e Lehmann 1982).

Para o que nos interessa mais de perto aqui, vale ressaltar que o correlato semântico desse fato de gramaticalização evidenciado pelo escopo do advérbio é a interpretação resultativa da construção. Dito de outro modo, é possível que a interpretação imperfectiva (aspecto iterativo ou durativo) da perífrase, mais recente que a perfectiva (aspecto resultativo), seja um fato semântico paralelo ao avanço na gramaticalização do composto *ter* + *particípio*.

Finalmente, os dois últimos exemplos - (08-XVIII) e (09-XIX) - permitem, eles também, que se fale em processo de gramaticalização: o verbo na forma nominal aparece em concordância de gênero e número com o SN argumento do verbo *ter*. Em (08), *a maranha* é um argumento posposto à forma nominal, enquanto que em (09) *os canhões* é anteposto a ela, figurando logo depois do auxiliar. Assim, a interpretação resultativa

dessas ocorrências deve estar correlacionada ao grau de gramaticalização do conjunto perifrástico.

1.1.2. Imperfectividade

Apesar da definição dada na gramática de Argote (século XVII) para o conjunto *ter + participio* – “pretérito perfeito composto” – nem sempre o emprego da forma pode ser diretamente interpretado como perfectivo (aspecto resultativo) nos textos que compõem o *corpus* analisado, na forma como vimos no item anterior. Nos séculos XVI e XVII, há vários casos que podem ser considerados no mínimo ambíguos quanto à distinção perfectividade/imperfectividade, obviamente da perspectiva de um leitor contemporâneo. Dessa mesma perspectiva, é notável como nos textos do século XVIII aumenta a frequência de dados em que a noção de imperfectividade é marcada, seja na própria sentença, seja no contexto em que ela se insere. Por fim, no século XIX, o uso imperfectivo da perífrase chega a ser mais freqüente do que o perfectivo nos textos de certos autores; é o caso, por exemplo, das correspondências entre Eça de Queiroz e Oliveira Martins, como veremos mais adiante.

A ambigüidade que podemos constatar em certas ocorrências reside no fato de que não há elementos textuais que tornem obrigatória a leitura perfectiva:

(11) XVI - Luís de Sousa – *A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires* (pp.129-130)

Foi a obra d'el-Rei que, passando em romaria a Santiago, notou a foz do rio e, como havia andado muitas terras, conheceu a disposição que tinha pera, com o comércio do mar, enobrecer um bom lugar. (...) Mas nenhum comércio lhes **tem montado** tanto como o das terras novas do Brasil, que vai em tamanho crescimento que, no tempo que isto escreviamos, traziam no mar setenta navios de toda sorte, com que a terra está mocida de riqueza (...)

(12) XVII – José da Cunha Brochado – *Cartas* (p.16)

A nova da convalescença de El-Rei Católico sossegou os discursos desta terra, e também os temores, porque, estando tão dissipados da guerra, lhes parecem feios todos os motivos de entrar nela. **Têm chegado** a Paris muitos estrangeiros que se conhecem de longe. Como nesta terra os procuradores de artes, começam as damas a fazer fortuna, porque os naturais levam estas conquistas mais pelo derretido que pelo sólido.

(09) XVIII – António da Costa – *Cartas do Abade António da Costa*

Ditoso de mim, e dos outros, que gostamos destas coisas, e temos liberdade para gozar delas, e triste de quem não pode o fazer o mesmo por estar preso em um cárcere escuro e asqueroso, ou por outro qualquer impedimento! Se

Vossa Mercê passasse aqui quatro primaveras como eu **tenho passado**, quando tor nasse para Portugal, estr anhari a lá muito o clima, e sempre teria saudades de Roma.

Num exercício de análise em que dispomos basicamente de três “instrumentos” - (i) a definição dada por uma gramática do século XVII; (ii) os dados diacrônicos, evidências propriamente; e (iii) os dados sincrônicos, em que a perífrase é empregada de modo marcadamente imperfectivo -, a pergunta que se faz acerca do aspecto nas sentenças com TP acima é: o estado de coisas descrito é um *resultado* localizado no passado, observado pelo autor da frase da perspectiva do presente da escritura (aspecto perfectivo / resultativo); ou trata-se de um evento que se iniciou em algum momento do passado e se estende até o presente (aspecto imperfectivo)?

Para tornar esse questionamento genérico mais pontualizado para cada um dos casos acima, podemos perguntar:

- em (11), o comércio no Brasil já forneceu um montante mais significativo que outros, ou continua contribuindo para o incremento de tal montante?
- em (12), os estrangeiros já chegaram, ou continuam chegando, progressivamente?
- em (13), já passei quatro primaveras neste local, ou ainda continuo aqui (portanto, a caminho de completar a quinta primavera)?

É claro que do nosso ponto de vista de leitores no início do século XXI, em que o emprego de TP tipicamente denota continuação no presente de algo iniciado em algum ponto do passado, vamos tender a favorecer a segunda interpretação em cada uma das perguntas elaboradas. Entretanto, além da definição dada na gramática da época, não temos acesso ao modo como os autores das frases de (11) a (13) estavam aspectualmente visualizando os fatos que descreviam no momento da escritura. Isso é válido mesmo no exemplo dado em (13), cujo emprego do advérbio de lugar *aqui* (em destaque no excerto acima) garante que o autor *continua* no mesmo lugar de onde escreve *tenho passado quatro primaveras*. Ou seja, se de um lado podemos, sim, dizer que o sujeito continua no local e, por isso, *tenho passado* pode ser interpretado como uma verdade que se alonga do passado para o presente, não podemos garantir que era esse o esquema visual, aspectual, que o autor tinha em sua mente quando escrevia seu texto.

Por outro lado, se trazemos à discussão outros exemplos em que a noção de imperfectividade parece textualmente denotada, o problema da definição “*ter + participio é pretérito perfeito*” fica ainda mais patente:

(14) XVI I - Ant3nio Vieira – *Hist3ria do Futuro* (p.133)

N3o 3 nem pode ser nossa t3n3o diminuir as for3as de Espanha, nem escurecer a grandeza de sua pot3ncia, t3o conhecida do mundo todo e t3o temida e reverenciada de seus inimigos e invejada de seus 3mulos. Mas 3 for3a que ela e n3s confessemos que s3o maiores os poderes de Deus, e que, assistida deles, a desigualdade de Portugal pode resistir e prevalecer contra Espanha, como lhe **tem resistido** e **prevalecido** em tantos anos.

(15) XVI I I - Marquesa D’Alorna – *Cartas e Outros Escritos* (p.196)

Apenas vos falta um g3nero de gl3ria, e, depois de ter percorrido a carreira de Augusto, tenho d3vidas s3bre se a vossa alma se sujeita a ficar atr3s dele, no que toca 3 generosidade.

Tenho sido vossa inimiga at3 3 presente - confesso-vo-lo. Continuo a s3-lo. A honra imp3e-me que vos odeie. 3ste 3dio, contudo, 3 apenas fundado s3bre os sofrimentos do Mundo.

(16) XI X – E3a de Queiroz e Oliveira Martins – *Correspond3ncia* (1884)

Meu querido Oliveira Martins

A minha subleva3o intestinal **tem resistido** 3 repress3o conservadora do Bismuto. Preciso por isso um desses sujeitos que no tempo de Moli3re, freq3entavam a alta sociedade com uma seringa debaixo do bra3o, e que n3s hoje chamamos um *pr3ncipe da ci3ncia*. Conheces tu algum bom - t3o bom que distinga realmente o intestino grosso da aorta?

Nestas tr3s ocorr3ncias da per3frase, o evento se alonga do passado para o presente, em que se inclui o momento da escritura. Em (14), parece razo3vel a interpreta3o de que “*em tantos anos*” inclui o ano corrente, em que se constata a resist3ncia continuada de Portugal diante da Espanha. Em (15), “*at3 3 presente*” n3o deixa d3vidas: a inimizade entre a autora e seu interlocutor vem de outros tempos at3 3 “agora” em que a carta est3 sendo escrita. E finalmente em (16), fica claro que a resist3ncia ao Bismuto 3 “presente”, desde n3o se sabe quando (dado que n3o 3 revelado no texto); da3 a necessidade de um m3dico que solucione o problema de sa3de do autor da carta (“*preciso um pr3ncipe da ci3ncia*”).

Aqui temos, portanto, casos em que o aspecto 3 o durativo, pois o que chamamos de “alongamento do passado para o presente” 3 visualizado de maneira continuada. Todavia, tamb3m h3 ocorr3ncias de TP cuja imperfectividade se d3 de maneira marcadamente escalonada, intermitente, configurando o aspecto iterativo, conforme discutimos no cap3tulo anterior:

(17) XVIII – Fina Manique – *Cartas do Intendente e de J. R. Lisboa para o Dr. F. Montanha* (p.122)

Vossa Mercê procurar á o Dezebargador Francisco António Duarte da Fonseca Montanha para debaixo das suas sabias e zelosas instruções, (...) Da actividade de Vossa Mercê, e dos moregerados costumes de que me **tem dado sucessivas provas**, espero que assim o cumpra, e faça executar, sem duvida ou inter pretação alguma.

(18) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – *Correspondência* (23 de maio 1888)

Há porém um outro ponto que enceto já - ainda que não sei se tu és a pessoa competente para o resolver. Jaime Séguier quando me convidou para escrever no *Repórter*, pretextou a pobreza de jornal que começa, e ofereceu-me duas libras por artigo de *duas* colunas. Eu **tenho escrito artigos** de cinco colunas - mas isso é só culpa da minha loquacidade. Ora, querido Joaquim Pedro, por *duas* libras não vale a pena estar a manufaturar imensas talhadas de prosa. Elas dão-me um grande trabalho - e nos jornais do Brasil produzir-me-iam o dobro. Por outro lado eu não quero fazer exigências judaicas a um jornal que luta pela vida - e que há-de lutar, mesmo que passe às mãos dinheirasas de O'Neill. Como combinar tudo portanto - interesse e sentimento?

(19) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – *Correspondência* (18 janeiro 1892)

Pelo Soveral decerto soubeste já tudo o que se passou em Londres. Daqui de Paris sei que Rouvier se mostra muito decidido a influir para a nossa *souvetage*. Mas Rouvier é horrivelmente *retors*. Leroy-Beaulieu com quem eu fiz conhecimento há tempos, mas que não **tenho frequentado ultimamente**, (*et pour cause*) deve estar satisfeito. Este homem é uma potência. Eu posso ser para com ele, se disso houver necessidade, um intermediário.

“Sucessivas” e “ultimamente”, nos respectivos exemplos (17) e (19), não deixam dúvidas quanto ao carácter imperfectivo daquelas sentenças. Como em (17) o argumento do verbo é plural, e como em (19) o próprio verbo “frequentar” é de natureza repetitiva, o subtipo de aspecto imperfectivo que temos, seguindo a classificação proposta no capítulo 2, é directamente interpretável como iterativo. Já em (18), não temos nenhum adjunto na sentença com TP que permita a interpretação imperfectiva, mas o contexto deixa claro que o autor “vem escrevendo” artigos de cinco páginas (e não de duas) e que tem a intenção de *continuar* a fazê-lo – de modo que podemos interpretar esta do mesmo modo que as outras duas ocorrências.

Estes três últimos dados poderiam ser facilmente encontrados em textos contemporâneos, ou ainda enunciados em conversações. Ademais, fossem eles dados sincrónicos, a perífrase TP poderia ser neles substituída por EG, sem prejuízo da interpretação imperfectiva iterativa. Ainda neste mesmo capítulo, vamos observar a evolução no emprego da perífrase de gerúndio, mas podemos adiantar a consideração de que se a alternância entre as formas era já “observável” no século XIX, ela era potencial e teoricamente possível desde o século XVIII. Ora, especificamente com relação a TP, os

exemplos acerca dos quais discorreremos neste item mostram que seus usos não são exclusivamente perfectivos desde o século XVIII, posto que no século XVII há fartas ocorrências indicativas de indefinição entre perfectividade e imperfectividade.

Assim, recapitulando o que constatamos com os exemplos até aqui apresentados, podemos concluir:

- até o século XVI, TP parece ser exclusivamente perfectivo;
- ainda que haja exemplos de uso TP-perfectivo em todos os séculos analisados, a partir do XVII começam a ser observados usos imperfectivos;
- comparando os dados do XVIII e do XIX, TP-imperfectivo é notavelmente mais freqüente neste último;
- no conjunto de textos do século XIX, TP-imperfectivo é mais freqüente do que TP-perfectivo.

Embora não tenha sido feito um controle quantitativo dos dados, a análise que desenvolvemos aqui permite admitir que houve uma mudança nos usos de TP, que deixou de ser empregada para expressar aspecto resultativo. Num processo que parece gradual, observamos fases em que a forma era plurifuncional, aparecendo ora na composição do resultativo, ora na composição do durativo ou do iterativo, nos textos de um mesmo autor. Mais recentemente, tal plurifuncionalismo foi reduzido, por assim dizer. Para não incorrer no equívoco de negligenciar aspectos gerais dos processos de mudança que envolvem gramaticalização – tais como a “persistência”, de acordo com o qual traços sintático-semânticos mais antigos em geral persistem em estágios mais recentes da história de uma língua – podemos pelo menos afirmar que, no caso de TP, o resultativo (subtipo de perfectivo) deixou de ser seu emprego prototípico.

Para finalizar nossa argumentação, valemo-nos de mais três exemplos:

(20) Eu já **tenho** os trabalhos **recolhidos**.

(21) XVI – Francisco de Holanda – *Da Pintura Antiga* (p.261)

E por de mi não fallar, digo que o grande debuxador Micael Angelo, que aqui st á, sculpe t ambem em mar mor , que não é seu off ício, e melhor inda (se dizer se póde) do que pinta com pincel na t avoa, e elle mesmo me **tem dito** duas vezes que menos def icel acha a scult ura das pedras que o f azer da

s cores, e que por muito mór cousa tem dar um risco mestrioso com a penna, que não já com o scopro.

(22) * Ele me **tem dito** isso duas vezes.

>> Ele me **disse** isso duas vezes.

>> Ele **tem** me **dito** isso frequentemente

Em (20), temos uma sentença que, podemos assumir, é provavelmente pouco frequente em textos e situações de fala contemporâneos. Contudo, não se trata de estrutura agramatical, e é perfeitamente interpretável como resultativa. Este pode ser considerado, então, como um exemplo de que a sincronia pode revelar fatos representativos de recortes diacrônicos mais antigos – em outras palavras, *persistência*.

Por outro lado, certas propriedades podem desaparecer da gramática sincrônica, como mostram (21) e (22). O uso de TP com um número específico de vezes é encontrado em séculos passados, como no caso do trecho acima, extraído de um texto de Francisco de Holanda. Atualmente, dado o uso prototipicamente imperfectivo da perífrase, não é possível determinar a quantidade de vezes que o evento se repete: ou se localiza a repetição especificamente quantificada no pretérito, com a forma simples, ou se indetermina a quantidade de repetição, podendo-se então manter o emprego de TP.

Segundo Bybee et alii 1994, processos desse tipo são observados na evolução gramatical de diferentes e numerosas línguas. Entretanto, o caso do português pode ser tomado como especial entre as línguas românicas, primeiro porque a forma reconhecida como passado composto, a rigor, já não expressa “passado”, como no caso do francês, do italiano e mesmo do espanhol; e, segundo, porque atualmente TP constitui uma variável com EG, do modo como estamos progressivamente demonstrando.

2. Estar + Gerúndio através dos séculos

No início deste capítulo, o primeiro exemplo de uso de EG foi dado juntamente com o primeiro exemplo de TP – *tem dito* e *está dizendo* – na epígrafe. Neste item, vamos desviar o foco da perífrase com participípio e direcioná-lo para esta que já chegou a

ser nomeada “presente composto” (Cf. Castilho 2000). Na comparação com TP acima, bem como no capítulo anterior, já afirmamos que EG expressa continuidade – uma característica presente na noção mais geral de imperfectividade. Em princípio, tal consideração já nos conduz a meio caminho na elaboração da resposta à pergunta anteriormente feita: EG e TP podem mesmo ser abordadas como variantes de uma variável?

Ora, se o uso de TP evoluiu de perfectivo para imperfectivo, por um lado, e se os usos de EG são caracteristicamente imperfectivos, por outro, pode-se prever a ocorrência de contextos em que a imperfectividade pode ser expressa tanto por uma quanto por outra forma. Assim, a observação dos usos de EG na diacronia deverá abrir caminho para a definição do contexto variável no capítulo seguinte, mostrando como tal forma perifrástica acumulou funções com o passar do tempo.

2.1. Imperfectividade: progressivo e durativo

No capítulo 2, já havíamos assumido uma distinção para o emprego dos termos progressivo e durativo. O primeiro remete à continuidade de uma ação ou evento no momento da enunciação, enquanto o segundo diz respeito a um evento cuja continuidade é percebida desde algum momento anterior ao da enunciação. Em termos diacrônicos, essas duas noções aspectuais são compostas com o emprego de EG desde os tempos mais remotos até os mais recentes.

(23) XVI – Francisco de Holanda – *Da Pintura Antiga* (p.257)

Mas de cousas fóra da cidade, a vinha que começou o Papa Clemente Setimo ao pé de Mont e Mario é mais para ver, galante pintura e scultura de Rafael e Julio ornada, onde jáz o gigante dormindo, de que os satyros **estão medindo** os pés com os cajados.

(24) XVII – André de Barros – *A Vida do Padre António Vieira* (p.23)

Os elevados conceitos, propriedade das Escrituras, notícia universal de todas as ciências, e luzes novas, com que falava, ou pregava, sendo (como o Mundo **hoje está vendo**) um singular esforço da Onipotência, pareceu a muitos Pregadores, e sábios, indigno de tantas aclamações. Não só a muitas cabeças, que por púlpitos, e cadeiras tinham encanecido, pode subir este mal.

(25) XVII – Manuel da Costa – *A Arte de Furtar* (p.92)

O interesse he moeda, que todos os homens cunhão, e só entre elles corre, e a falsificam de maneira, que por cobre querem que lhes deys prata. Deos Nosso Senhor **está continuamente enchendo** este mundo de beneficios sem esperar outra pensão, mais que de louvores em agradecimento.

(26) XVIII – António da Costa – *Cartas do Abade António da Costa* (p.91)

(...) e assim namoram, e tornam a namorar um ano, e outro ano, e nós (...) que o **estamos vendo**, não se nos pode meter na cabeça que aquilo seja amor, nem que se lhe possa dar tal nome; enfim, este amor caminha com tal moderação e sossego, que passa aqui por coisa lícita.

(27) XIX – Camilo Castelo Branco – *Amor de Perdição*

"Simão, meu esposo. Sei tudo... Está conosco a morte. Olha que te escrevo sem lágrimas. A minha agonia começou há sete meses. Deus é bom, que me poupou ao crime. Ouvi a notícia da tua próxima morte, e então compreendi porque **estou morrendo hora a hora**. Aqui está o nosso fim, Simão!...

(28) XIX – Almeida Garrett – *Cartas* (p.121)

Estamos há três dias sofrendo o ataque do inimigo, que apesar de suas numerosas forças nos não dá o menor cuidado.

Nos exemplos acima, (23) é o único em que se pode afirmar que a descrição do evento e sua ocorrência são concomitantes – aspecto progressivo. Em todos os outros, há alguma indicação de que o evento é contínuo no presente da escritura, mas que já vinha ocorrendo antes dela. A distinção entre progressivo e durativo que exemplificamos com dados sincrônicos, no capítulo anterior, é portanto observável também na diacronia.

Deste conjunto de exemplos, o que nos interessa é atentar para o fato de que TP poderia ter ocorrido no lugar de EG em alguns deles. Como vimos no item anterior, o emprego imperfeito do passado composto é observado já no século XVII, emprego esse já bastante patente no século XIX. Assim sendo, a variação entre EG e TP parece ser ao menos potencial no XIX, algo que podemos ilustrar com a modificação de (28) em (28a):

(28a) **Temos sofrido** o ataque do inimigo há três dias

2.2. Imperfectividade: iterativo

Os casos em que a progressão do passado para o presente se dá sob a forma de repetições do evento – aspecto iterativo – são muitíssimo menos frequentes no *corpus* que analisamos, mas aparecem em textos de diferentes séculos:

(29) XVI - Luís de Sousa – *A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires* (p.118)

Considerava de uma parte as especulações, os escrúpulos, as delicadezas, com que os Santos Doutores tratam estas matérias, as distinções, discursos e considerações que fazem, de perdas, de proveitos, de danos, de interesses, de

preços mais altos, mais baixos, rigorosos e menos rigorosos; a miudeza com que **estão pesando** e **contrapesando** cada ponto destes, porque em cada um não vai menos que condenação, se se passa dos termos devido

(30) XVIII – Garção – *Obras Completas* (p.146)

Não é menos digna de elogios a sábia eleição que este Monarca faz de seus ministros. Que excelentes poesias se não podem compor, querendo mostrar o aumento do comércio! A nova economia das conquistas! O grande projecto do estabelecimento das fábricas! A disciplina das tropas! As leis que quotidianamente se **estão promulgando**, dirigidas todas a refrear os vícios que fomentam o espírito da ambição ou do litígio!

(31) XVIII – Luís António Verney – *Verdadeiro Método de Estudar* (p.21)

(...) se eu escrever em matéria que se possa mostrar a outrem, e me fugir da boca alguma expressão menos própria, haverá censores tão desumanos, que me condenem por escrever em língua alheia, talvez sem advertirem que isso **está sucedendo todos os dias** aos mesmos nacionais, que frequentemente os cometem.

(32) XIX – Ramalho Ortigão – *Cartas a Emília* (p.60)

O menino diz o Eduardo, que cá esteve ontem, que está *bom, bom, bom que não pode ser melhor*. Deu em *homem de forças* e **está levantando** tais pesos que se fala em o mandar para uma barraca da feira de Belém a fim de pagar com as suas habilidades o leite que mama.

Uma hipótese para a explicação da baixa frequência de EG iterativo, mesmo no século XIX, pode estar correlacionada ao emprego de TP iterativo, mais frequente naquele século. É claro que apenas uma análise quantitativa dos dados diacrônicos poderia dar conta de confirmar tal hipótese. No entanto, se nos lembramos da realidade sincrônica do uso variável de EG e TP, em que a perífrase de gerúndio é muito mais produtiva que a de participio, os dados do século XIX revelam um estágio anterior dessa história de variação, no qual EG ainda não era tão produtiva quanto hoje em dia.

Mais importante que isso, por outro lado, é observar que os exemplos (29) a (32) parecem constituir casos em que TP poderia ter figurado. É verdade que tal afirmação só pode ser feita a partir do nosso ponto de vista, de leitores do início do século XXI – ainda no século XIX, por exemplo, é de esperar que a regra variável para o emprego de EG e TP fosse diferente da atual; mas, de qualquer modo, levando em conta os exemplos de TP que observamos anteriormente, bem como os sentidos aspectuais que a perífrase já podia compor em suas sentenças, não parece leviano admitir a possibilidade das seguintes alternativas:

(29a) (...) a miudeza com que **têm pesado** e **contrapesado** cada ponto destes.

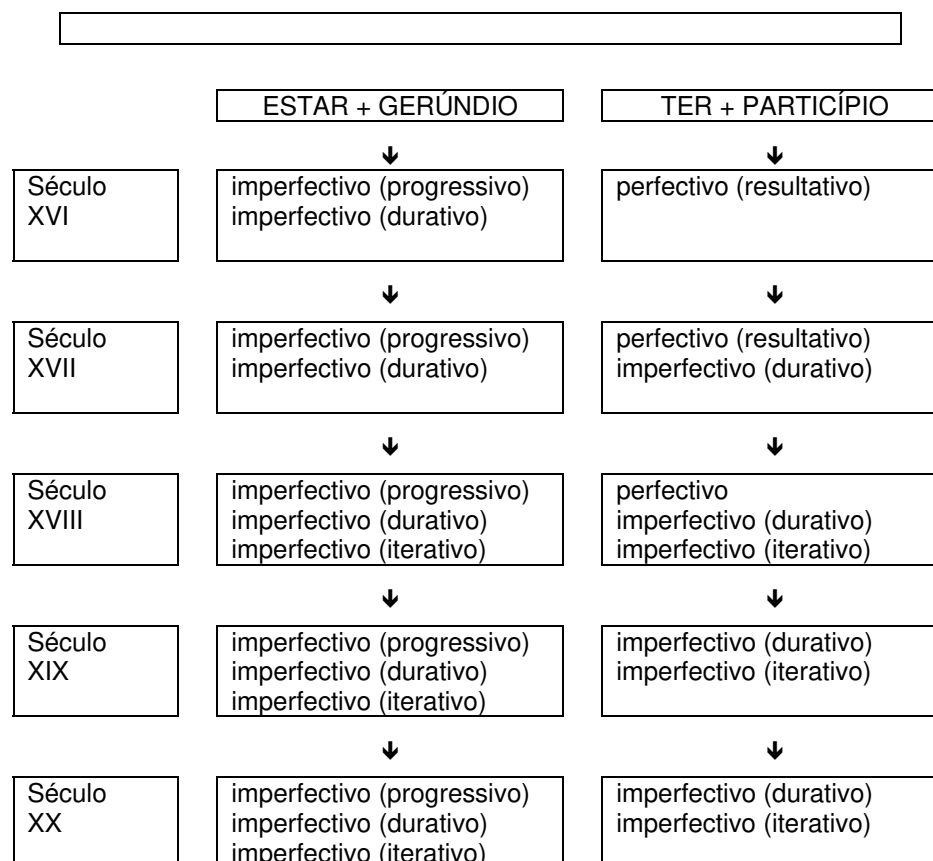
(30a) As leis que quotidianamente se **têm promulgado** (...)

(31a) (...) talvez sem advertirem que isso **tem sucedido** todos os dias aos mesmos nacionais

(32) Eduardo **tem levantado** tais pesos que se fala em o mandar para uma barraca da feira de Belém.

3. Mudança

Percorrendo os exemplos de TP e EG através dos séculos, do modo como fizemos acima, podemos propor o seguinte esquema simplificado para a evolução de seus usos:



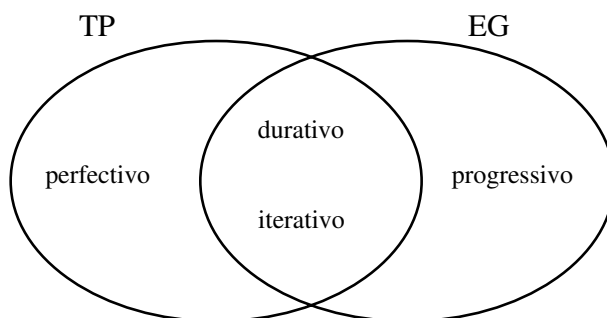
Este quadro mostra que, se de um lado EG foi acumulando funções, TP também acumulou algumas, mas “perdeu” sua característica perfectiva. A justificativa para as

aspas sobre “perda” é dada na medida em que ainda há a possibilidade de encontrar ocorrências na atualidade que remontem a usos mais antigos, embora a forma não seja mais usada para expressar perfectividade.

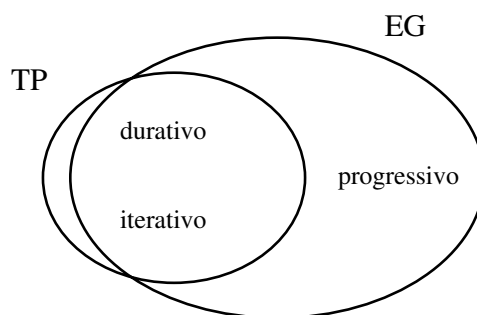
Podemos depreender três fases nesse percurso evolutivo dos usos das duas perífrases, que parece se estabilizar a partir do fim do século XVIII:

- (i) uma primeira, em que suas funções eram claramente distintas, de modo que elas absolutamente não constituíam variantes de uma variável, em qualquer contexto;
- (ii) uma segunda, em que as perífrases podem, ao menos potencialmente, figurar como formas alternativas em contextos semelhantes, ainda que guardem suas especificidades, sendo mais freqüentemente usadas em contextos que não admitem variação;
- (iii) e uma terceira, em que a identidade funcional das duas perífrases cresce, na medida em que é maior o número de contextos em que ambas podem aparecer, expressando um mesmo significado aspectual.

Dentre essas fases, talvez a mais longa seja justamente a intermediária, que iria desde o século XVII até o XIX (e possivelmente início do XX). Esse longo intervalo de tempo pode ser ilustrado do modo abaixo, em que a área de intersecção dos usos das perífrases vai progressivamente aumentando de tamanho com o passar do tempo:



Entretanto, considerando a análise quantitativa dos dados sincrônicos que ainda vamos apresentar, sabemos que a freqüência de EG na língua falada é tão surpreendentemente maior que a de TP, que podemos prever a possibilidade de um novo esquema ilustrativo para os seus empregos:



A elipse menor, que engloba os usos de TP, ilustra o fato de que, no avanço de seu processo evolutivo, a perífrase vem deixando de ser empregada com frequência, cedendo lugar à produtividade de EG. Dados os comentários acerca da persistência diacrônica de propriedades, conforme vimos reiterando, a elipse representativa de TP não deve (ainda, talvez) ser totalmente incluída na elipse que guarda os usos de EG.

Várias questões poderiam ser levantadas acerca do processo evolutivo das perífrases, sobretudo com relação a TP, cuja mudança nos usos parece ter sido mais radical – principalmente se lembramos que a forma permaneceu perfectiva na história de outras línguas românicas, como o francês *passé composé* (cujo sentido é “tempo passado”), o *perfecto compuesto* espanhol (que pode ser empregado como resultativo ou como passado, no lugar da forma simples do pretérito), ou ainda o *passato prossimo* italiano, que também é correntemente usado com sentido perfectivo⁴. Por exemplo:

- por que TP deixou de ser usado como perfectivo em português, passando a expressar imperfectividade – aspectos durativo e iterativo?
- que relações semânticas existem entre o perfectivo (resultativo) e o imperfectivo, de modo que se possa explicar a “passagem” de um uso para outro?

⁴ Cf. Boléo 1936, De Kock 1991, Howe & Schwenter 2003.

Tais questionamentos são próprios da análise dos processos de mudança lingüística, e basicamente dizem respeito aos problemas da “iniciação” e “implementação” de usos inovadores na língua⁵. Este trabalho pretende oferecer uma análise mais cuidada (quantitativamente controlada, inclusive) dos usos sincrônicos de EG e TP; mais especificamente, este capítulo tem a proposta de contextualizar os usos contemporâneos num percurso de evolução, dispondo qualitativamente de dados diacrônicos como uma evidência a favor da abordagem variacionista.

Podemos dizer, contudo, que a abordagem variacionista traz luz para a diacronia, na medida em que permite visualizar que uma mesma forma pode se prestar a mais de uma função, ainda que uma das funções se sobressaia diante de outra ou outras, no uso das formas – e essas preocupações acerca das relações entre forma e função são especialmente caras aos funcionalistas.

O rápido exame dos empregos de TP em séculos passados, por exemplo, nos mostra que a diferença entre o emprego resultativo (resultado presente de uma ação ou evento passado) e o emprego imperfectivo (alongamento do passado para o presente) pode residir na focalização de um ou outro ponto de um esquema temporal – aspectual – visualizado pelo usuário da língua.

Responder à pergunta sobre como se deixou de ver tal esquema de uma forma, para vê-lo de outra, não é tarefa simples; mas admitir que modos diferentes de visualização podem ter convivido em certos recortes diacrônicos devem, sem dúvida, auxiliar no trabalho de desvendar o mistério da implementação da mudança. De qualquer modo, fica concretizado neste capítulo seu objetivo principal: atestar diacronicamente que as formas perifrásticas preenchem campos semânticos que podem ser tratados do ponto de vista da regra variável.

⁵ Respectivamente, do inglês *actuation* (ou *initiation*) e *implementation* (ou *transmission*). (Cf. Weinreich, Labov & Herzog 1968 e McMahon 1994:225)

CAPÍTULO 4

O CONTEXTO VARIÁVEL NA SINCRONIA

Entre outros objetivos, é comum aos trabalhos em sociolinguística a tentativa de explicar a variação com base em fatores lingüísticos e sociais, enquanto favorecedores ou inibidores do uso de uma ou outra variante de uma variável. Dada a concepção de que a variação nas línguas não é caótica, mas ordenada, a análise quantitativa das ocorrências das variantes é metodologicamente possível: o peso com que cada fator se correlaciona ao emprego de uma variante pode ser verificado empiricamente.

A análise propriamente quantitativa é, contudo, precedida por uma análise de natureza qualitativa, que consiste na determinação dos contextos em que, de fato, mais de uma forma lingüística expressa um mesmo significado. Trata-se da delimitação do contexto variável ou envelope de variação. Além disso, é nessa análise qualitativa que se aventam as hipóteses lingüísticas sobre a regulação do uso variável, hipóteses essas que se traduzem em grupos de fatores. Quanto aos fatores sociais, eles são geralmente estabelecidos antes mesmo da análise qualitativa dos dados, pois o *corpus* a ser analisado deve ser organizado com base neles, conforme já foi apontado no capítulo 1 e conforme será retomado mais adiante.

Como exemplo de definição do envelope de variação, não poderíamos incorporar o vocábulo "jeito" ao conjunto de dados formado por "queijo", "feira", "peixe", e outros, para estudar a variabilidade na pronúncia do ditongo /ej/ em português. De fato, "jeito" parece não poder ser pronunciado /jetu/, do mesmo modo que /keju/, /fera/ e /peji/. Em outras palavras, quando o contexto fônico seguinte ao ditongo é uma fricativa ou uma lateral, a pronúncia do ditongo é variável; mas, quando o contexto seguinte é uma oclusiva ápico-dental, o ditongo não é neutralizado.

De modo similar, num estudo em que se quer verificar os fatores que condicionam a assimilação de [n] e [d] no contexto do morfema {-ndo}, e sua consecutiva redução para {-ano}, {-eno} ou {-ino} (conforme a vogal temática do verbo

em questão), se se souber de antemão que os verbos em {-ir}, por exemplo, nunca têm seus morfemas de gerúndio reduzidos numa certa comunidade, tais verbos não poderão ser incluídos no conjunto de dados. Ou seja, se num determinado contexto não há variação, as ocorrências dos dados naquele contexto não interessam para a análise da regra variável, em termos quantitativos. Estas podem, isso sim, oferecer confirmações importantes e desempenhar um certo papel no estabelecimento dos grupos de fatores, no momento da análise qualitativa.

No que diz respeito ao uso das perífrases *estar + gerúndio* (EG) e *ter + particípio* (TP), enquanto variantes na expressão dos aspectos durativo e iterativo, o procedimento é o mesmo. Uma vez que tais construções não podem ser intercambiadas em todo e qualquer caso, sem que haja uma conseqüente mudança do sentido aspectual, é necessário verificar quais ocorrências não podem integrar o conjunto de dados a ser analisado quantitativamente

Este capítulo, portanto, é destinado à descrição do procedimento de filtragem qualitativa dos dados. Nos itens seguintes, o objetivo é deixar claro quais casos não podem nem devem ser incorporados ao conjunto de dados quantitativamente analisados. Além disso, estabelecem-se os grupos de fatores que foram incluídos na análise da variável.

1. O tempo verbal

Em toda a literatura sobre aspecto verbal, há sempre um momento em que a atenção é dirigida às relações entre o tempo - enquanto grandeza física e categoria dêitica, e basicamente subdividida entre "passado", "presente" e "futuro" em nossa língua - e o aspecto verbal, que alguns autores chamam de "tempo interno" de um evento ou estado de coisas (Castilho 1968, 1999, Travaglia 1981).

Tais relações podem ser exemplificadas e discutidas através de qualquer tipo de construção verbal, não apenas de construções perifrásticas. No entanto, dado nosso interesse no presente capítulo - separar as frases em que um mesmo sentido aspectual pode ser expresso tanto com EG quanto com TP -, vamos desenvolver a discussão apenas a partir de tais construções perifrásticas.

O tempo verbal morfologicamente marcado no auxiliar é possivelmente a restrição mais óbvia para o uso variável dessas perífrases. Conforme veremos a seguir, tanto o aspecto durativo quanto o iterativo podem ser compostos a partir da perífrase com gerúndio, qualquer que seja o tempo verbal marcado no auxiliar. O mesmo não é verdade para frases com TP, que não podem ter ambas interpretações aspectuais em todos os tempos. TP é aspectualmente versátil apenas quando o auxiliar está conjugado no presente.

1.1. Tempos do passado e do futuro

(01) (D2 SP333)

há muitos anos quando eu já **estava** acho que **começando** na minha carreira de jornalista... eu:...tive uma entrevista... com uma senhora que era embaixatriz do:...do Canadá..

(02) (D2 SP360)

hoje eu **estive vendo**... um livro... editado pelo:... Instituto Robert o Simonsen... vocês conhecem?... sobre as profissões no estado de São Paulo

(03) (D2 SP255)

se forem educativos os programas ... se forem programas realmente de de acréscimo cultural ... ela (a televisão) **estará cumprindo** um papel que hoje é até desconhecido não é?

(04) (D2 SP255)

E: ... então nós gostaríamos que o professor C. falasse sobre o problema do correio ...

I: bom... não sei até que ponto eu posso responder em termos pessoais (...) como ex-carteiro que sou ... eu ... **estaria fazendo** uma auto-crítica (risos)

Nas quatro frases com EG acima, temos estados de coisas em progresso ou, em outras palavras, estados de coisas durando no decorrer do tempo. A diferença para a qual se quer chamar a atenção aqui é a do tempo verbal marcado no auxiliar. O pretérito imperfeito em (01) serve à composição de um intervalo de tempo dentro do qual outro evento - "ter uma entrevista" - se dá. O pretérito perfeito em (02) localiza a atividade "ver um livro" num intervalo de tempo anterior à entrevista com aquele falante, ainda que no

mesmo dia em que ela se deu. Em (03), o futuro do presente situa o evento em algum momento posterior ao da entrevista. E finalmente em (04), a forma do futuro do pretérito permite vislumbrar a hipótese da ocorrência do evento no futuro, e tal evento seria durativo.

O que primeiramente precisa ser notado aqui é a impossibilidade de expressar os mesmos sentidos com TP nos mesmos contextos.

(01a) há muitos anos, quando eu já **tinha começado** na minha carreira de jornalista, eu tive uma entrevista com uma senhora que era embaixatriz do Canadá

(02a) * hoje eu **tive visto** um livro editado pelo Instituto Robert o Simonsen.

(03a) se forem educativos os programas, a TV **terá cumprido** um papel até hoje desconhecido.

(04a) ? (se eu falasse sobre o problema do correio) eu **teria feito** uma auto-crítica.

Em (01a), "começar a carreira" é um evento situado num momento anterior a "ter uma entrevista", diferentemente de (01), como vimos acima, em que "começar a carreira" é um evento em progresso que serve de moldura para outros eventos, tal qual "ter uma entrevista".

Embora estejamos aqui tratando especialmente do tempo verbal do auxiliar, faz-se necessário discutir algo acerca de certos traços semânticos do verbo na forma nominal. De acordo com a classificação proposta por Vendler, *começar (algo)* é um verbo do tipo *achievement*, pois tem os traços [- durativo], [+ télico] e [+ dinâmico]. A pergunta que se coloca então é se *ter (pret. imperfeito) + participio* não expressaria duratividade mesmo com verbos de outros tipos, como os de atividade e de estado ([+ durativos], [- télicos]) e *accomplishments* ([+ durativos] e [+ télicos]). Os exemplos abaixo dão a resposta.

(01b) há muitos anos, quando eu já **tinha trabalhado** como jornalista, eu tive uma entrevista com uma senhora que era embaixatriz do Canadá.

(01c) # há muitos anos, quando eu já **tinha estado** na direção do jornal, eu tive uma entrevista com uma senhora que era embaixatriz do Canadá¹.

¹ O símbolo # é para sinalizar que esta frase parece um tanto "forçada". Soaria melhor "há muitos anos, quando eu já tinha deixado a direção do jornal...". É possível que a natureza durativa de um verbo de estado

(01d) há muitos anos, quando eu já **tinha feito** todo meu trabalho de jornalista, eu tive uma entrevista com uma senhora que era embaixatriz do Canadá.

"Trabalhar (como jornalista)" [atividade], "estar (na direção do jornal)" [estado], e "fazer (todo o trabalho)" [*accomplishment*] são todos durativos, e diferentes de "começar (algo)". Tal duratividade inerente ao VP, contudo, não é o sentido aspectual em foco nestas frases com *ter*_(pret. imperfeito) + *particípio*. Do mesmo modo que em (01a), nas três frases acima temos um evento situado no passado, terminado, anterior ao evento "ter uma entrevista".

A partir desses exemplos, pode-se então afirmar que a perífrase TP não expressa duração em curso quando o auxiliar está conjugado no pretérito imperfeito, mesmo quando o verbo na forma nominal é de natureza durativa. Por essa razão, casos como esses que apareceram nas entrevistas que constituíram o *corpus* para essa pesquisa não foram, obviamente, considerados na análise quantitativa.

Passando para a frase (02a), é interessante observar a agramaticalidade da composição *ter* (pretérito perfeito) + *particípio*. Com esta frase, podemos forçar o acesso a fases anteriores do português, em que a perífrase se encontrava ainda em processo de gramaticalização:

(02a) * hoje eu **tive visto** um livro editado pelo Instituto Robert Simonsen.

(02b) eu **tive** um livro (editado pelo Instituto Robert Simonsen) visto.

Em (02b), o verbo *ter* é transitivo direto e indica posse. Livro é argumento interno de *ter*, e *visto* é uma qualidade atribuída a livro. *Visto* pode ainda ser interpretado como uma oração reduzida de particípio, funcionando como uma sorte de voz passiva (Chaves 2000), parafraseada abaixo:

(02c) eu **tive** um livro visto pelo Papa.

(02c') eu **tive** um livro que foi visto pelo Papa.

como *estar* funcione como algum tipo de restrição à natureza pontual, terminativa de TP no pretérito imperfeito, mas isso não será discutido no presente item.

Sabemos que em frases como essas, um objeto plural seria seguido por um adjetivo plural (Mattos e Silva 2002, Costa 1987), o que é uma outra maneira de mostrar que *ter* + *particípio* ainda não era uma construção gramaticalizada naquela fase.

(02d) eu **tive** dois livros vistos pelo Papa.

Seria possível, então, admitir que a frase em (02a) teria sido obtida a partir de uma reanálise da frase em (02b). Frases como estas, contudo, parecem não mais ocorrer com frequência considerável no português brasileiro - pelo menos não no PB falado. Entretanto, o que nos interessa aqui é demonstrar que, no pretérito perfeito, EG é um modo de expressar duratividade, enquanto que TP é eliminada pela gramática do PB contemporâneo.

Antes de passar para os casos em que o auxiliar está conjugado no futuro, vale ainda notar a diferença aspectual que existe entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito, morfologicamente marcados no verbo. O primeiro remete a um intervalo de tempo no passado, enquanto que o segundo remete a um ponto no passado, como mostram as frases (01e) e (02e) abaixo, adaptadas a partir das frases originais com *estar* + *gerúndio*.

(01) eu **estava começando** na minha carreira de jornalista quando tive uma entrevista

(01e) eu **começava** na minha carreira de jornalista quando tive uma entrevista

(02) eu **estive vendo** um livro editado pelo Instituto Robert Simonsen

(02e) hoje eu **vi** um livro editado pelo Instituto Robert Simonsen

O par (01)/(01e) acima mostra que EG não é imprescindível para se expressar aspecto durativo ou progressivo no pretérito imperfeito, pois o próprio imperfeito tem essa característica. Há de fato vários autores, como vimos no capítulo 2, que preferem o termo *imperfectivo* aos termos *durativo* e *progressivo*, argumentando que se trata de um termo mais genérico e abrangente que os outros dois.

Quando se trata do pretérito perfeito, por outro lado, o par (02)/(02e) mostra que EG é imprescindível nesse caso. Em (02e), "ver um livro" não dura, diferentemente do

que ocorre em (02), apesar de o tempo verbal ser o mesmo. Adicionando a este o fato de que TP não expressa duratividade em nenhum dos tempos verbais até aqui tratados, temos já uma justificativa factual para a consideração de que EG é a perífrase durativa ou progressiva por excelência.

Finalmente, tratando dos casos em que o verbo auxiliar na perífrase aparece conjugado no futuro, neles também TP indica o aspecto que Castilho e Moraes de Castilho 2000 chamam de *resultativo*. Trata-se de estados de coisas pontuais, que resultam da finalização do processo que os antecede. Em outras palavras, o resultativo não se situa dentro do domínio da operação da ação ou do desenvolvimento do processo, mas sim fora dele - após a sua completude. Parafraseando (03a) em (03b) temos:

(03a) se forem educativos os programas, a TV **terá cumprido** um papel até hoje desconhecido

(03b) se os programas forem educativos, após o seu desenvolvimento, a TV **terá cumprido** um papel até hoje desconhecido

Quanto à agramaticalidade de (04a), trata-se meramente de uma combinação de tempos verbais entre as orações subordinada e principal que pode ser qualificada como inadequada.

(04a) ? (se eu falasse sobre o problema do correio) eu **teria feito** uma auto-crítica.

(04b) se eu tivesse falado sobre o problema do correio, eu **teria feito** uma auto-crítica.

De qualquer forma, as frases apresentadas sob os números (03) e (04) mostram que a perífrase TP expressa um aspecto diferente daquele expresso por EG, quando o auxiliar está conjugado no futuro. E o que há de comum entre todos os exemplos de frases com TP apresentados até aqui (01a - 04a) é o fato de que o aspecto verbal não é durativo como nos casos de EG correspondentes (01-04). O aspecto nas frases com TP é pontual, podendo ser chamado de terminativo ou resultativo.

Até este momento, toda a discussão que desenvolvemos teve como pano de fundo a expressão do aspecto durativo. Mostrou-se que EG pode expressar tal aspecto nos tempos do passado e do futuro, e que TP não pode. Dito de outra forma, EG e TP não são

variantes em tempos do passado e do futuro, quando a variável é a expressão do aspecto durativo.

É preciso agora repetir a pergunta, mas tendo como pano de fundo a expressão do aspecto iterativo. Vejamos os exemplos a seguir:

(05) Rio 80 - MGI

antigamente, na mesinha lá do salão paroquial, era um, assim, cada um levava um prato de bolo, um prato de doce, um sanduíche... mas num **tava dando** muito certo no final, porque a gente nunca saberia o que teria ali pra dá...

(06) Rio 00 - Leo

E: (...) Qual é a razão, né, que decidi realmente, não, não quero medicina, vou seguir mesmo a engenharia?

I: Porque justamente assim ó: a necessidade que eu tive de começar a trabalhar... Eu sempre tive envolvido em área técnica, sempre me envolvi em área técnica, é: eu fui funcionário da Embratur, trabalhei na, no serviço gerais, fazia manu..., eu... eu auxiliava na manutenção predial, toda parte de instalação imobiliária era eu... Era a pessoa... Onde eram centradass, os pedidos, né? de reclamação (...)

E: Você **esteve inovando** é?

I: É, ah eu inovei um monte, olha, sempre onde eu entro eu inovo, eu tento melhorar.

(07) Rio 00 - Dav

E: E se ela casá morá bem longe.

I: Ah eu procuro morá perto, vendo tudo e vou pra pertinho, eu vou ser o vizinho do lado. (risos)

E: Você vende tudo?

I: Vendo... (...) porque ela é filha única né, ninguém vai querê deixa aí, mas se não tive jeito e ela quisé é eu falo assim que vou mas não vou não, **vou** claro **está** sempre **visitano**, procurá falá, sabê como é que tá, como é que não tá.

(08) Se eu tivesse ganhado aquele dinheiro, eu **estaria viajando** muito mais.²

Como foi visto no capítulo 2, em muitos casos é difícil estabelecer uma fronteira clara entre iteratividade e duratividade. Relembrando Verkuyl 1993, a grande diferença aspectual no desenvolvimento de sua teoria é aquela existente entre terminativos e durativos, de um modo geral. Neste sentido, se um mesmo evento se repete com o decorrer do tempo, podemos interpretar o aspecto como sendo iterativo (se focalizarmos as repetidas vezes em que o evento se dá) ou como durativo (se a distância temporal entre cada uma das vezes em que se dá o evento forem menosprezadas).

Nos exemplos (05) a (08) acima, considera-se o aspecto como sendo iterativo porque, diferentemente dos exemplos apresentados de (01) a (04):

(i) os eventos são, de fato, "plurais", ou seja, ocorrem mais de uma vez;

² Como não foi encontrado nenhum exemplo com o verbo auxiliar no futuro do pretérito que pudesse ser interpretado como iterativo, "inventou-se" o exemplo sob o número (08)

(ii) adjuntos adverbiais representando tal "pluralidade" - tais como "repetidamente", "com mais frequência", "mais vezes" - podem ser adicionados às frases (se já não estiverem originalmente presentes).

(05a) mas não **estava dando certo** com tanta frequência no final

(06a) Você **esteve** repetidamente **inovando** é?

(07a) **vou estar** sempre **visitando**-a.

(08a) Se eu tivesse ganhado aquele dinheiro, eu **estaria** **viajando** muito mais vezes

Em (05)/(05a), "dar certo" é um evento que ocorre mais de uma vez, dentro de um intervalo de tempo (pretérito imperfeito) em que o estado de coisas é diferente daquele do intervalo de tempo imediatamente anterior ("*antes dava certo, mas no final não estava dando mais*"). Em (06)/(06a), "inovar" é um evento que se repetiu num determinado momento do passado (pretérito perfeito). Em (07)/(07a), "visitar" é o evento que se repete no futuro, morfologicamente marcado através da perífrase *ir + infinitivo*. E finalmente em (08)/(08a), "viajar" é um evento que hipoteticamente se repete no futuro (futuro do pretérito).

Não vamos nos dedicar, neste item, a discutir o papel dos adjuntos adverbiais na expressão do aspecto verbal. Por hora, parece ser necessário notar que o advérbio "sempre" denota repetitividade em (07), mas pode também denotar duratividade. Parece haver uma relação direta entre o tipo semântico do verbo na forma nominal e o sentido expresso por "sempre". "Visitar", do modo como exemplificado em (07), é um verbo do tipo *accomplishment*, ou seja, detém os traços [+durativo] e [+téllico] - o evento dura e tende a um fim. Desse modo, *estar sempre visitando* é sinônimo de "visitar várias vezes".

Neste item, é preciso mostrar que nos tempos verbais do passado e do futuro, TP não expressa iteratividade do mesmo modo que EG:

(05b) mas não **tinha dado** muito certo no final

(06b) * Você **teve** **inovado** é?

(07b) **vou** claro **ter visitado**.

(08b) Se eu tivesse ganhado aquele dinheiro, eu **teria viajado** mais vezes.

Assim como ocorreu nos testes anteriormente feitos, para o caso da expressão do progressivo, aqui também *ter (pretérito perfeito)* é incompatível com a forma nominal do particípio passado (06b). Em (05b), (07b) e (08b), por outro lado, apesar da interpretação de eventos plurais ser possível, não se trata da mesma iteratividade expressa por (05/05a), (07/07a) e (08/08a), em que figura *estar + gerúndio*.

Mais uma vez, com TP conjugado no passado e no futuro, a noção é de completude, de resultado. Comparando apenas (08a) e (08b), a fim de explicar melhor:

(08a) Se eu tivesse ganhado aquele dinheiro, eu **estaria viajando** mais vezes

(08b) Se eu tivesse ganhado aquele dinheiro, eu **teria viajado** mais vezes.

Na primeira frase, "viajar" é um evento que ocorreria hipoteticamente mais vezes, desde o momento em que se ganhou o dinheiro (passado), até o presente da enunciação, que compreende o momento em que a frase foi enunciada e o futuro imediato em relação a tal momento. Já na segunda, "viajar" é um evento que teria hipoteticamente ocorrido, repetidas vezes, num intervalo de tempo que é anterior ao momento presente da enunciação da frase; tal intervalo de tempo já terminou, e não inclui, portanto, o tempo presente da fala.

Assim sendo, EG e TP não podem ser intercambiados nestes tempos verbais, para expressar aspecto iterativo. Apesar de TP poder expressar pluralidade de eventos nos tempos pretérito imperfeito, futuro do presente e futuro do pretérito, tal construção não constitui uma variável junto com EG naqueles tempos porque, como vimos, a relação aspecto-tempo não se estabelece do mesmo modo com ambas as construções.

1.2. O tempo presente

No início deste capítulo, apontou-se que, diferentemente do que se nota em outros tempos verbais, é no tempo presente que a perífrase TP é aspectualmente mais versátil, podendo contribuir para a composição do durativo e do iterativo. Além disso, é neste tempo que TP e EG podem ser de fato intercambiáveis.

Entretanto, também neste tempo verbal há restrições para o uso variável das duas perífrases que dependem da relação aspecto-tempo. Ou seja, nem todos os casos em que os auxiliares *estar* e *ter* aparecem no presente, em suas respectivas perífrases, podem ser incluídos na análise quantitativa.

(09) D2 343

I: você viu se **está gravando** direito aí?³

E: **est á est á**; eu já deixo no automático ...

(10) D2 255

eu há ... doze treze anos atrás ... tive oportunidade de:: fazer pesquisas sobre a maneira de falar do gaúcho ... a maneira de falar do cearense ... do baiano ... (...) a maneira de falar do amazonense... isto geograficamente tem uma importância muito grande ... hoje a gente percebe que a televisão ... **está ... fazendo** com que o regionalismo desapareça ... e o aquilo que DIZ o Chacrinha ... aquilo que diz o Sílvio Santos ... acaba se constituindo nas frases que dizem TODOS os brasileiros de TODAS as regiões

(11) Rio 80 - Jup

Aí não saio mais, assim, para praia, baile, samba. Não vou para lugar nenhum. Só fico dentro de casa. Entra segunda, sai segunda, eu estou dentro de casa. Não saio. Todo mundo **está falando** que eu virei, até, crente. Que eu não saio mais, assim, para badalação.

Os três casos acima são exemplos de EG com o auxiliar no presente. Em (09) e (10) o aspecto é comumente considerado como progressivo - um evento singular se estende no decorrer do tempo. Em (11), considera-se o aspecto como sendo iterativo, pois o evento se repete com o passar do tempo.

A particularidade do exemplo (09) é a de que a perífrase EG não pode ser trocada por TP em tal frase sem que haja mudança de sentido. Tal exemplo foi encontrado no começo de uma entrevista - o informante preocupou-se com o fato de o gravador usado pelo entrevistador estar funcionando ou não. Desse modo, o momento de enunciação da

³ Para facilitar a interpretação aspectual dessa sentença, considere-se que se trata do começo da entrevista sociolinguística, em que o informante que está sendo gravado preocupa-se com o funcionamento do gravador, e faz a pergunta em (09) ao entrevistador.

pergunta do informante (“você viu se está gravando direito aí?”) coincide com o momento da gravação propriamente, ou seja, o momento da realização do evento a que o informante se refere. E não há outra interpretação possível:

(09a) * você viu se **tem gravado** direito aí?--

A frase em (09a) - com TP no lugar de EG - é agramatical apenas para o mesmo sentido progressivo de (09). Num contexto diferente, em que não se estivesse necessariamente fazendo referência a um evento em progresso no momento da fala, a frase seria perfeitamente possível:

(09b) você viu se **tem gravado** direito aí? Tem que checar sempre, sabe. Esses gravadores às vezes deixam você na mão.

Do modo como contextualizada em (09b), a frase com TP é possível em pelo menos duas situações:

- há um único gravador, que deve ficar gravando alguma coisa continuamente durante um intervalo de tempo mais longo que o de uma entrevista sociolinguística; há alguém que deve substituir a fita já gravada por uma nova, para que a gravação continue;
- há mais de um gravador, no mesmo tipo de situação descrita acima.

Em nenhuma dessas situações possíveis a gravação é algo que acontece necessariamente no momento em que a frase é enunciada. Quando se pergunta "tem gravado?", faz-se referência a um evento que começou em algum momento do passado, e que de algum modo ocorre no presente (repetida ou continuamente), mas que não está necessariamente ocorrendo no momento da enunciação. Com efeito, para o contexto dado em (09b), o gravador pode estar desligado no momento em que se fala a frase. O mesmo não vale para (09), com EG: como vimos, para que esta seja válida, a gravação deve estar em progresso.

Dessa forma, o caso exemplificado em (09) não pode ser considerado na análise quantitativa, pois não se trata de um caso em que é indiferente usar EG ou TP. Por outro lado, (10) e (11) trazem exemplos de uso de EG que poderiam ser substituídos por TP sem alterações no sentido aspectual:

(10) a televisão **está fazendo** com que o regionalismo desapareça

(10a) a televisão **tem feito** com que o regionalismo desapareça

(11) Todo mundo **está falando** que eu virei crente.

(11a) Todo mundo **tem falado** que eu virei crente.

No par (10/10a) o aspecto em foco é o durativo. Pelo fato de que em (10) "fazer com que o regionalismo desapareça" não está necessariamente ocorrendo no lugar e no momento exato da entrevista (apesar de estar ocorrendo no tempo presente), é possível a substituição de EG por TP.

Seria possível argumentar contra o uso variável das duas perífrases, do modo como exemplificado pelo par (10/10a), alegando uma diferença de natureza temporal entre elas. EG parece focalizar mais o presente. Com efeito, já foi nomeada de "presente composto" por alguns autores (Castilho 2000, por exemplo). TP, por outro lado, parece focalizar mais o passado (de fato, essa forma é reconhecida como "passado composto"), apesar de expressar algo que se estende do passado para o presente.

Contudo, além do fato de que o sentido "do passado para o presente" é possível com EG, também está a favor da interpretação do uso variável o fato de que o número de casos de TP é bastante reduzido na língua falada, sendo muito próximo de nulo entre os falantes mais jovens. Ora, se TP tem um uso muito limitado, é muito provável que os sentidos expressos por tal construção sejam também expressos por outra, mais freqüente, mais produtiva na língua falada.

Tais observações são válidas também para o par (11/11a). A particularidade deste caso em relação ao par anterior é que o aspecto em foco é o iterativo, pois "falar que eu virei crente" é um evento que ocorre mais de uma vez, ou seja, não é um evento singular. A discussão acerca da diferença temporal entre as duas construções também é possível aqui, com a ressalva de que neste par tem-se a repetição de um evento - repetição essa que começa em algum momento do passado e continua até o presente (daí a noção de

pluralidade) - e não de um evento único em progressão contínua, como no caso de (10/10a).

As frases com EG no presente foram selecionadas como dados para serem quantitativamente analisados conforme pudessem ser substituídas por TP. Entretanto, é óbvio que o inverso também foi feito: quando se deparou com casos de TP com auxiliar no presente, fez-se o mesmo tipo de pergunta - "seria possível substituí-lo por EG, mantendo o significado aspectual no mesmo contexto"?

(12) (D2 SP333)

vocês acham então que o noticiário em TV **tem melhorado** bastante?

(13) (D1 D SP234)

eu **tenho ido** todas terças-feiras no programa que aparece no sábado

(14) (D1 D SP234)

E: como é que o público se manifesta ou depois de terminado um ato no intervalo ou depois da peça?...no que diz respeito à peça em si?

I: eu não acho assim que eles...aplaudem::não sei eu tenho impressão que que o público vai a teatro e não não não...não tem eh eh que eu eu notei que aplaudiam muito quando eu falei da peça do Hair e do Roda Viva foi uma das peças que MAI S achei que o público aplaudiu foram as duas agora o o:...essas outras peças que eu **tenho assistido** eu não acho que o público se manifestasse assim::aplaudindo muito Casa de Bonecas sim...eu me lembro...a última...depois eram::eu notei que o público era mais refinado sabe?

A frase em (12) exemplifica TP expressando aspecto durativo. "Melhorar" indica um evento que se iniciou em algum momento do passado e que continua em progresso. A perífrase pode ser substituída por EG sem prejuízo desse significado:

(12a) vocês acham então que o noticiário em TV **está melhorando** bastante?

Essa é a única interpretação possível para (12), e podemos inclusive lembrar o que discutimos no capítulo 3, quando tratamos de ocorrências similares na diacronia: antigamente, esta sentença poderia ser parafraseada por (12b) abaixo – ou seja, o aspecto composto com o emprego de TP era interpretado como perfectivo.

(12b) vocês acham então que o noticiário em TV **melhorou** bastante?

Neste mesmo sentido, (12) também é um exemplo conveniente para mostrar a diferença entre *ter* + *participio* em PB, de um lado, e *haber* + *participio pasado* (espanhol) e *have* + *past participle* (inglês), de outro. Diferentemente do que ocorre em

PB, a perífrase com particípio no espanhol e em inglês não expressa imperfectividade, em casos como o de (12), respectiva e literalmente traduzidos para o espanhol e para o inglês em (12c) e (12d):

(12c) ¿ustedes creen que el noticiero en TV **ha mejorado** bastante?

(12d) do you think the TV news **has gotten better**?

Os falantes nativos de PB apresentam dificuldades no aprendizado do *perfecto compuesto* do espanhol (Dietrich 1973, Boléo 1962), e do *present perfect* do inglês, justamente por serem idênticos na forma (verbo *ter* no presente + particípio passado do verbo principal) e diversos no sentido. De fato, no caso do espanhol e do inglês, o aspecto associado aos chamados *perfecto compuesto* e *present perfect* é o resultativo, acabado - como era no português de séculos passados (Cf. capítulo 3). Atualmente, a tradução das frases em (12c) e (12d), deveria ser feita com o pretérito perfeito, como em (12b).

As frases em espanhol e inglês são ilustrativas das diferenças interlingüísticas, mas servem também para demonstrar que TP pode expressar duratividade em PB, quando o auxiliar está conjugado no presente. É provável que haja outros fatores importantes na composição do sentido do aspecto durativo a partir dessa construção, tais como o tipo semântico do verbo, de acordo com a categorização de Vendler. Essa discussão é oportunamente aprofundada mais adiante neste mesmo capítulo, quando do estabelecimento das variáveis independentes (grupos de fatores) incluídas na análise quantitativa.

Partindo para o exemplo dado em (13), temos um caso em que TP expressa aspecto iterativo. Trata-se de um exemplo típico daquilo que Ilari 2000 chama de "escalonamento no tempo" - um evento que se dá repetidas vezes, dentro de um intervalo de tempo mais ou menos definido, que se estende desde algum momento no passado até o presente.

O tipo semântico do verbo, bem como o número do sujeito e o número do complemento verbal, quando o verbo é do tipo transitivo, são fatores importantes na

expressão do aspecto iterativo, como foi teoricamente apontado no capítulo 2, e serão quantitativamente analisados no capítulo 5, a seguir. Aqui, interessa reiterar que TP pode ser substituído por EG sem prejuízo do sentido aspectual:

(13a) eu **est ou indo** todas terças-feiras no programa que aparece no sábado

A substituição de uma perífrase por outra não parece ser tão indiferente assim em (14):

(14) essas outras peças que eu **tenho assistido** eu não acho que o público se manifestasse assim

(14a) essas outras peças que eu **est ou assistindo** eu não acho que o público se manifestasse assim

Fora de contexto, não parece haver problema: seja TP ou EG a forma usada no par acima, fica clara a idéia de que o sujeito assiste a uma peça de cada vez, uma após a outra, em momentos diferentes, de modo que se interpreta "assistir peça" como um evento iterativo.

Entretanto, se voltamos ao contexto lingüístico mais amplo, conforme apresentado anteriormente, vamos nos dar conta de que é claro o fato de que o sujeito não mais está assistindo a peças de teatro. Ou seja, "assistir peças" se repetiu no passado, e já não acontece no presente. Na verdade, "tenho assistido" poderia ser substituído ou pelo verbo principal no pretérito perfeito, ou por EG com o auxiliar no pretérito perfeito:

(14b) essas outras peças que eu **assisti** eu não acho que o público se manifestasse assim

(14c) essas outras peças que eu **estive assistindo** eu não acho que o público se manifestasse assim

Casos como esse não foram levados em conta na análise quantitativa. Sempre que o contexto mais amplo em que a frase com TP se insere forneceu maiores informações sobre a referência temporal (repetição no passado, mas não no presente), preferiu-se desconsiderar o exemplo enquanto dado quantitativo. A justificativa para isso está no fato de que se acredita que, em casos como esse, o uso perifrástico não é variável. Ora, se TP está num exemplo em que a repetição se dá apenas no passado, EG com auxiliar no

presente em princípio não poderia ser usada em seu lugar, já que pressupõe a continuidade da repetição também no presente.

Os exemplos discutidos neste sub-item mostram, portanto, que diferentemente do que ocorre nos tempos do passado e do futuro, EG e TP podem ser considerados como variantes de uma variável quando o auxiliar está conjugado no presente. Vimos que nem todos os contextos permitem tal variação, contudo. Quando o tempo presente verbal coincide com o presente imediato da enunciação, EG não pode ser substituído por TP. De maneira semelhante, quando *ter (presente) + particípio* na verdade focaliza a repetição ou progressividade de um evento no passado, e não o presente, ele não pode ser substituído por EG.

2. O tipo semântico do verbo na forma nominal

Verkuyl 1993 afirma, logo nas primeiras páginas desse seu trabalho que já é considerado um clássico na literatura sobre aspecto verbal, que a categorização dos verbos com base nos traços semânticos [+ pontual] / [- pontual], [+ télico] / [- télico] e [+ dinâmico] / [- dinâmico], conforme feita por Vendler 1957, não deveria ser tomada como ponto de partida infalível para o desenvolvimento de uma teoria sobre a composicionalidade do aspecto.

Entretanto, vamos utilizar a classificação vendleriana, de modo similar a Peres 1998. As razões que a justificam aqui são basicamente três:

- em PB, verbos de natureza pontual podem ter interpretações diferentes quando em construções perifrásticas com *ter* ou com *estar*;
- a distinção entre pontualidade/duratividade e telicidade/atelicidade mostrou-se útil na interpretação do aspecto verbal nas diferentes frases com as perífrases em questão;
- com tal classificação, foi possível verificar quantitativamente se os diferentes tipos de verbos poderiam ser usados tanto com *ter + particípio* quanto com *estar + gerúndio* para expressar um mesmo valor aspectual.

2.1. Verbos de estado: [- pontual], [- télico], [- dinâmico]

(01) D2 SP 62

você veja por exemplo o caso dos advogados como que está o mercado de trabalho deles ... é:: a bendita da lei da oferta e procura né? que regula evidentemente... todas as profissões em termos de mercado de trabalho ... (...) uma demanda muito grande... e uma oferta pequena... então nós **estamos tendo** assim um problema::... de quantidade mesmo

(02) Rio 00 - Jup

E: Tá com frio, muito frio?

F: Não, até que eu num **tô sentindo** muito frio, tô estranhando até o inverno, que não tá muito frio.

(03) D2 SP 360

F1: precisa praticar esporte precisa... precisa é necessário é fundamental o esporte né? ainda mais nessa fase de adolescência...ma::s...ele...eu tenho::...certeza de que ele...ao entrar no colegial... e pensando num colegial...profissionalizante que tenha aquilo que o atraia que são as máquinas ele vai se esquecer da outra profissão que ele pretende ter sabe?

F2: mas não **está havendo** nenhuma pressão?

F1: de jeito nenhum não de jeito ne/ ele vai ao jogo de futebol com o tio (...) nos fins de semana

(04) Rio 80 - Joss

mas realmente nós **estamos precisando** de bastante gente (lá onde eu trabalho)

(05) DI D SP 333

então eu dizia "mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente neste exato momento...naquela hora --parece que não sei se era oi/ dez da noite-- o::as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas...estão presas a esse...esse enredo essa história que se processa...e por falar nisto...eu dei essa notícia ontem não sei se você sabe...que 'O Bem Amado'...traduzido para o espanhol 'El Bien Amado' **está sendo** um sucesso enorme em Montevideu

Nas cinco frases acima, as perífrases em negrito têm verbos estativos como verbo principal. Trata-se de verbos que, em conjunto com seus complementos, representam estados de coisas não-dinâmicos, não pontuais (são inerentemente durativos) e atélicos (o estado de coisas não tende a um fim). Conforme vimos no capítulo 2, a noção de aspecto inerente não é necessariamente uniforme entre os diferentes autores. Neste trabalho, do mesmo modo como foi feito em Campos (1998), quando afirmamos que um verbo é estativo, estamos considerando (i) o verbo principal no infinitivo e (ii) o verbo principal com o complemento que aparece na frase.

Em todas as cinco frases, interpreta-se o aspecto como durativo, já que o estado de coisas é singular. Isso significa, portanto, que não poderíamos adicionar a elas adjuntos adverbiais que expressem frequência, sem alterar o sentido aspectual das sentenças originais:

(01a) * nós **estamos tendo** um problema de quantidade com frequência

(02a) * Não, até que eu num **tô sentindo** muito frio muitas vezes

(03a) * mas não **está havendo** nenhuma pressão repetidas vezes?

(04a) * mas realmente nós **estamos** repetidamente **precisando** de bastante gente onde eu trabalho

(05a) * esta novela **está sendo** um sucesso enorme em Montevideu de vez em quando

As frases (01a-05a) não são impossíveis em PB. O asterisco em cada uma delas serve para ilustrar que elas seriam agramaticais nos contextos de que (01) a (05) foram extraídas, e também para justificar que o aspecto nas frases originais é mesmo o durativo. A impossibilidade de inserção dos adjuntos adverbiais que expressam repetição do estado de coisas ou do evento nas frases em seus contextos originais constitui, conforme apresentado no Capítulo 2, um teste para a diferenciação entre durativo e iterativo. O sinal de agramaticalidade indica, portanto, que nos contextos originais foi estabelecido um intervalo de tempo em que a sentença é verdadeira em toda a sua extensão. Em outras palavras, não há intermitência do evento / estado de coisas; não há escalonamento no tempo, nas palavras de Ilari 2000.

Feito tal teste, podemos então verificar se o tipo semântico do verbo principal impõe restrição ao uso de TP no lugar de EG, de modo que o durativo permaneça como o aspecto na sentença:

(01b) então nós **temos tido** assim um problema de quantidade mesmo

(02b) até que eu não **tenho sentido** muito frio, tô estranhando até o inverno, que não tá muito frio.

(03b) mas não **tem havido** nenhuma pressão?

(04b) realmente nós **temos precisado** de bastante gente (lá onde eu trabalho).

(05b) (esta novela) **tem sido** um sucesso enorme em Montevideu.

(01b- 05b) mostram que os mesmos verbos estativos que apareceram em (01) a (05) em construções com gerúndio podem figurar na perífrase de participípio para expressar a idéia de um evento que se alonga no tempo - um evento / estado de coisas que

começou em algum momento do passado e que dura com o passar do tempo. Assim sendo, estas frases podem substituir aquelas com EG, nos contextos (01) a (05) respectivamente; e, conseqüentemente, também não admitem que adjuntos adverbiais que expressam frequência sejam inseridos sem prejuízo do sentido que têm na ausência deles.

A pergunta que se faz, porém, é a seguinte: seriam (01) e (01b), (02) e (02b), e todos os outros pares, de fato exemplos de variantes? Em outras palavras, seriam as frases com TP semanticamente equivalentes àquelas com EG?

Como resposta a esse questionamento, vamos nos ater ao fato de que tanto as frases com EG quanto aquelas com TP não permitem a inserção de adjuntos que indiquem frequência, dentro dos contextos originais das entrevistas de que os exemplos foram extraídos. É esta, então, uma evidência importante de que ambas as perífrases podem expressar aspecto durativo quando o verbo principal é do tipo estativo.

Há, contudo, quem se posicione contrariamente à consideração de que esses pares constituem casos de variação. Em geral, o contra-argumento constitui-se com base no pressuposto de que existe uma diferença gramatical entre as duas perífrases, conforme elucidamos no capítulo 3. No par abaixo, por exemplo:

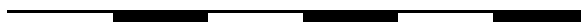
(04) realmente nós **estamos precisando** de bastante gente (lá onde eu trabalho)

FIGURA 1



(04c) realmente nós **temos precisado** de bastante gente (lá onde eu trabalho)

FIGURA 2



EG expressaria progressividade ininterrupta de um mesmo estado de coisas, enquanto que TP veicularia o sentido da repetição do evento. Segundo aqueles que argumentam contra a possibilidade do uso variável das duas frases, “estamos precisando” refere-se a uma verdade que é válida para o momento presente, ainda que tenha tido início em algum momento do passado, anterior ao momento da enunciação da frase (figura 1). Diferentemente, “temos precisado” indicaria uma verdade “intermitente”: haveria

intervalos de tempo em que a "necessidade de gente (pessoal)" constitui-se como verdade, e intervalos em que tal necessidade não se constitui como verdade. Tais intervalos se alternariam no decorrer do tempo (figura 2), configurando o que, como já foi dito anteriormente, Ilari 2000 chama de "escalonamento no tempo".

Segundo o autor, o escalonamento no tempo é uma das características que define o aspecto iterativo. Assim, se a diferença gramatical operasse no português falado exatamente do modo como descrita na contra-argumentação, o fato conseqüente seria o de que não haveria variação: EG seria categoricamente destinada à expressão de eventos / estados de coisas singulares que se alongam no tempo, do passado para o presente, enquanto que TP seria categoricamente destinada à expressão da repetição de um evento / estado de coisas no decorrer do tempo.

Há, porém, além do teste dos adjuntos adverbiais, um fato empírico importante: TP com verbos de estado expressando duratividade aparece no *corpus*. As frases em (01-05b) acima foram adaptadas a partir das frases originais com EG, abundantes no *corpus*; mas os exemplos (06) e (07) abaixo trazem casos "reais" de frases com TP em que o verbo principal é estativo, e cujo aspecto verbal é o durativo:

(06) Rio 80 - Lei

(...) falou outro dia para mim que gostava de ver a novela das oito (...) Qual é a novela? Eu não **tenho tido** tempo de ver, sabe?

(07) DI D SP 234

então eu **tenho achado** que o trabalho que eles...fazem na no palco para gravar o teipe da televisão...eu acho o:....o público vai lá mas...percebe que não é uma coisa perfeita que vai aparecer, vão ter cortes vão modificar e no teatro não né? aparece a peça e é o que que tem quer ser realment e né?

A diferença na quantidade de ocorrências aqui apresentada - cinco frases com EG contra duas frases com TP - reflete a realidade dos dados. A análise quantitativa apresentada no capítulo 4 mostra não apenas que TP é pouco freqüente com verbos estativos, mas também que TP é pouco freqüente com qualquer tipo de verbo, quando o aspecto em composição é o durativo. Quando se trata deste aspecto, há muitíssimo mais ocorrências de EG no *corpus*.

Todavia, independentemente das taxas de frequência das formas, a discussão acima deve ter o seu lugar: os testes desenvolvidos e o fato empírico apontado constituem evidências sincrônicas para o tratamento de EG e TP como variantes de uma variável. Da perspectiva da qual os dados são observados aqui, pode sim haver alguma diferença - não necessariamente apenas de natureza gramatical (lingüística), mas também de natureza extralingüística - que explica o fato de que EG é muito mais frequentemente usada na expressão do aspecto durativo com verbos estativos. Entretanto, tal ponto de vista é bastante distinto daquele a partir do qual se afirmaria que o emprego das perífrases não é variável. As diferenças quantitativas não são mais do que uma breve concessão ao contra-argumento à variabilidade, mas são ao mesmo tempo uma evidência a favor dela.

Ainda no sentido de atestar a possibilidade gramatical do uso variável das duas perífrases, quando o verbo principal é estativo, uma última exemplificação pode ser feita:

(01) D2 SP 62

nós **estamos tendo** assim um problema:.... de quantidade mesmo

(06) Rio 80 Lei

Qual é a novela? Eu não **tenho tido** tempo de ver, sabe?

(08) Rio 80 AdL

a gente nem **tá tendo** tempo de ensaiar

Os exemplos (01) e (06) já haviam sido citados anteriormente no intuito de mostrar que um mesmo verbo estativo pode ser usado em ambas construções perifrásticas para expressar aspecto durativo. Comparando (06) a (08), por outro lado, tal demonstração fica ainda mais clara, uma vez que o complemento de *ter* é exatamente o mesmo nos dois casos, atestando mais uma vez a possibilidade do uso variável.

2.2. Verbos de atividade: [- pontual], [- télico], [+ dinâmico]

A diferença que os verbos de atividade apresentam relativamente aos de estado é o traço [+ dinâmico]. Assim como os estativos, trata-se de verbos que remetem a um evento inerentemente durativo cujo término não vem lexicalmente pressuposto. São exemplos destes verbos: correr, andar, fazer, estudar. Nas sentenças abaixo, temos casos

extraídos do *corpus*; nos dois primeiros, o aspecto composto na sentença é o iterativo, e nos dois seguintes é o durativo.

(09) D2 SP 255 [I TERATI VO]

agora ultimamente de uns dois anos essa parte é que eu também... **tenho andado** mais de automóvel

(10) D2 SP 255 [I TERATI VO]

quase que eu não... eu **tô andando** pouco de avião

(11) EF 377 [DURATI VO]

como nós **estamos estudando** o desenvolviment o... as fases da inteligência... então aí (...)

(12) EF SP 377 [DURATI VO]

a gente **tem estudado** isso desde o começo

A questão que se coloca diante desses tipos de verbos é a mesma que se colocou anteriormente: TP e EG podem, de fato, ser usadas como variantes na composição dos aspectos iterativo e durativo? Mais uma vez, o questionamento decorre da pressuposição de que TP é usada para expressar o iterativo, enquanto EG é empregada na composição do durativo.

Como evidência do uso variável, temos o fato de que (09) e (10) expressam o iterativo e foram ambas extraídas da fala de um mesmo informante, numa mesma entrevista; algo semelhante ocorre com (11) e (12), que expressam o durativo e também aparecem na fala de um mesmo informante.

Pode-se, contudo, fazer uma discussão das diferenças entre as disposições temporais que se estabelecem nas sentenças, em cada um dos pares. Primeiramente com relação ao iterativo, em (09) estabelece-se uma distinção quantitativa entre o período "de uns dois anos pra cá" e o período anterior implícito. Já em (10), refere-se basicamente ao tempo presente, ainda que seja um presente que se estende desde algum momento do passado, não especificado na sentença. Tais relações temporais são esquematizadas nas figuras 3 e 4 abaixo.

(09) agora ultimamente de uns dois anos essa parte é que eu também... **tenho andado** mais de automóvel

FIGURA 3

período anterior <<<						>>> de uns dois anos pra cá							
+	-	+	-	+	-	-	+	+	-	+	+	-	+

(10) quase que eu não... eu **tô andando** pouco de avião

FIGURA 4

				tempo presente (momento inicial indefinido)									
				-	-	+	-	-	-	+	-	-	-

É possível que TP seja a forma selecionada para compor o aspecto esquematizado na figura 3 porque, de fato, "andar de carro" é um evento que ocorre de forma escalonada, no período definido - o sinal (+) representa os intervalos em que "andar de carro" é um evento verdadeiro, ao passo que o sinal (-) representa os intervalos em que o sujeito utilizava algum outro meio de transporte. Além disso, a pouca frequência com que o sujeito utiliza outros meios de transporte que não o automóvel, no período definido ("de uns dois anos para cá"), implica que eles eram mais frequentemente usados no período anterior.

Por outro lado, a seleção de EG no exemplo (10) pode estar correlacionada ao fato de que é baixa a frequência do evento "andar de avião", dado o advérbio quantificador "pouco", que permite o desenho do esquema na figura 4. Neste caso, é como se praticamente não houvesse escalonamento do evento no decorrer do tempo, sendo inclusive possível a paráfrase de (10) em (10a):

(10a) eu **tô andando** (quase que) só de carro

Dessa forma, e em outras palavras, a escolha de EG em (10) poderia estar correlacionada à interpretação, por parte do falante, de que o evento é verdadeiro em todos os momentos do intervalo - apesar de não sê-lo factualmente (dado o advérbio "pouco"). Evidentemente, poder-se-ia alongar a discussão alegando que a paráfrase parece poder ser feita também com TP em (10b), cuja gramaticalidade constitui-se como mais um atestado para o uso variável das perífrases:

(10b) eu **tenho andado** (quase que) só de carro.

O conjunto de dados aqui em análise não permite um estudo quantitativo da correlação entre o uso de advérbios que expressam baixa frequência de ocorrência (como "pouco") e a escolha de EG em vez de TP na composição do iterativo: o *corpus* não oferece um número de casos minimamente confiável em que tal advérbio figure. Entretanto, para o que nos interessa, os exemplos discutidos mostram que as perífrases EG e TP podem ser analisadas como variantes de uma variável - não se pode perder de vista que um mesmo verbo de atividade é usado por um mesmo falante, em contextos muito semelhantes, tanto com uma quanto com outra perífrase.

Ademais, a metodologia da análise variável conta com uma noção muito útil: a dos grupos de fatores. Pode não ser possível, em virtude da quantidade de casos à disposição no *corpus*, analisar o efeito de advérbios como "pouco" na variação; porém, é plenamente possível verificar quantitativamente como se dá a correlação entre o emprego de advérbios quantificadores e a seleção de uma das perífrases, como será demonstrado no capítulo 5. Do mesmo modo, também se pode verificar se esta seleção está correlacionada à extensão do intervalo circunscrito pela moldura temporal do aspecto na sentença.

O estabelecimento destes e de outros grupos de fatores será feito ainda neste capítulo (item 3, a seguir). Agora, porém, devemos partir para a variação no uso das perífrases na composição do durativo. Já se havia comentado que são poucas as ocorrências de TP neste caso, quando se tratou dos verbos estativos; e isso vale também para os verbos de atividade. Entretanto, o exemplo (12) acima traz um caso de TP empregado na composição deste aspecto, por parte do mesmo falante que emprega EG com o mesmo verbo de atividade - estudar - na perífrase EG, na mesma entrevista.

Se o uso das perífrases é variável, a mesma linha de raciocínio no levantamento de hipóteses acerca da composição do iterativo pode ser seguida no caso do durativo: se EG é mais frequentemente empregada, a quê poderia estar correlacionado o emprego de TP em (12)? Ora, atentando-se para o par (11) e (12), percebe-se que a segunda se

distingue pela presença de um adjunto adverbial que dá o ponto inicial do intervalo de tempo que o aspecto na sentença circunscreve - "desde o começo"⁴. Na sentença (11), não há qualquer adjunto adverbial de tempo, e o evento "estudar (o desenvolvimento... as fases da inteligência)" está em curso na aula, no próprio momento da enunciação da sentença. Em (12), apesar de tal "estudo" estar em foco (trata-se, de fato, da "mesma" aula em que (11) foi enunciada), pode ser que o adjunto "desde o começo" - que remete, portanto, a aulas anteriores -, seja o fator lingüístico que serve de gatilho para o emprego de TP, em vez de EG.

Dito de outro modo, está se atestando aqui que o uso é variável, mas ao mesmo tempo está se levando em conta que determinados fatores podem favorecer o emprego de uma perífrase em detrimento da outra. No caso do exemplo (12), o adjunto adverbial aí presente cria uma moldura temporal do aspecto que certamente ultrapassa o intervalo de tempo definido pela aula em que a sentença foi enunciada, em que o evento está em curso. Esta é uma hipótese que se traduz, então, num grupo de fatores que se pode definir como "a extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto" - sendo que um intervalo mais longo poderia favorecer TP, mesmo em se tratando do aspecto durativo, cuja composição é mais freqüentemente feita com EG.

Conforme já se apontou anteriormente, a análise quantitativa propriamente é desenvolvida no capítulo 5. Por outro lado, o próprio estabelecimento dos grupos de fatores, inclusive este a que se acabou de referir, é desenvolvido ainda neste capítulo, após a discussão acerca dos tipos semânticos de verbos. Para finalizar esta parte, podemos confirmar que, respeitada a definição do contexto variável no tocante à relação aspecto-tempo (itens 1.1 e 1.2 acima), os verbos de atividade não parecem apresentar restrição ao uso variável das perífrases na composição dos dois aspectos aqui em foco, assim como os verbos estativos. Isto significa dizer que todos os exemplos encontrados foram incluídos na análise quantitativa.

⁴ Provavelmente, "desde o começo do curso", já que a entrevista sociolingüística é uma Elocução Formal do NURC/SP, gravada provavelmente durante uma aula.

2.3. Verbos *accomplishment* ([- pontual], [+ télico], [+ dinâmico]) e *achievement* ([+ pontual], [+ télico], [+ dinâmico])

A diferença comum entre os dois tipos de verbo referidos neste subtítulo e os estativos e de atividade é o traço [+ télico]. Verbos de estado e de atividade não têm um fim lexicalmente previsto para o estado de coisas ou evento, como o têm *ler o livro todo*, *andar dois quilômetros*, *morrer* e *chegar*. Nestes quatro exemplos, pode-se dizer ou que há um término previsto para o evento, ou que o evento tende a um fim (Castilho 2000). Os dois primeiros casos são exemplos de *accomplishment*, pois além da telicidade, detêm o traço de duratividade ([-pontual]); já os dois últimos são exemplos de *achievement*, pois o início do evento coincide com seu fim, ou seja, não há duração lexicalmente inerente.

Esses traços semânticos podem ou não permanecer como tais na sentença. Sendo o aspecto uma categoria de natureza composicional, a pontualidade de um verbo como *morrer*, por exemplo, pode ser neutralizada com o uso da perífrase EG. A revisão de considerações deste tipo já foi feita no capítulo 2. No presente item, devemos nos ater à questão básica da relação entre o caráter semântico do verbo principal e a possibilidade do uso variável de EG e TP.

Em princípio, dada a telicidade de tais verbos, e a pontualidade daqueles do tipo *achievement*, parece razoável considerar que:

- na perífrase TP, eles só podem compor o iterativo;
- na perífrase EG, eles provavelmente compõem o durativo.

Se essas considerações se confirmassem na realidade dos usos das duas perífrases, significaria que elas não seriam variantes de uma variável quando o verbo principal é um *accomplishment* ou um *achievement*. Tomando um exemplo de cada tipo de verbo, dentre os que foram listados acima, ter-se-ia uma sorte de "distribuição complementar": com TP, *accomplishments* e *achievements* compõem o iterativo; com EG, o durativo.

*Accomplishment**Achievement*

iterativo

(13) Eu **tenho andado** dois quilômetros.(15) Eu **tenho chegado** atrasado.

durativo

(14) Eu **estou andando** (os / meus) dois quilômetros.(16) Eu **estou chegando**.

Os exemplos (13) e (15) são facilmente interpretados como iterativos, dada a possibilidade de inserção de um adjunto adverbial de frequência em ambas. Já a interpretação do durativo nos exemplos com EG não é tão direta. Em (14), se não for inserido o determinante no SN complemento (o artigo definido, o possessivo, ou ambos), a sentença fica ambígua: tanto a interpretação iterativa quanto a durativa parecem possíveis em (14a) :

(14a) iterativo / ? durativo

Eu **estou andando** dois quilômetros.

(14b) durativo

(ao celular) Desculpe, t e ligo mais tarde. **Estou andando** meus dois quilômetros.

(14c) durativo

(ao celular) Desculpe, t e ligo mais tarde. ? **Estou andando** dois quilômetros.

(14d) iterativo

No ano passado tinha muito pouco tempo. Agora, neste, eu **tenho andado** (meus) dois quilômetros.

O exemplo (14b) indica que a sentença com EG funciona bem quando enunciada de dentro do evento, ou seja, quando a sentença é enunciada durante seu curso⁵. Já em (14c), a partir da extração do possessivo da posição de determinante do SN complemento, a sentença com EG soa algo estranha, mas não necessariamente agramatical⁶. Em (14d), por fim, a sentença com TP faz com que o aspecto seja o iterativo, estando o determinante presente ou não no SN complemento.

⁵ Seguindo a discussão desenvolvida no capítulo 2, a rigor, o aspecto deveria ser denominado "progressivo" neste caso.

⁶ Numa pesquisa informal sobre o julgamento da gramaticalidade dessa sentença, 20 falantes nativos de PB julgaram-na gramatical, e interpretaram o aspecto como progressivo. Dentre esses 20, 10 são lingüistas; e dentre esses 10, 7 alegaram soar estranha a sentença com EG no contexto (14c). Finalmente, 4 dentre esses 7 lingüistas propuseram a inserção de algum determinante no SN complemento (tais como "os", "meus", "aqueles").

Passando para os exemplos com verbo *achievement*, deve-se observar que na sentença (16) não foi mantido o atributivo "atrasado" do exemplo (15). De fato, a sentença com EG não seria diretamente interpretada como durativa se tal atributivo fosse nela mantido:

(16a) iterativo / ? durativo

(ao celular) É verdade... eu **estou chegando** atrasado.

Em (16a), mesmo com a indicação da possibilidade de que o sujeito esteja se referindo ao evento que está em curso no momento da enunciação da sentença (considerando que o sujeito esteja se dirigindo ao local em que se encontra o seu interlocutor, com quem está falando ao telefone), o verbo *chegar* na perífrase TP parece remeter à repetição do evento, dentro de um intervalo de tempo que começa no passado e atinge o presente. Contudo, a sentença não é necessariamente agramatical para uma interpretação durativa.⁷

Por fim, na tarefa de definir o chamado "contexto variável", o que nos dizem então todos esses exemplos? Da observação deles, deve ter ficado claro que a composição do iterativo pode ser feita com EG e TP, tanto com verbos do tipo *accomplishment* quanto com os do tipo *achievement*. A equiparação do exemplo (13) com (14a) e (14b), de um lado, e a dos exemplos (15) e (16a), de outro, mostra isso. Evidência semelhante é encontrada dentro do próprio *corpus*:

<i>accomplishment</i>	iterativo	<i>achievement</i>
(17) D2 255 eu gostava de um comediante francês que aliás <u>agora</u> tem passado poucos filmes dele		(19) DI D 242 especialmente <u>atualmente</u> eu acho que os representantes... têm falhado <u>muito</u>
(18) Rio 80 - Dav Antigamente, você ainda podia andar, sair, mas agora, por mais que eles botem policiamento, está sempre acontecendo na "barra" das polícias		(20) Rio 00 - Adr porque também (...) pra chegá perto de mim ou de qualquer um e chamá a atenção: "pô cê tá chegando atrasada, pô. Vê se tu melhora, pô!"

⁷ Também para este caso foi feita uma pesquisa informal, a respeito do seu julgamento por parte de 20 falantes nativos de PB. 17 deles interpretaram o aspecto na sentença (16a) como durativo (o sujeito estaria chegando atrasado "naquele momento"). Entretanto, quando questionados sobre se a sentença parecia se referir mais à idéia de repetição do que à de duração, todos os 20 falantes optaram pela primeira das opções.

Todos os exemplos desse tipo foram, portanto, incluídos no conjunto de dados para a análise quantitativa. O exemplo (14b), distintamente, não poderia ser incluído em tal conjunto caso tivesse aparecido no *corpus*, pois nele a enunciação da sentença se dá dentro do intervalo de tempo em que o evento está em progresso. Como vimos no item 1.2, este fato de natureza temporal bloqueia a possibilidade do emprego de TP no mesmo contexto lingüístico.

Quanto à composição do durativo, os exemplos (13) a (16) em princípio indicam a não possibilidade de variação no emprego de EG e TP: a primeira das perífrases pode compor o durativo com verbos *accomplishment* e *achievement*, mas o emprego da segunda parece inevitavelmente levar a uma interpretação iterativa. Mesmo quando se inserem adjuntos adverbiais que indiquem extensão do tempo - como em (14e/f) e (16b) - estabelece-se um intervalo em que o evento se repete, e não um intervalo em que um evento singular se estende:

(14e) ? Eu **tenho andado** dois quilômetros já faz duas horas.

(14f) Eu **tenho andado** dois quilômetros já faz dois meses.

(16b) (ao celular) Por favor me espere: * eu já **tenho chegado**.

As sentenças em (14e) e (14f) são gramaticais, mas a primeira delas pode soar estranha, dado o curto intervalo de tempo: é possível a interpretação iterativa, caso seja possível cobrir o espaço de dois quilômetros mais de uma vez no intervalo de duas horas; a interpretação durativa, porém fica dificultada, dada a noção de completude, de término, inerente a "andar dois quilômetros". Há, portanto, uma incompatibilidade entre tal noção de completude, mantida pela perífrase TP, e a noção de progresso de "já faz duas horas". A sentença (16b), por sua vez, é agramatical porque a pontualidade de "tenho chegado" não é compatível com a duratividade da espera. Em outras palavras, o verbo *chegar* na perífrase TP leva a uma interpretação iterativa, e não durativa.

O exame desses dados revelaria, portanto, que não há variação entre TP e EG na composição do durativo, com verbos *accomplishment* e *achievement*. Quando o verbo principal é télico, o durativo tem que ser composto com EG. Para o desenvolvimento da análise quantitativa, conseqüentemente, seria correto não incluir no arquivo de dados (o *token file*, do Goldvarb) as ocorrências de EG durativo com verbos *accomplishment* e *achievement*.

Entretanto, há dois fatos que justificaram a inclusão de tais ocorrências no arquivo de dados. O primeiro deles é de natureza empírica: houve dois casos de verbos télicos empregados com TP na composição do durativo. Conforme será apresentado no capítulo 5, não se trata de verbos tipicamente *accomplishment* e *achievement*, tais como os respectivos “andar dois quilômetros” e “morrer”, discutidos acima; mas sua aplicação com TP - uma perífrase tão pouco usada na expressão do durativo - mereceu ser incluída na análise quantitativa. Ora, se os dois casos de TP durativo com tais verbos são incluídos no arquivo de dados, também o devem ser as ocorrências de EG equivalentes, a fim de ser mantida a coerência no exame quantitativo dos dados.

O outro fato é de natureza teórico-metodológica. Previamente à análise quantitativa dos dados, sabe-se que TP é empregada, na maioria das vezes, na composição do iterativo. Isso é o que aponta a maioria dos autores que se dedicaram ao estudo do aspecto verbal em português (Ilari 2000, Castilho 2000, Costa 1987, Travaglia 1981). Desse modo, é mais interessante preocupar-se em usar a regra variável como meio de verificar a hipótese de EG estar possivelmente tomando o espaço de TP na expressão do iterativo, do que para verificar os casos em que TP é a forma favorecida para a composição do durativo. Neste sentido, a análise quantitativa do uso variável das perífrases, especificamente no que diz respeito à sua correlação com os verbos *accomplishment* e *achievement*, é indispensável no caso do aspecto iterativo - caso este em que a variação está testada e atestada. Quanto ao aspecto durativo, as ocorrências de EG cujo verbo principal é télico podem ser examinadas separadamente, eliminando o risco do equívoco na análise quantitativa - que é o que ocorreria se dados em que a variação não é possível fossem nela incluídos.

2.4. Comparações interlingüísticas

A partir da discussão que desenvolvemos acima, justificamos a inclusão das classes de verbos na análise quantitativa pela importância de se verificar se existe algum tipo de restrição ao uso de uma das construções perifrásticas aqui em questão imposta pelo tipo semântico do verbo principal. Quando comparamos o uso de tais construções em PB com o de suas correlatas em línguas como o inglês e o francês, convém constatar que EG e TP não parecem sofrer restrições categóricas relativas a certos tipos de verbos.

Em inglês, *be + ing* não é empregado com vários verbos de estado para indicar progresso do evento no momento em que a frase é enunciada:

(21)

- (a) * I **am liking** this movie.
- (b) * I **am wanting** an apple.
- (c) * John **is knowing** some of your problems.
- (d) * John **is having** a car.
- (e) John **is having** [a headache] / [a night mare].

- (a') Eu **est ou gost ando** desse filme.
- (b') Eu **est ou querendo** uma maçã.
- (c') João **está sabendo** de alguns dos seus problemas.
- (d') * João **está tendo/possuindo** um carro.
- (e') João **está tendo** ?[uma dor de cabeça] / [um pesadelo]

Como mostra a equiparação de casos acima, em PB todos os casos são possíveis, com exceção de (21d'), em que o verbo *ter*, no sentido de *possuir*, não pode ser empregado na forma gerundiva com o auxiliar *estar*. Uma possível explicação para tal restrição pode ser dada pelo fato de que o tempo que define a noção de *ter/possuir* não coincide com o tempo da enunciação. De fato, "*ter um carro*" constitui uma verdade cujo tempo ultrapassa os limites do momento em que a frase está sendo enunciada, ou seja, não é uma verdade válida apenas para aquele momento. Já em (21e/e'), a noção de experiência momentânea relacionada a "*dor de cabeça*" e "*pesadelo*" torna possível o emprego de tal verbo com a perífrase EG. A interrogação diante de [dor de cabeça] no exemplo (21e') não é para indicar possível agramaticalidade, mas sim para indicar dúvida diante da possibilidade de sua ocorrência - pode ser o caso que a frase *João está com dor de cabeça* seja mais comum na realidade dos dados.

Outro tipo de restrição constitutiva da gramática do inglês é que a construção correspondente à perífrase EG do PB não pode ser usada para expressar aspecto durativo quando os limites da duração do evento ultrapassam os limites temporais da enunciação. Em outras palavras, não é possível codificar, através de EG, a progressão do passado para o presente naquela língua. A partir disso, justificam-se os rótulos terminológicos *present continuous* e *present progressive* atribuídos à construção *be + ing*.

(22)

- | | |
|--|---|
| <p>(a) * I am living in SP for 10 years.
 I have <u>lived</u> / <u>been living</u> in SP for 10 years.
 * I live in SP for 10 years.</p> | <p>(a') Eu estou morando em SP há 10 anos.
 Eu tenho morado em SP há 10 anos.
 Eu moro em SP há 10 anos</p> |
| <p>(b) * I am wanting this car since I first saw it.
 I have <u>wanted</u> / <u>been wanting</u> this car since...
 * I want this car since I first saw it.</p> | <p>(b') Eu estou querendo esse carro desde que o vi.
 ? Eu tenho querido esse carro desde que o vi.
 Eu quero este carro desde que o vi.</p> |
| <p>(c) * It's been long that John is working here.
 It's been long John has <u>worked</u> / <u>been working</u> here.
 * It's been long that John works here.</p> | <p>(c') Faz tempo que o João está trabalhando aqui.
 Faz tempo que o João tem trabalhado aqui.
 Faz tempo que o João trabalha aqui</p> |
| <p>(d) * John is having this car for years.
 John has <u>had</u> / <u>*been having</u> this car for years.
 * John has this car for years.</p> | <p>(d') * João está tendo esse carro há anos.
 João tem tido esse carro há anos.
 João tem esse carro há anos.</p> |
| <p>(e) * John is having a headache for hours.
 John has <u>had</u> / <u>*been having</u> a headache for hours.
 * John has a headache for hours.</p> | <p>(e') * João está tendo essa dor de cabeça há horas.
 ? João tem tido essa dor de cabeça há horas.
 João está com essa dor de cabeça há horas.</p> |

Como mostram os exemplos acima, o chamado *present continuous* não pode ser empregado para indicar progressão do passado (relativo ao momento da enunciação, evidentemente) para o presente, e tampouco pode o presente simples. Quando o estado de coisas é verdadeiro desde um determinado ponto no passado, e continua verdadeiro no presente, é obrigatório o emprego de *have*, com ou sem a noção de continuidade ou progressividade (relacionada ao gerúndio, na terminologia gramatical do inglês). Em (22a), por exemplo, “*have lived*” é comumente chamado de *present perfect*, enquanto que “*have been living*” é chamado de *present perfect continuous*.

Embora haja discordância entre certos autores no que concerne a diferenças semânticas entre o *present perfect* e o *present perfect continuous*, há algum consenso acerca do fato de que ambos são usados como variantes de uma variável pelos falantes nativos, na maioria dos casos. A restrição a *John has been having this car for years* e a *John has been having a headache for hours* parece estar relacionada ao próprio *have*,

enquanto verbo principal. Assim como em PB, quando o verbo *ter* está nessa construção, a interpretação não parece ir na direção da continuidade do passado para o presente; diferentemente, em vez de continuidade, é a iteração / repetição do estado de coisas que está em foco.

Antes, porém, de dar atenção à face quantitativa do aspecto, vale lembrar algo que é, a esta altura, óbvio no presente texto: o fato de que EG e TP podem ambos ser usados quando o estado de coisas teve início no passado e continua verdadeiro no presente da enunciação. A interrogação em (22b') tem o propósito de indicar que a forma participial "querido" não foi encontrada no *corpus*, apesar de ser gramaticalmente possível.

Quanto ao índice de agramaticalidade impresso aos dois primeiros exemplos de (22e'), não significa que eles sejam impossíveis em PB, mas sim que a interpretação do aspecto não é a mesma dos exemplos anteriores. O problema parece residir no demonstrativo singular *essa*. Se a dor de cabeça é uma só e a mesma *há horas*, pode ser que a frase *João está com dor de cabeça há horas* seja preferida. As perífrases EG e TP, para o caso de *ter dor de cabeça*, aparecem mais no caso de quantificação do estado de coisas. Sendo assim, nas duas primeiras linhas do exemplo (22e'), a dor de cabeça pode até ser "a mesma" (relativamente à sua possível causa), mas não é "uma só", no sentido de que ocorre num número plural de vezes dentro de um dado intervalo de tempo.

Tal interpretação também é licenciada quando não há qualquer elemento na posição de determinante do SN "dor de cabeça", como em (23). É possível, então, alegar que apenas um elemento singular na posição de determinante do SN impeça a possibilidade da interpretação de que "ter dor de cabeça" seja um estado de coisas que se repete com o passar do tempo, como em (24):

- (23) O João **está tendo** dor de cabeça há horas.
O João **tem tido** dor de cabeça há horas.

- (24) O João **está tendo uma** dor de cabeça há horas.
O João **tem tido uma** dor de cabeça há horas.

Esta discussão pode, certamente, alongar-se e aprofundar-se. Entretanto, essa comparação brevemente desenvolvida aqui serve ao propósito de evidenciar que o tipo semântico do verbo principal não oferece os mesmos tipos de restrição no português e no inglês, nem desencadeiam as mesmas interpretações. No que diz respeito ao PB, que é o que interessa aqui, os exemplos acima servem como evidência, conforme exposto no parágrafo inicial deste item, de que não parece haver restrições categóricas tais como "tais e tais tipos de verbo não podem ser usados com EG e/ou TP".

Pode ser, no entanto, o caso de que certos tipos de verbo ocorram mais frequentemente com esta ou com aquela perífrase, dependendo inclusive da noção aspectual em foco. Esta é mesmo a justificativa para tal grupo de fatores: verificar com que frequência e com que tendência os diferentes tipos de verbos são empregados com EG e TP. Isto significa dizer que, apesar de não haver restrição categórica no emprego das perífrases de acordo com os tipos de verbos, pode haver restrição variável, e portanto quantitativamente mensurável.

Um outro caso que pode ser trazido à discussão, no intuito de mostrar que em PB não existe restrição categórica ao emprego das duas perífrases imposta pelo tipo de verbo é o *passé composé* do francês. Assim como todas as línguas românicas, também o francês tem a forma *ter* + *particípio passado*, embora seu uso seja totalmente diferente do português. No francês falado, a noção de pretérito perfeito é expressa por *avoir* + *participe passé* sempre que o verbo principal não indicar mudança de estado ou de posição do sujeito verbal. Diferentemente, verbos como *naître*, *mourir*, *arriver*, *sortir*, assim como verbos em estrutura reflexiva, na gramática do francês requerem o emprego do auxiliar *être*.

(25)

Il **a compris** ce que j'**ai** lui **dit**.

Jean **est né** ce matin.

Elles ne **sont** pas encore **arrivées**.

J'**ai levé** le livre devant lui.

Je me **suis levé** à sept heures.

* Jean **a né** ce matin.

* Elles n'**ont** pas encore **arrivé**.

* Je m'**ai levé** à sept heures.

Em português, qualquer tipo de verbo no particípio passado pode formar perífrase com o auxiliar *ter*. Entretanto, dada a função de expressar aspecto durativo ou iterativo, pode ser que determinados tipos de verbo sejam mais freqüentemente empregados numa perífrase do que em outra. Daí a consideração de que as classes de verbos devem constituir uma variável independente na análise quantitativa.

3. Os grupos de fatores

Nos itens anteriores, definiu-se o contexto variável com base na relação aspecto-tempo e no tipo semântico do verbo principal. Verificamos que EG e TP podem ser intercambiáveis apenas quando o auxiliar está conjugado no tempo presente, e quando o evento ou estado de coisas não está em curso no momento exato da enunciação da sentença. Verificamos também que, respeitada tal relação, EG e TP são intercambiáveis tanto na composição do iterativo quanto do durativo, qualquer que seja o tipo semântico do verbo, sendo necessário dar atenção especial ao durativo com verbos *accomplishment* e *achievement*.

No desenrolar da discussão acima, alguns grupos de fatores foram mencionados, tais como a presença de adjuntos adverbiais na composição dos aspectos e a extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto na sentença. Grupos de fatores são a tradução das hipóteses sobre a regulação da variabilidade no emprego das formas; como tais, serão desenvolvidas mais detidamente em concomitância com a apresentação dos resultados. Se as explanações de tais hipóteses fossem desenvolvidas neste capítulo, elas fatalmente precisariam ser retomadas antes da apresentação dos resultados, a fim de facilitar sua interpretação. No intuito de evitar repetições, portanto, apresentam-se aqui as hipóteses em caráter generalista: o objetivo é deixar claro como os dados foram codificados.

A pergunta básica que está por trás de todos os grupos de fatores pode ser assim formulada: se EG e TP são variantes, o que leva um mesmo falante, ou uma comunidade

de falantes, a empregar ora uma ora outra? As hipóteses são de natureza social e lingüística, e vêm arroladas a seguir.

3.1. Variáveis sociais

Os grupos de fatores de natureza extralingüística mais importantes são o da faixa etária e o do sexo/gênero do informante. A faixa etária é essencial para o exame preliminar da possibilidade da mudança: se EG estiver realmente sendo cada vez mais usada, figurando em contextos nos quais em princípio se esperaria o emprego de TP, é possível que ela seja a forma favorecida no uso pelos mais jovens, e menos favorecida entre os mais idosos.

Já o sexo/gênero constitui um grupo de fatores de cuja relevância na variação entre EG e TP sempre se duvidou, uma vez que parece difícil postular que o caráter de prestígio encoberto esteja associado a uma das formas, e que seu emprego variável esteja correlacionado ao papel social do homem e da mulher nos conjuntos de falantes estudados. Entretanto, sua inclusão na pesquisa foi mantida, até porque os resultados nem sempre confirmam as expectativas.

Outras variáveis sociais também foram examinadas, embora sem o mesmo rigor quantitativo. Trata-se do caso do nível de escolaridade - que só pôde ser levado em consideração na análise dos dados cariocas, já que todos os informantes da amostra paulistana estão no mesmo nível escolar. Em rodadas independentes, os dados também foram quantificados segundo o tipo de entrevista (D1D ou D2), no caso da amostra paulistana; as entrevistas cariocas são todas de um mesmo tipo.

3.2. Variáveis lingüísticas

Além do próprio (i) aspecto verbal na sentença e do (ii) tipo semântico do verbo principal, bem como dos (iii) adjuntos adverbiais e da (iv) extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto, outros grupos de fatores lingüísticos foram levados em conta na análise quantitativa: (v) o fato de a sentença ser afirmativa ou negativa; (vi) o número do sujeito verbal; (vii) o número do complemento verbal.

O tipo semântico do verbo foi ainda desmembrado em outros três grupos de fatores: além de classificar as ocorrências de acordo com as quatro classes de verbos de Vendler, procedeu-se a uma classificação de acordo com os traços semânticos de dinamismo, telicidade e pontualidade. Tal classificação alternativa foi estabelecida na hipótese de que, em vez das quatro classes, talvez os traços semânticos pudessem ser relevantes no emprego variável das perífrases. Evidentemente, cada um dos grupos dos traços e o grupo das classes de verbos foram analisados separadamente, em diferentes rodadas do Goldvarb.

No quadro abaixo, apresentam-se exemplos de ocorrências de EG e TP no *corpus* para cada um dos fatores, em cada um dos grupos estabelecidos. Eles estão dispostos na mesma ordem da codificação no arquivo de dados. Os comentários pertinentes, seja com relação a fatores que chegaram a ser amalgamados dentro de um mesmo grupo, seja com relação a casos especiais de codificação, foram feitos na forma de nota de rodapé. Os grupos de fatores de natureza social não foram incluídos no quadro abaixo, pois a codificação dos dados a partir deles nunca é controversa, de modo que exemplificações não se fazem necessárias.

3.2.1. O aspecto verbal expresso na sentença

Iterativo Se não estiver presente, o adjunto "repetidas vezes / repetidamente" pode ser inserido na sentença	• sei lá estão falando muit o nisso viu? poluição do ar agora é:: moda mesmo • têm dito por exemplo que em diversos países da Europa a televisão está muit o ruim
Durativo Não é possível inserir adjuntos de frequência na sentença, levando-se em conta o contexto de que foram extraídas.	• eu acho que está indo bem o negócio • os jornais não têm assim sido muit o bem sucedidos
Ambíguo A oposição entre durativo e iterativo é indiferente no contexto.	• é não sei são problemas que estão acontecendo • eu tenho tido alguns problemas assim de ... de realmente ... dificuldade em algumas ligações

3.2.2. A classe semântica do verbo principal

Estativos [+ durativos] [-télcos] [- dinâmicos] TER, DESEJAR, GOSTAR, QUERER	- nós estamos tendo assim um problema:... de quantidade mesmo - Qual é a novela? Eu não tenho tido tempo de ver, sabe?
Atividades [+ durativos] [-télcos] [+ dinâmicos] CORRER, CAMINHAR, NADAR, EMPURRAR (algo), PUXAR (algo)	- eu tô andando <u>pouco</u> de avião tenho andado <u>mais</u> de automóvel
Accomplishments [+durativos] [+télcos] [+ dinâmicos] CORRER (uma milha), PINTAR (um quadro), FAZER (uma cadeira), DAR (uma aula)	- Antigamente, você ainda podia andar, sair, mas agora, por mais que eles botem policiamento, está sempre acontecendo na "barra" das polícias - eu gostava de um comediante francês que aliás <u>agora</u> tem passado poucos filmes dele
Achievements [- durativo] [+ télico] [+ dinâmico] VENCER (a corrida), CHEGAR (ao topo do morro), RECONHECER (algo), NASCER, ENCONTRAR (algo)	- porque também (...) pra chegá perto de mim ou de qualquer um e chamá a atenção: "pô cê tá chegando atrasada, pô. Vê se tu melhora, pô!" - especialmente <u>atualmente</u> eu acho que os representantes...têm falhado <u>muito</u>

Este grupo de fatores foi ainda desmembrado em outros três, organizados a partir dos traços semânticos que definem as classes de verbos. Isso possibilita verificar se, em vez dos quatro tipos de verbos, seriam as oposições durativo / pontual, télico / atélco e dinâmico / não-dinâmico aquelas que apresentariam influência no emprego das formas perifrásticas.

Dessa maneira, nas análises em que o grupo das "classes" acima ilustradas foi incluído, nenhum dos três grupos de fatores abaixo puderam sê-lo, e vice-versa. Além

disso, os três grupos abaixo também participaram de rodadas de maneira excludente, ou seja, apenas um deles foi considerado por análise.

3.2.2.1 Duratividade vs. pontualidade inerente ao verbo principal⁸

Durativo Qualquer tipo de verbo, com exceção dos do tipo <i>achievement</i>	- nós estamos tendo assim um problema:... de quantidade mesmo tenho andado <u>mais</u> de automóvel
Pontual Todos os verbos do tipo <i>achievement</i>	- porque também (...) pra chegá perto de mim ou de qualquer um e chamá a atenção: "pô cê tá chegando atrasada, pô. Vê se tu melhora, pô!" - especialmente <u>atualmente</u> eu acho que os representantes...têm falhado <u>muito</u>

3.2.2.2. Telicidade vs. atelicidade do verbo principal⁹

Télico	- Antigamente, você ainda podia andar, sair, mas agora, por mais que eles botem policiamento, está sempre acontecendo na "barragem" das polícias - especialmente <u>atualmente</u> eu acho que os representantes...têm falhado <u>muito</u>
Atélico	- eu tô andando <u>pouco</u> de avião - Qual é a novela? Eu não tenho tido tempo de ver, sabe?

3.2.2.3. Verbo principal dinâmico vs. não-dinâmico¹⁰

⁸ Neste grupo de fatores, portanto, opõem-se os verbos *achievement* a todos os outros tipos de verbo.

⁹ Já neste grupo, os verbos estativos e de atividade foram colocados de um lado, e os *achievement* e *accomplishment*, de outro.

¹⁰ Distintamente dos dois grupos anteriores, neste os verbos estativos (não-dinâmicos) são colocados em oposição a todos os outros tipos de verbo.

Dinâmico	- Antigamente, você ainda podia andar, sair, mas agora, por mais que eles botem policiamento, está sempre acontecendo na "barra" das polícias tenho andado mais de automóvel
Não-dinâmico	- nós estamos tendo assim um problema:... de quantidade mesmo - Qual é a novela? Eu não tenho tido tempo de ver, sabe?

3.2.3. Adjunto adverbial "de tempo" presente na sentença¹¹

Adjuntos "durativos" (que expressam duração, progressão ou localização no tempo)	<u>De uns tempos pra cá</u> está me desgostando tem saído <u>ultimamente</u> de carro? <u>hoje em dia</u> o pessoal já está partindo mais para Administração - A coincidência se deve a evidentemente a uma procura comum...a uma identidade que se buscou... e que se tem buscado <u>em muitos anos</u> em que trabalhamos com o mesmo ideal com o mesmo objetivo
Adjuntos "quantificadores" (que expressam quantidade de vezes; frequência)	- sei lá, estão falando <u>muito</u> nisso, viu? poluição do ar agora é moda mesmo - há que:: se reabilitar esta imagem criada ... <u>muitas vezes</u> em função até de uma auto-desculpa e até o próprio correio tem-se utilizado deste TI po de propaganda - É muita fofoca... tudo deles tem briga (...) <u>quase todo dia</u> eles estão discutindo
Sem adjunto	- Olha, eu estou vendo umas patrulhinhas passarem, mas não - que eu saiba, nós não temos um posto policial - avião tá muito caro... eu tenho viajado de carro mesmo

¹¹ Quando mais de um tipo de adjunto aparece, a ocorrência é classificada de acordo com o adjunto adverbial de frequência, pois ele conduz a uma interpretação iterativa. (Ex.: agora ultimamente de uns dois anos essa parte é que eu também... **tenho andado mais** de automóvel).

3.2.4. Sentenças afirmativas vs. sentenças negativas

Afirmativa	• ela está assumindo... tarefas assim... Muito precocemente... • tenho ouvido de outras pessoas em outros locais ... ahn ... queixas assim extremamente ácidas sobre o correio
Negativa	• já <u>não</u> está adiantando mais você tem que fazer uma pós para ascender • <u>Não</u> tenho quase assistido filmes.

3.2.5. Número do sujeito verbal¹²

Singular	• ele está exercendo perfeitamente a ... a função dele • o próprio correio tem-se utilizado deste TI po de propaganda
Plural	• sei lá estão falando muito nisso viu? poluição do ar agora é:: moda mesmo • muitas pessoas que têm viajado ultimamente
Genérico [singular referente a um conjunto plural de indivíduos; singular com expressão quantificadora (todo + N); tudo; <i>a gente</i> (plural com forma de singular)]	• para nós... como está ficando tudo muito complicado pode dar um colapso total • O aluno está trabalhando mais

¹² O fator "genérico" foi considerado com base na pergunta: seria seu peso relativo mais próximo ao dos sujeitos singulares ou ao dos sujeitos plurais? Em todas as rodadas do Goldvarb, e quaisquer que fossem os conjuntos de dados, houve poucas ocorrências desse fator, e seu peso relativo foi muito próximo daquele dos sujeitos plurais. Dessa forma, na apresentação dos resultados no capítulo 5, os sujeitos chamados "genéricos" foram amalgamados aos plurais. A inclusão desse fator no grupo em foco foi aqui feita no intuito de tornar maximamente clara a codificação dos dados.

3.2.6. Número do complemento verbal

Singular	- então, nós estamos tendo assim um problema: ... de quantidade mesmo - eu tenho achado o trabalho assim, difícil
Plural [argumentos plurais, e singulares com expressões quantificadoras]	- eu estou produzindo livros - eu tenho tido alguns problemas assim de ... de realmente ... dificuldade em algumas ligações - Então o teatro está sofrendo tudo isso - a gente tá assistindo cada filme...
Não se aplica [o verbo é intransitivo]	- ele realmente está fugindo um pouco - agora ultimamente de uns dois anos essa parte é que eu também... tenho andado mais de automóvel

3.2.7. Extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto¹³

Tempo curto [em termos de dias, semanas]	- como nós estamos estudando o desenvolvimento... as fases da inteligência, então aí... - Nesses últimos dias tenho ouvido de outras pessoas em outros locais queixas extremamente ácidas sobre o correio
Tempo longo [em termos de meses]	- No país hoje em dia está entrando muito muito os bens de capital - não tenho ido mais ao teatro
Tempo muito longo [em termos de anos]	- O aluno está trabalhando mais - agora ultimamente de uns dois anos (...) eu também tenho andado mais de automóvel

¹³ A extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto nem sempre vem expressa na sentença. Em muitos casos, tal extensão é inferível no contexto em que a sentença se insere. A ocorrência "O aluno **está trabalhando** mais", por exemplo, é classificada do modo acima porque o informante está fazendo uma comparação entre "o aluno de antigamente" com "o aluno dos últimos anos".

CAPÍTULO 5

OS RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA

Como adiantamos na introdução e no capítulo 1, as entrevistas do NURC/SP constituem uma amostra estratificada (por sexo/gênero e faixa etária) e aleatória, no sentido de que qualquer falante da comunidade que preenchesse os requisitos da estratificação (por exemplo, sexo masculino / primeira faixa etária) poderia ser gravado e fazer parte da amostra. Este tipo de *corpus* permite que se faça um estudo do tipo tendência (*trend study*, na denominação de Labov 1994). Os traços extralingüísticos comuns a todos os falantes que o compõem são o da naturalidade geográfica e o da escolaridade - todos os falantes são paulistanos, filhos de pais paulistanos, e têm nível universitário. Por isso, os conjuntos DID/EF e D2 podem ser analisados separadamente e também em conjunto.

Por outro lado, a mesma metodologia não deve ser igualmente empregada com as duas amostras cariocas. O que se está chamando aqui Rio 80 é, na verdade, apenas parte do conjunto de entrevistas gravadas pelo PEUL-UFRJ – conjunto esse denominado Amostra Censo da Variação. Conforme indicamos no capítulo 1, Rio 80 é composta apenas pelas entrevistas com aqueles falantes que seriam recontactados na amostra Rio 00. Esta última, como bem mostram Paiva e Duarte 2003:20-25, não é constituída por falantes equilibradamente distribuídos nas categorias sexo, idade e escolaridade. A tabela apresentada no capítulo introdutório (Cf. p.23), transcrita do artigo das duas autoras, deixa claro que as amostras são constituídas por um maior número de homens do que de mulheres; mostra também que não há um mesmo número de falantes nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade.

Assim, Rio 80 e Rio 00 são subconjuntos de entrevistas que não contam com um representante para cada uma das combinações possíveis da estratificação na Amostra Censo original e, conseqüentemente, não constituem amostras representativas da complexidade da comunidade carioca. Por isso, distintamente daquilo que se faz com DID/EF e D2, não se podem amalgamar seus dados para se fazer um estudo de tendência:

da análise do conjunto Rio 80 + Rio 00 seriam obtidos resultados de baixa confiabilidade estatística. Neste caso faz-se, então, um estudo do tipo painel (*panel study* – Cf. Labov 1994), em que as ocorrências das variantes são analisadas falante por falante.

Por todas essas razões, este capítulo é constituído basicamente de duas partes: no item 1, a seguir, analisamos o conjunto de dados de São Paulo; e, no item 2, apresentamos os resultados do estudo de painel para os falantes da amostra Rio 80, recontactados em Rio 00.

1. A Variedade¹ Paulistana

1.1. Distribuição Geral dos Dados

A tabela abaixo mostra como o total de 251 ocorrências de EG e TP vêm distribuídas nos diferentes tipos de entrevista que constituíram o *corpus* paulistano. Apresentam-se também os pesos relativos para TP nas duas amostras:

Tabela 5.1 - Distribuição de *estar + gerúndio* e *ter + participio* nas amostras

	NURC DID/EF		NURC D2		Total
ter + participio	36% (37)	P.R. 0.51	18% (26)	P.R. 0.49	25%(63)
estar + gerúndio	64% (66)		82% (122)		75%(188)
Total	103		148		251

De acordo com a hipótese de que TP pode estar progressivamente cedendo espaço para EG, nos contextos em que funcionam como variantes, apresentar os resultados da perspectiva de TP significa apresentá-los a partir da forma que é menos frequentemente usada, ou ainda apresentar os dados da perspectiva da variante que está hipoteticamente perdendo a competição das formas².

¹ O termo "variedade" está sendo empregado aqui como sinônimo de "dialeto". Com efeito, embora seja comum usar o termo "variante" com o mesmo sentido, na literatura sociolinguística quantitativa, "variante" refere-se mais especificamente a uma das formas de expressão de uma variável. Evitamos, portanto, falar em "variante carioca", "variante culta", e assim por diante.

² Neste capítulo, conforme a especificidade do resultado que estiver sendo apresentando, ora TP, ora EG será colocado em foco.

Do ponto de vista da frequência, TP aparece em apenas 25% dos casos em que o contexto é variável. Lembrando algo que foi enfatizado no capítulo anterior, em que se definiu o envelope de variação: levaram-se em conta na análise quantitativa apenas os casos de EG que poderiam ser substituídos por TP, bem como os casos de TP que poderiam ser substituídos por EG, sem que fosse alterado o valor aspectual da sentença. Apesar de um tanto óbvia, esta é uma nota teórico-metodológica importante na medida em que justifica o número relativamente pequeno de casos que puderam ser selecionados no total das entrevistas, sendo que apenas a quarta parte deles é representada por TP.

Do ponto de vista dos pesos relativos - obtidos numa análise do total de 251 ocorrências, na qual o tipo de entrevista constituía uma variável independente -, fica claro que os “formatos” DID/EF e D2 operam como inibidores ou favorecedores da forma em foco. Apesar da diferença entre DID/EF e D2, no tocante à quantidade total de dados (esta conta com quase 50% mais dados do que aquela), a proximidade dos pesos em relação ao ponto neutro (0.5) mostra que os tipos de entrevista no NURC/SP não têm relevância para a variação.³ Diz-se também que, neste caso, o grupo de fatores não é significativo.

Dito ainda de outra forma, tal semelhança entre esses índices (0.51 e 0.49) indica que das diferenças que caracterizam DID/EF e D2 não decorrem diferenças quantitativas no emprego de TP. Por isso, podemos analisar os 251 dados num único conjunto, como se todos eles tivessem sido extraídos de um mesmo tipo de entrevista.

³ Pesos relativos próximos de 1.0 indicam que o fator correspondente favorece o emprego da variante em foco. Pesos próximos de zero indicam o contrário: desfavorecimento. Quando, num grupo de fatores binário como é o caso do “tipo de entrevista”, um fator se aproxima de 1.0 e o outro de 0.0, fala-se em polarização - diferentemente do que a tabela 5.1 está mostrando.

1.2. As variáveis extralingüísticas

A distribuição geral dos dados, conforme os resultados acima apresentados, já é feita com base numa variável extralingüística: o tipo de interação sociolingüística em que os informantes foram gravados. Como acabamos de constatar na tabela 5.1, a análise multivariada não selecionou este grupo de fatores como relevante. Vamos ainda tecer algumas considerações acerca de tal variável, sobretudo porque a hipótese que justificou sua análise diz respeito às possíveis relações entre o cuidado com a fala por parte do informante e a situação em que sua fala foi gravada: esperava-se que a tendência em usar TP (a variante menos freqüente) seria maior quando o falante se policiasse mais no seu uso da linguagem - algo que poderia ter ocorrido nas entrevistas DID/EF, sendo indicado por um peso relativo mais alto que 0.51 nesse caso.

Além daquela, analisamos outros dois grupos de fatores extralingüísticos - o sexo/gênero do informante e sua faixa etária - cuja abordagem é clássica nos estudos sociolingüísticos (Labov 2001, Mollica & Braga (orgs.) 2003). A inclusão do primeiro desses grupos nesta pesquisa justifica-se pela intenção de verificar se algo evidenciado em tantos trabalhos variacionistas é aqui corroborado: o fato de que as mulheres tendem a liderar a implementação da variante mais nova quando esta é socialmente prestigiada.

Com respeito à idade do informante, formas variantes podem se distribuir de maneira equilibrada nas diferentes faixas etárias, indicando que a variação é estável. Diferentemente, pode haver aumento na freqüência de uso de uma das variantes, acompanhado da diminuição da freqüência de uso da outra, segundo a idade dos falantes, indicando o que se reconhece na literatura variacionista por mudança em progresso em tempo aparente. Num trabalho de pesquisa como o que se apresenta aqui, a análise quantitativa das perífrases em função da faixa etária dos falantes é então imprescindível, uma vez que uma das hipóteses que norteiam o trabalho é a de que a variante EG está sendo cada vez mais usada, comparativamente a TP. De acordo com os pressupostos da mudança em tempo aparente, a expectativa é a de que EG seja favorecida entre os mais jovens, ao contrário do que ocorreria com TP. Esta variável social foi de fato selecionada

pelo Goldvarb como relevante em todos os conjuntos de dados; os resultados obtidos são apresentados mais adiante.

1.2.1. O tipo de entrevista (situação de fala)

É bastante complexa a tarefa de classificar as diferentes amostras aqui usadas com base no maior ou menor cuidado que o informante teria tido no seu uso da linguagem, no momento da gravação da entrevista. Em primeiro lugar, é evidente que numa mesma entrevista pode haver momentos em que o informante se encontra mais relaxado, e conseqüentemente menos consciente acerca das formas que emprega, a despeito da pressão artificializante exercida pelo gravador. Tal relaxamento, por sua vez, pode estar relacionado a numerosos fatores: o envolvimento pessoal do informante com o assunto em pauta na conversa; a interação entre o documentador e o informante, que pode ser naturalmente mais ou menos tensa, caso eles não se conheçam; uma interrupção momentânea da entrevista por parte de alguém que em princípio não faz parte dela (alguém que entra no espaço em que a entrevista está sendo gravada para, por exemplo, servir alguma bebida); e outros.

Em segundo lugar, mesmo que se arrolem critérios para a classificação das amostras relativamente ao cuidado com o uso da linguagem por parte dos informantes, nem sempre é possível verificá-los precisa e infalivelmente. Dentre as amostras paulistanas, há controvérsias sobre em que tipo de entrevista - diálogos entre dois informantes (D2) ou diálogos entre informante e documentador (DID) - o falante tende a se policiar mais no uso da linguagem, com vistas a obedecer à norma culta. Há quem alegue que as entrevistas do tipo D2 tendem a ser mais relaxadas, já que a figura do documentador torna-se quase que acessória, intervindo poucas vezes na conversa dos dois informantes, na maioria das vezes conhecidos entre si. Outros, por sua vez, atentam para o fato de que o documentador (DID), com seu modo de usar a linguagem, pode influenciar o informante, como que "levando-o" a usar certas variantes. De acordo com esse ponto de vista, o documentador - no caso do NURC/SP, um lingüista na maioria das vezes - pode não apenas conduzir a "conversa", mas também o modo como ela se

desenrola (mais ou menos relaxada, com maior ou menor envolvimento do informante com o assunto, e assim por diante).

De qualquer modo, os dois pontos de vista são bastante razoáveis, dificultando a ponderação sobre em que tipo de entrevista seria menor a tendência ao policiamento no uso da linguagem. Diante disso, Mendes 1999 propôs considerar o aparecimento de certas variantes lingüísticas como pistas para a classificação das entrevistas como mais ou menos relaxadas. Como as entrevistas do Projeto NURC/SP foram gravadas com falantes de nível universitário, considerou-se que o aparecimento de certas variantes reconhecidamente estigmatizadas - ausência de concordância verbal e nominal, por exemplo - seriam um indício de que o informante, com nível universitário de escolarização, não estaria se ocupando em policiar seu uso da linguagem no momento de sua fala. De acordo com esses critérios, é possível considerar que, nas entrevistas do tipo D2 SP, de modo geral, é maior a tendência do informante se desligar de seu auto-policiamento no uso da linguagem, comparativamente às entrevistas do tipo DID/EF.

Desse modo, portanto, os pesos relativos já destacados na tabela 5.1 de fato mostram que não há correlação entre o cuidado com a fala na situação de entrevista e a seleção de uma das perífrases, ou seja, mostram que nossa hipótese era equivocada. Entretanto, devemos conservar alguma dúvida para tal conclusão, lembrando de algo que afirmamos no capítulo 1: as entrevistas do PEUL/RJ são mais exemplares do vernáculo do que as do NURC/SP⁴, e nelas as ocorrências de TP são ainda mais raras - o que pode nos conduzir de volta à consideração de que EG pode ser ainda mais produtiva nas situações de fala que costumamos chamar de mais “informais”.

Sendo assim, embora não seja viável juntar os dados de São Paulo aos do Rio para fins de análise quantitativa, em virtude das razões metodológicas já apresentadas, vamos nos valer dos resultados da análise dos dados cariocas para prosseguir numa discussão sobre esse tópico da possível correlação entre o favorecimento de EG e o

⁴ Para citar apenas um fato, não havia acordo prévio acerca dos assuntos sobre os quais se conversaria nas gravações do PEUL, diferentemente do que ocorreu no caso do Projeto NURC.

desfavorecimento de TP, de um lado, e as diferenças nas situações de fala. Faremos mais algumas observações a respeito disso no final deste capítulo, após a apresentação dos resultados da análise das perífrases no painel dos falantes cariocas.

1.2.2. O sexo/gênero dos falantes

Este grupo de fatores não foi selecionado pelo Goldvarb como relevante em nenhuma das amostras. A distribuição dos dados é dada pela tabela abaixo.

Tabela 5.2 - TP e EG de acordo com o sexo/gênero dos informantes e pesos relativos para TP

		DID/EF one-level input: 0.264			D2 one-level ⁵ input: 0.061			Total SP one-level input: 0.151		
		%	N	P.R.	%	N	P.R.	%	N	P.R.
Mulheres	TP	42	(35)	0.53	19	(11)	0.30	32	(46)	0.49
	EG	58	(49)		81	(47)		68	(96)	
Homens	TP	11	(2)	0.351	17	(15)	0.63	16	(17)	0.52
	EG	89	(17)		83	(75)		84	(92)	
Total			(103)			(148)			(251)	

Em todas as amostras, a frequência de TP é muito mais baixa que a de EG, tanto entre os falantes do sexo masculino quanto entre aqueles do sexo feminino. Na amostra DID/EF, contudo, destacam-se os dados das mulheres, que utilizam TP e EG de modo aproximadamente equilibrado. Esta é uma célula evidentemente distinta das demais. Todos os outros pesos foram obtidos com a análise *one-level*, menos acurada que a anteriormente mencionada.

Nenhuma das variantes da variável aqui analisada, como podemos afirmar enquanto falantes nativos do PB, é estigmatizada. Isso significa que não é tão simples associar o conceito de prestígio de maneira direta nem a TP nem a EG. São várias, conseqüentemente, as possibilidades:

⁵ Nesta rodada, observa-se que o peso relativo 0.63 corresponde a 17% dos casos, enquanto que o peso 0.30 corresponde a 19% deles - ou seja, o peso relativo menor não corresponde à porcentagem maior dos casos. Este problema também será observado mais adiante, nas tabelas 5.6 e 5.7 e, em todas elas, deve-se à má distribuição dos dados e ao pequeno tamanho das células.

- se houver uma correlação entre cuidado com a fala e frequência de TP (quanto menor o cuidado com o uso da linguagem, em situação de fala, menor a tendência de empregar TP), pode ser que, nas situações de conversação mais relaxadas, EG seja a forma encobertamente prestigiada; neste caso, a expectativa em relação à variável gênero/sexo seria a de que as mulheres tenderiam a preferir EG;
- independentemente de outras variáveis sociais, é possível que a noção de prestígio encoberto não esteja associada a nenhuma das variantes; se assim for, pode ser que os resultados da tabela acima mostrem de fato que a variável gênero/sexo não tem relevância na variação entre EG e TP.

1.2.3. A faixa etária dos falantes

Este grupo de fatores se mostrou especialmente relevante na compreensão da variável, e foi selecionado em todas as amostras, assim como nas combinações de amostras que foram feitas.

Tabela 5.3 - Relevância da variável faixa etária nos usos de EG e TP, por amostra

		DID/EF			D2			Total SP		
		%	N	P.R.	%	N	P.R.	%	N	P.R.
3ª faixa (50 ou mais)	TP	55	22	0.750	30	10	0.742	44	32	0.770
	EG	45	18		70	23		56	41	
2ª faixa (30-45 anos)	TP	32	14	0.427	26	10	0.772	29	24	0.501
	EG	68	30		74	28		71	58	
1ª faixa (até 25 anos)	TP	5	1	0.165	8	6	0.258	7	7	0.284
	EG	95	18		92	71		93	89	
			103			148			251	

Lembrando algo já apontado no início deste capítulo, EG é a forma mais frequente em todas as amostras e, por isso, os resultados vêm sendo apresentados do ponto de vista da forma TP, cujos usos parecem estar se tornando mais restritos, tanto social quanto lingüisticamente. Através da tabela acima, fica claro que EG é a forma mais frequente também em todas as faixas etárias, com exceção da 3ª faixa na amostra DID, em que TP a ultrapassa ligeiramente na frequência de ocorrências.

É notável como o uso de EG é próximo do categórico entre os falantes de 1ª faixa etária. Em termos estatísticos, esse fato vem expresso nos baixos pesos relativos para TP nesta faixa em todas as amostras - quase sempre menor que 0.3 - indicando como o uso de tal variante é desfavorecido neste grupo.

O fato revelado pela tabela acima possibilita vislumbrar o curso de uma mudança nos usos dessas duas perífrases verbais na expressão do aspecto. Tomando inicialmente o total de dados de São Paulo, a tendência de uso de TP cai progressivamente de acordo com a faixa etária do informante - $0.770 > 0.501 > 0.284$ - configurando o que comumente se reconhece como mudança em tempo aparente na literatura sociolingüística. Tais resultados serão ainda reexaminados nos cruzamentos de tabelas (no item 1.4), em que verificamos se a correlação de outros grupos de fatores com a variável dependente se sustenta ou não nas três faixas etárias. Por exemplo, é possível que certas restrições de natureza lingüística ao uso de TP na primeira faixa etária não operem entre os falantes da terceira faixa. De todo modo, isso não invalidaria o que aqui constatamos: quanto mais jovem o falante, maior sua tendência em usar EG, e menor sua tendência em usar TP.

1.3. As variáveis lingüísticas

Conforme a discussão desenvolvida no capítulo 4, o envelope da variação entre as duas perífrases é definido principalmente pelo tempo do verbo auxiliar (as duas perífrases só são variantes quando o auxiliar está no presente do indicativo) e pela imperfectividade (alongamento do passado para o presente), excetuando-se o aspecto progressivo, em que apenas o presente da enunciação é focalizado no aspecto.

A partir de tal discussão, a natureza composicional do aspecto deve ter ficado bem exemplificada, uma vez que várias ocorrências atestam a interdependência entre as formas verbais e outros elementos da sentença na expressão dos aspectos em foco: duas

frases com elementos sintáticos diversos - portanto bastante distintas na sua constituição - podem ser interpretadas como equivalentes, do ponto de vista aspectual:

(01) DI D 242

hoje eu **tenho lido** muita coisa interessante sobre isso...

(ASPECTO ITERATIVO)

(02) DI D 242

eu **estou lendo** sempre no jornal que até o Papa está preocupadíssimo

(ASPECTO ITERATIVO)

As sentenças acima são estruturalmente diferentes, mas podem ocorrer no mesmo contexto, com um mesmo significado. Em (01), "muita" é um quantificador que, embora tenha o argumento verbal como seu escopo, funciona na sentença como um adjunto adverbial de frequência, sinônimo de "muito" ou "muitas vezes". Em (02), "sempre" também pode ser interpretado como um quantificador, cuja ausência tornaria a sentença ambígua:

(02a) eu **estou lendo** no jornal que até o Papa está preocupadíssimo (ASPECTO DURATIVO OU ITERATIVO)

Essa discussão foi amplamente desenvolvida no capítulo 4. Sua retomada aqui estabelece conexão entre a análise dos grupos de fatores sociais, que fizemos acima, e a dos grupos de fatores lingüísticos, que estamos prestes a apresentar.

No item imediatamente anterior, vimos que os falantes da 1ª faixa etária tendem a usar muito mais EG do que TP. É natural, conseqüentemente, que indaguemos: que fatores estariam correlacionados à escolha de TP por aqueles falantes? Em outras palavras, a pergunta que então se configura é a seguinte: que fatores desencadeiam aqueles usos de TP que poderiam ser reconhecidos como "residuais"?

É certo que esta pergunta não é aplicável apenas às ocorrências de TP entre falantes de 1ª faixa etária. Já sabemos que TP é a forma que menos se tende a usar, praticamente em todas as faixas, e em todas as amostras de dados. Entretanto, uma vez feita a análise da variável de acordo com os fatores de natureza social, é especialmente interessante observar os dados de TP dos falantes mais jovens: ora, se eles são tão

numericamente reduzidos, deve haver alguma razão lingüística para que o uso de EG não seja categórico.

A tabela 5.3 do item anterior indica que houve apenas 7 ocorrências de TP entre os falantes de 1ª faixa etária, no total das amostras. São elas:

(03) EF 377 (mulher)
eles têm verificado de acordo com os instrumentos...

(04) D2 343 (homem)
tem saído ultimamente ... de carro?

(05) D2 343 (homem)
pode ser outra coisa parecida (...) como **tem acontecido**

(06) D2 343 (mulher)
tenho saído sim ... assim em termos

(07) D2 62 (homem)
Mas eles têm atendido (as necessidades do mercado)

(08) D2 SP 62 (homem)
Eu **tenho acompanhado** (os investimentos)

(09) D2 SP 62 (homem)
os exemplos que nós **temos visto**

O que há de comum nessas 7 ocorrências? Em primeiro lugar, há que se dizer que todas as sentenças acima foram classificadas como expressando aspecto iterativo. Este é um dado importante, na medida em que pode ser tomado como um primeiro indício de que a tendência do falante empregar TP é maior quando sua função é a de expressar aspecto iterativo - apesar de ambos EG e TP poderem ser usados na sua composição e apesar de EG ser a forma mais freqüente.

Colocando os aspectos que as duas perífrases podem expressar na posição de variável independente, a hipótese aventada é a de que, embora EG e TP não sejam respectiva e categoricamente usadas para expressar durativo e iterativo, pode ser o caso que o falante tenda a usar mais uma do que outra quando se trata de um ou outro aspecto. Os resultados acerca deste grupo de fatores estão no sub-item 1.3.1 a seguir.

As sentenças com TP acima também trazem pistas acerca de outros grupos de fatores de natureza lingüística que podem estar correlacionados à seleção de TP enquanto forma variante - grupos estes que estabelecemos já no capítulo 4:

- (03) e (07) trazem sujeitos plurais, que podem constituir um fator que favoreça o uso de uma perífrase e desfavoreça o uso da outra;
- (04) traz um adjunto adverbial que indica extensão de tempo - "ultimamente"; já havíamos aventado a hipótese de que a presença de certos adjuntos adverbiais pode estar correlacionada à escolha de uma ou de outra construção perifrástica;
- (08) e (09) trazem argumentos internos plurais, que hipoteticamente também podem estar correlacionados à seleção de uma ou outra perífrase na composição do iterativo.

Além dessas hipóteses de natureza lingüística, também consideramos, no capítulo 4, a possibilidade de que a categoria semântica do verbo principal (*state*, *activity*, *achievement* ou *accomplishment*) estaria correlacionada à escolha de uma das formas. O número do argumento interno, no caso de verbos transitivos, também poderia ter alguma relevância na seleção das perífrases.

Estas duas últimas hipóteses, até certo ponto ao contrário do que se esperava, não foram confirmadas pela análise quantitativa. Significa, portanto, dizer que o uso variável de EG e TP não depende nem da categoria semântica do verbo principal nem do número do argumento interno dos verbos transitivos.

Entretanto, como o tipo semântico do verbo parece desempenhar um papel importante na expressão dos aspectos, tentou-se verificar se apesar de não estar correlacionado à seleção da forma variante (EG ou TP), ele estaria correlacionado ao aspecto expresso na sentença propriamente. Propomos então uma análise em que se considera o aspecto verbal como variável dependente, de um lado, e tanto a forma perifrástica quanto o tipo semântico do verbo como variáveis independentes, de outro.

Tal proposta não é convencional, pois coloca no lugar da variável dependente não formas variantes, mas conceitos distintos. Seus resultados, contudo, são bastante

interessantes, na medida em que mostram que certos tipos de verbos são mais usados com a perífrase TP para expressar aspecto iterativo do que para expressar aspecto durativo. Os resultados de tal análise são discutidos no item 1.5, após a apresentação dos resultados para cada grupo de fatores lingüísticos.

1.3.1. O aspecto verbal

Antes da apresentação dos resultados sobre a variação nos usos de EG e TP relativamente ao aspecto, convém retomar brevemente algo que foi exposto nos capítulos 2 e 4: parte considerável das sentenças tiveram seu aspecto classificado como "ambíguo". Tal classificação é justificada na medida em que, em certas sentenças, a distinção entre repetição ou continuidade do evento é irrelevante. Em outras palavras, naqueles casos há duas interpretações possíveis para o aspecto da sentença, e ambas são possíveis dentro de um mesmo contexto. Essa classificação, também conforme vimos nos capítulos 2 e 4, foi feita sobretudo com base no teste dos adjuntos adverbiais:

Aspecto Iterativo

(10) D2 62

sei lá **estão falando** muito nisso viu? poluição do ar agora é:: moda mesmo

(11) D2 333

(o pessoal) **tem dito** por exemplo que em vá/ diversos países da Europa a televisão está muito ruim

Aspecto Durativo

(12) D2 360

eu **estou procurando** encaminhá-la para outra coisa

(13) D2 333

vocês acham então que o noticiário em TV **tem melhorado** bastante?

Ambíguo

(14) DI D 242

era...o padre...mas agora at é já **estão** FREI ras **realizando** (missa) né

(15) DI D 161

Doc cont a uma coisa... na sua opiniao... o que é uma boa peça de teatro?...

Inf nao é só minha opiniao... é a opinião de muita gente e eu creio... é aquela que a TI Nge diretamente...ao público que a **tem assistido**...

Casos como (10) e (11) foram classificados como iterativo porque a inserção de adjuntos que expressam a idéia de repetição de vezes é possível ("repetidas vezes", "com frequência", por exemplo). Diferentemente, em casos como (12) e (13) a inserção de tais adjuntos não é possível; nestes, os adjuntos adverbiais que podem figurar são os que expressam extensão de tempo ("há meses", "nos últimos meses", "desde a semana passada", etc), ou os que expressam localidade ou progressão no tempo ("agora", "ultimamente", "constantemente", etc). Finalmente, foram classificados como ambíguos aqueles casos, a exemplo de (14) e (15), em que a distinção entre imperfectividade iterativa e imperfectividade durativa não era relevante no contexto. Com efeito, nestes casos podem ser inseridos adverbiais de frequência, permitindo a leitura iterativa, mas também é possível a interpretação de que o evento não se repete, como se ele estivesse em curso durante toda a extensão do passado para o presente – verdade essa que define o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto, diferenciando-o do “antes” (cf. exemplo 14).

Como foi visto nos dois capítulos introdutórios, TP é geralmente considerada na literatura sobre o aspecto em PB como uma forma prototipicamente iterativa (Travaglia 1981, Castilho 1968), apesar de se admitir que ela também pode entrar na composição do aspecto durativo (Ilari 2000). Essa intuição pode ser confirmada pelos pesos relativos fornecidos na tabela a seguir.

Tabela 5.4 - Distribuição das variantes segundo o aspecto verbal e respectivos pesos para *ter + participio*

		DID			D2			SP Total		
		step up & down input=0.267			step up & down input=0.060			step up & down input=0.157		
		%	N	P.R.	%	N	P.R.	%	N	P.R.
iterativo	TP	71	29	0.858	64	16	0.958	68	45	0.901

	EG	29	12		36	9		32	21	
ambíguo	TP	16	3	0.358	16	4	0.789	16	7	0.506
	EG	84	16		84	21		84	37	
durativo	TP	12	5	0.189	6	6	0.244	8	11	0.261
	EG	88	38		94	92		92	130	
		103			148			251		

Tanto na análise dos dados de DID/EF e D2 em separado, quanto na rodada de todos os dados em conjunto, a tendência ao uso de TP é maior quando o aspecto é iterativo - como mostram os mais altos pesos relativos na primeira linha da tabela. Se a tabela 5.1 mais acima (Cf. p.111) mostra que TP é uma forma pouco freqüente, por um lado, os resultados da tabela 5.4 indicam, por outro, que o emprego da forma está praticamente concentrado na composição do iterativo. Veja-se que as células para TP ambíguo e durativo em todas as amostras são bastante pequenas – somando-as todas, chegamos a um número de casos de TP não-iterativo que é inferior a 50% do total de casos iterativos (respectivamente 18 e 45).

Dirigindo o foco para a outra forma perifrástica, vamos notar que EG é mais freqüente nos casos iterativos do que TP é no caso dos durativos, ou seja, embora a composição do aspecto iterativo favoreça o uso de TP, a freqüência de EG (32%) não é desprezível nesses casos, tal qual a freqüência de TP durativo (apenas 8% dos 251 casos).

Este fato nos remete à análise diacrônica que elaboramos no capítulo 3. Parece que estamos numa fase do processo evolutivo de emprego dessas formas em que os usos de TP estão se restringindo cada vez mais ao iterativo (lembre-se que, no século XIX, seus usos durativos eram menos raros, e seus usos perfectivos ainda presentes - Cf. pp.63-65), ao passo que, atualmente, parece estar cedendo “espaço” a EG, cuja freqüência vem aumentando.

No item 1.4 mais adiante, reservado para os cruzamentos de tabelas, a análise da correlação entre o aspecto e o emprego das perífrases pelos falantes das diferentes faixas etárias deverá mostrar que os mais jovens preferem EG independentemente do aspecto

verbal, enquanto que os mais idosos apresentam freqüências mais próximas daquilo que chamamos de polarização: TP iterativo mais freqüente que EG iterativo; EG durativo mais freqüente que TP durativo. Este fato será, então, mais uma evidência do avanço nesse processo de mudança em curso, segundo o construto do tempo aparente, em que os usos de TP se restringem, e os de EG se expandem.

Um terceiro e último indicativo desse aumento na freqüência de uso de EG é dado pela inclusão de uma nova amostra paulistana em nossa análise. Trata-se de um conjunto de 24 entrevistas, coletadas e transcritas pelos alunos da graduação em Lingüística, no segundo semestre de 2003⁶. Foram gravados diálogos entre informante e documentador e elocuções formais, sendo as faixas etárias dos informantes semelhantes às do Projeto NURC. Também do modo como foi feito naquele projeto, todos os informantes são paulistanos com nível universitário de escolaridade.

Nesta nova amostra, o grupo de fatores do aspecto também foi selecionado pelo Goldvarb como relevante. A tabela abaixo mostra que, após 20 anos, a tendência ao uso de TP na composição do aspecto iterativo diminuiu significativamente ($0.90 \gg 0.68$). Paralelamente a isso, a freqüência de EG iterativo também aumentou, em comparação com o conjunto total de entrevistas paulistanas gravadas pelo NURC por volta de 1973.

Tabela 5.5 - Nova amostra paulistana - Distribuição das variantes por amostra segundo o aspecto verbal

		NURC/SP (1973) step up & down input=0.157			SP 2003 step up & down input=0.033		
		%	N	P.R.	%	N	P.R.
iterativo	TP	68	45	0.901	15	17	0.685
	EG	32	21		85	99	
ambíguo	TP	16	7	0.506	2	1	0.244
	EG	84	37		98	63	
durativo	TP	8	11	0.261	5	6	0.465
	EG	92	130		95	119	

⁶ Por ocasião do Curso de Sociolingüística Quantitativa, do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo.

	251	305
--	-----	-----

Por fim, merece ser observado que, na amostra do NURC, quando o aspecto foi classificado como ambíguo, não houve favorecimento ao emprego de nenhuma das formas (peso relativo 0.506 – muito próximo do ponto neutro). Este é um resultado bastante interessante, na medida em que, na amostra mais antiga, nenhuma das formas era favorecida quando a distinção entre iteratividade e duratividade não era relevante no contexto. Por outro lado, confirmando mais uma vez a expansão dos usos de EG, na amostra de 2003, os casos classificados como ambíguos desfavorecem o emprego de TP (P.R. 0.24).

Quanto ao peso relativo para TP durativo nesta amostra mais recente (0.465 - maior que o da amostra do NURC), ele poderia, em princípio, configurar um contra-argumento à afirmação de que EG é sempre a forma preferida, quando se enfoca o aspecto. Tal índice, muito próximo do ponto neutro, indicaria que não há favorecimento nem desfavorecimento ao emprego da forma, quando se trata de aspecto durativo. Não se pode deixar de observar, contudo, que a célula correspondente é muito pequena (apenas 6 casos de TP durativo, contra 119 de EG), o que nos permite minimizar a importância deste resultado, e negar a possibilidade de tal contra-argumento.

1.3.2. O tipo semântico do verbo principal

No capítulo 4, discutimos longamente acerca do fato de que a classe semântica do verbo principal não oferece restrição categórica ao emprego das construções perifrásticas aqui enfocadas. Há, entretanto, a hipótese de que EG e TP poderiam ser mais ou menos freqüentemente empregadas dependendo de tal classe.

Para verificar tal hipótese, analisamos este grupo de fatores para todo o conjunto de dados de São Paulo. A análise das amostras DID/EF e D2 em separado seria pouco relevante, pois havia células muito pequenas em determinados casos.

Tabela 5.6 - Frequências de EG e TP com os diferentes tipos de verbos, e pesos relativos para TP

Total SP (251 ocorrências) [one-level / input = 0.150]									
		%	N	P.R.			%	N	P.R.
estado	TP	15	11	0.510	<i>accomplishment</i>	TP	34	18	0.489
	EG	85	60			EG	66	35	
atividade	TP	25	18	0.627	<i>achievement</i>	TP	29	16	0.339
	EG	75	53			EG	71	40	

Os pesos relativos para TP nos diferentes tipos de verbo não são muito diferentes uns dos outros, distanciando-se pouco do ponto neutro 0.5. De fato, este grupo de fatores não foi selecionado como relevante na rodada *step up & down* do Goldvarb (note-se que os resultados acima foram obtidos a partir de uma rodada do tipo *one-level*). Destacam-se, contudo, os verbos de atividade, que parecem favorecer o uso de TP, e os verbos de *achievement*, que desfavorecem o uso de tal forma. Os pesos para os verbos de estado e *accomplishment* são bastante próximos de 0.5, indicando neutralidade na seleção das perífrases.

Dessa forma, confirma-se que os diferentes tipos de verbo podem ser usados com EG e TP. Todavia, convém verificar se eles são mais ou menos frequentes nas duas perífrases dependendo do aspecto expresso na sentença. Para tanto, fazemos o cruzamento dos grupos de fatores "tipo de verbo" e "aspecto", na tabela 5.7 abaixo. O total de casos aqui computados é 207, e não 251, porque não foram levados em conta os casos classificados como ambíguos.

Tabela 5.7 - Tipo semântico do verbo vs. aspecto: frequências de EG e TP

		estado		atividade		<i>accomplishment</i>		<i>achievement</i>	
		%	N	%	N	%	N	%	N
ter + participípio	iterativo	67	6	63	10	94	15	93	14
	durativo	33	3	38	6	6	1	7	1
	Σ		9		16		16		15
	iterativo	6	3	11	5	26	7	26	6

estar + gerúndio	durativo	94	51	89	42	74	20	74	20
	Σ		54		47		27		26
207									

Tais resultados permitem rever algo que já se havia reportado logo no início deste capítulo: EG é a forma mais freqüente na expressão do durativo, enquanto TP é a forma mais freqüente na expressão do iterativo, mas as duas perífrases são usadas tanto na composição de um quanto de outro aspecto. Se não fosse assim, as porcentagens de TP seriam evidentemente iguais a 100% na composição do iterativo com todos os tipos de verbos, ao passo que as porcentagens de EG seriam iguais a 100% na composição do durativo, também com todos os tipos de verbo.

Entretanto, é bastante visível a separação entre verbos de estado e de atividade, de um lado, e verbos *accomplishment* e *achievement*, de outro. No primeiro caso, as porcentagens em negrito mostram que a freqüência de EG se aproxima bastante do categórico na expressão do durativo, diferentemente do que ocorre com TP, cujas freqüências na expressão do iterativo estão abaixo dos 70% para os dois tipos de verbo.

Já no segundo caso, quando se trata de verbos *accomplishment* e *achievement*, é na linha de TP iterativo que temos as porcentagens mais próximas do uso categórico. Distintamente do que ocorre com os outros dois tipos de verbo, conforme acabamos de constatar, se aqui o uso de TP é muito próximo do categórico na composição do iterativo com verbos *accomplishment* e *achievement*, a freqüência de EG durativo está na faixa dos 70% para estes tipos de verbo.

Em suma, a tabela acima mostra que não é freqüente empregar verbos de estado e de atividade com EG para expressar iterativo (3 casos com verbos de estado e 5 casos com verbos de atividade). Por outro lado, é ainda mais notável que verbos de *accomplishment* e de *achievement* praticamente não são usados com TP na composição do durativo (apenas um caso para cada tipo de verbo).

A baixa frequência no uso de TP com verbos de *accomplishment* e *achievement* na composição do aspecto durativo é, de fato, um resultado esperado. Se tais tipos de verbo têm o traço [+ télico] (o início do evento coincide com o seu fim - Castilho 2000 - sendo "chegar" um verbo que pode ser tomado como exemplo típico), é de se esperar que o alongamento ou a extensão do evento (ou o "distanciamento" entre o início e o término do evento) seja mais frequentemente codificado pela perífrase EG, "durativa por excelência".

Os dois casos de TP durativo com estes tipos de verbo que apareceram no *corpus* são respectivamente os seguintes:

(16) D2 SP 333 ("melhorar": accomplishment - [+dinâmico; +durativo; +télico]
você acham então que o noticiário em TV **tem melhorado** bastante?

(17) DI D SP 234 ("notar": achievement - [+dinâmico; -durativo; +télico]
DOC a senhora nota alguma diferença entre um teatro e outro? por exemplo quanto à parte em que o público fica, parte estética, a senhora acha que há diferença entre um e outro ou todos são do mesmo tipo?
INF não o...eu **tenho notado** a diferença, por exemplo aquele teatro que tem lá na Rua dos Ingleses...que passou essa peça essa comédia que nós comentamos eu tenho a impressão que lá é mais assim ah não tem TANTO preparo tanto é::tanta encenação

Ambos os exemplos podem ser controversos, na medida em que eles podem ser tomados como casos de iterativo, dada a natureza da perífrase TP, de um lado, e dada a natureza da combinação entre TP e verbos *accomplishment* e *achievement*, de outro. Se tomamos um exemplo típico de verbo *accomplishment* - "ver o filme" (no sentido de *assistir ao filme todo*) - é fácil concordar que a interpretação durativa não é possível em PB para "tenho visto o filme", independentemente do contexto:

(18) Pedro **tem visto** o filme. (repetidamente)

Da mesma forma, podemos tomar o exemplo típico de *achievement* dado acima - o verbo "chegar" - e verificar facilmente que a interpretação durativa não é possível quando ele é usado com TP.

(19)
(a) Pedro **tem chegado** atrasado. (repetidamente)
(b) As cartas **têm chegado** aos montes. (um monte de cada vez)
(c) (ao telefone) *Você **tem chegado**?

No caso dos verbos *accomplishment* e *achievement* típicos, TP parece não permitir nem o aumento da duração do evento, nem o estabelecimento de uma duração que não é inerente à semântica do verbo. Entretanto, os exemplos (16) e (17) acima foram classificados como durativos porque "melhorar" e "notar a diferença", naqueles contextos, não constituem eventos que se repetem com o passar do tempo, mas que se alongam e se mantêm verdadeiros num intervalo de tempo.

É verdade que esses casos poderiam ter sido classificados como ambíguos; porém, o critério para a interpretação do aspecto de que aqui se vale é o teste dos adjuntos adverbiais, conforme se explicita no capítulo 4 e se retoma mais adiante, no item dedicado aos adjuntos propriamente. E, de acordo com tal critério, os exemplos (16) e (17) devem ser classificados como durativo, pois o contexto da entrevista em que aparecem não permite a inserção de adjuntos tais como "repetidamente" ou "várias vezes" sem que haja alteração dos seus sentidos. Além disso, tal critério foi consistentemente aplicado a cada uma das ocorrências encontradas no *corpus*, de modo que esses dois exemplos não poderiam, nem deveriam ser tratados diferentemente, dada a controvérsia que deles se desencadeia, quando comparados a casos típicos de verbos *accomplishment* e *achievement*.

De todo modo, trata-se de apenas dois casos. A discussão acima serve, portanto, ao propósito de exemplificar como os usos de TP e EG são amplamente variáveis, em alguns casos até contrariando expectativas. Entretanto, e no final das contas, o estudo quantitativo aqui apresentado mostra, com números bastante confiáveis, que verbos *accomplishment* e *achievement* quase não são empregados com TP na composição do durativo.

Podemos então voltar à abertura deste item, e concluir: qualquer tipo de verbo pode ser empregado com TP e EG na composição dos aspectos durativo e iterativo; mas a maior restrição é aquela apresentada nas duas últimas colunas da tabela 5.7: se o verbo principal é do tipo *accomplishment* ou *achievement*, e se o aspecto a ser composto é o durativo, a perífrase EG é muitíssimo mais freqüentemente empregada. Neste sentido,

apesar deste grupo de fatores não ter sido selecionado, sua análise permite constatar que os usos de TP são mais restritos que os de EG, relativamente às classes semânticas dos verbos. Este pode ser um fato importante no processo de expansão funcional da perífrase de gerúndio.

1.3.3. Os adjuntos adverbiais

A análise quantitativa das ocorrências de EG e TP focalizando o uso dos adjuntos adverbiais vem visivelmente de mãos dadas com a natureza composicional da categoria do aspecto. Castilho 2000 dedica todo um item de seu trabalho à importância do papel de certos advérbios na quantificação aspectual. Tal importância já havia aqui sido retomada no capítulo 2, na revisão da tipologia para o aspecto proposta pelo autor. Também no capítulo 4, quando da definição do contexto variável, já havia sido justificado o estabelecimento de um grupo de fatores que permitisse a análise do papel dos adjuntos adverbiais na variação dos usos das perífrases. Neste item, antes da apresentação dos resultados, retomam-se as hipóteses acerca do uso dos adjuntos adverbiais e os usos de EG e TP.

Tais hipóteses são, de fato, relativamente simples. Se EG é, *a priori*, tomada como naturalmente durativa ou progressiva, conforme vimos no capítulo 2, é de se esperar, também *a priori*, que a composição do aspecto durativo com aquela perífrase possa prescindir da adjunção adverbial com a função de expressar duração ou progressão no tempo, do modo como ocorre no exemplo abaixo:

(20) D2 333

'El bien amado' **está percorrendo** toda a América Latina (...) **está sendo** um sucesso enorme em Montevideo

Obviamente, não há nenhuma restrição gramatical que impeça a adjunção de tais elementos adverbiais:

(21) 'El bien amado' **está sendo** um sucesso enorme em Montevideo...

(a) [... desde a exibição do primeiro capítulo.]

(b) [... há meses.]

(c) [... faz tempo.]

Nestes casos, pode-se dizer que a presença dos adjuntos adverbiais na frase, do ponto de vista do aspecto, enfatiza a noção de duração - além de adicionar detalhes de natureza temporal, tais como o ponto inicial da duração do evento, em (a), ou uma medida mais ou menos definida da duração, respectivamente em (b) e (c).

Distintamente, se EG não é naturalmente iterativa, é de se esperar que os adjuntos adverbiais que expressam repetição no decorrer do tempo não sejam tão imprescindíveis na composição do iterativo com tal perífrase.

(22) D2 62

sei lá, **estão falando** muito nisso, viu? poluição do ar agora é moda mesmo

(23) É muita fofoca... tudo deles tem briga (...) quase todo dia eles **estão discutindo**.

Isso quer dizer que, em casos como esses, é muito possível que a composição do iterativo seja comprometida se os adjuntos adverbiais que indicam repetição do evento no decorrer do tempo forem subtraídos da sentença.

(22a) **estão falando** nisso, viu?

(23a) É muita fofoca... eles **estão discutindo**.

Do modo como estão aqui expressas tais frases, fora de contexto, é difícil postular que se trata da repetição dos eventos. Descontextualizadas, a interpretação das sentenças pressupõe que o evento nelas descrito está ocorrendo no momento exato de sua enunciação. Ou seja, a frase teria sido enunciada dentro do intervalo de tempo que circunscreve o desenrolar, a progressão do evento.

De um ponto de vista quantitativo, a hipótese se traduz então na expectativa de que os casos de EG iterativo seriam mais frequentemente representados por sentenças com adjuntos adverbiais de repetição. Já quanto aos casos de EG durativo, pareceria inocente prever um resultado quantitativo paralelo - o de que EG durativo apareceria mais frequentemente em sentenças sem a presença de adjuntos adverbiais de duração ou progressão no tempo. Embora essa possa até ser a realidade das ocorrências, o resultado

pode muito bem não ser esse, uma vez que podem figurar na sentença enfatizando a noção de duração, do modo como vimos acima nos exemplos (21 a-c).

É claro que há casos em que não há adjunto adverbial que expresse reiteração e, ainda assim, o aspecto na sentença com EG pode ser interpretado como iterativo:

(24) pô, cê **tá chegando** at rasada, pô. Vê se melhora, pô!

(25) E - Mas de um modo geral, o policiamento aqui do bairro é bom?

I - Olha, eu **estou vendo** umas patrulhinhas passarem, mas não - que eu saiba, nós não temos um posto policial

Dada a natureza composicional do aspecto, conforme também já foi revisto no capítulo 2, os adjuntos adverbiais não são os únicos elementos que podem operar como quantificadores - no sentido de evidenciar que o evento ocorre num número "plural" de vezes. Em (24), o verbo principal é do tipo *achievement* [+dinâmico, + pontual, + télico], e a interpretação não é a de que o evento "chegar" está em progresso, no momento da enunciação da sentença (até porque o indivíduo sujeito "já chegou"). Sendo assim, a interpretação aqui é a de que o sujeito *tem chegado* atrasado com uma certa frequência - frequência essa não especificada num número "n" qualquer de vezes, mas que certamente é um número maior do que o tolerável no espaço de tempo em que a sentença foi enunciada.

Já em (25), a resposta do informante à pergunta do entrevistador não significa que, naquele momento, está em curso o evento "ver umas patrulhinhas passarem". A interpretação aqui é a de que existe um intervalo de tempo que se iniciou em algum momento anterior ao da enunciação dentro do qual se repete (*tem se repetido*) a "passagem de alguma patrulha" e a percepção deste fato por parte do informante.

Conforme foi revisto no capítulo 2, argumentos verbais plurais, como ocorre em (25), podem desempenhar papel importante na quantificação aspectual. Não é necessário retomar tal discussão aqui, na medida em que o foco está colocado sobre os adjuntos adverbiais. Interessa, isso sim, retomar a expectativa quanto à frequência de ocorrências de EG iterativo: embora seja possível que tal perífrase possa figurar na composição do

aspecto iterativo sem a presença de adjuntos adverbiais quantificadores, é esperado que o contrário ocorra mais freqüentemente.

Os resultados acerca dessa hipótese são apresentados um pouco mais adiante. Antes, faz-se necessário retomar uma outra, acerca do uso de adjuntos adverbiais nas sentenças com TP. Diferentemente de EG, TP não é tomada como "naturalmente durativa", mas sim como "naturalmente iterativa" (Ilari 2000). Dessa forma, antes mesmo de observar alguns exemplos, pode-se fazer um paralelo com a discussão dos casos de EG feita acima, e descrever a seguinte expectativa: se TP é naturalmente iterativa, adjuntos adverbiais que expressem reiteração podem ser prescindíveis quando o aspecto em composição for o iterativo; por outro lado, quando TP for empregado na composição do durativo, é possível que sejam necessários adjuntos adverbiais que expressem a continuidade, a progressão do evento, em detrimento de sua reiteração. Em termos quantitativos, então, quando TP for empregado na composição do durativo, é esperado que haja adjuntos adverbiais que indiquem progressão/duração na maioria dos casos.

(26) D2 255

avião tá muito caro... eu **tenho viajado** de carro mesmo

(27) E - Você gosta de jogar ?

I - Gosto.

E - Jogar o quê?

I - Olha, eu **tenho ido muito** a bingo

(28) D2 255

A coincidência se deve a evidentemente a uma procura comum...a uma identidade que se buscou...e que se **tem buscado em muitos anos** em que trabalhamos com o mesmo ideal com o mesmo objetivo

Em (26) temos um caso em que TP é empregado na composição do iterativo sem a adição de um adjunto adverbial que indique repetição de vezes. Em seguida, (27) traz um exemplo em que o advérbio "muito" funciona como um quantificador sinônimo de "freqüentemente" ou "muitas vezes". Finalmente, em (28) a composição do aspecto durativo conta com a perífrase TP em combinação com o adjunto adverbial indicador de duração "em muitos anos".

Como a classificação do aspecto numa sentença como (28) é quase sempre controversa - numa análise em que se resiste a interpretá-lo como durativo, dada a referida "natureza iterativa" da perífrase -, podemos rapidamente lembrar a discussão feita nos capítulos 2 e 4, bem como sua retomada na abertura à apresentação dos resultados acerca dos grupos de fatores extralingüísticos nesse capítulo: não seria consistente classificar o aspecto na sentença (28) como iterativo, a despeito da tal "natureza iterativa" da construção perifrástica, porque "a busca" define todo o intervalo de tempo "em muitos anos". Em outras palavras, o que está em foco não repetição da atividade "buscar uma identidade", algo que é atestado pela inadequação do acréscimo dos adjuntos "freqüentemente" ou "muitas vezes" na mesma frase.

Além disso, também é interessante dar atenção à oposição entre "se buscou" e "se tem buscado" que aparece no exemplo. Trata-se, de fato, de uma oposição - percebida pelo falante e atualizada por ele em sua fala - entre perfectivo e imperfectivo. O pretérito perfeito, de caráter pontual (Castilho 1968), opõe-se ao durativo que se estende do passado para o presente (parafraseando o informante do exemplo 28, "continua-se buscando tal identidade"...), dado pela construção com TP. De fato, este é um caso em que a perífrase portuguesa é usada de modo muito semelhante ao reconhecido *present perfect* inglês.

Do mesmo modo como se faz na análise dos casos de EG acima, contudo, deve-se admitir que são possíveis casos em que as expressões adverbiais de duração ou progressão no tempo podem não aparecer adjuntas a TP durativo. Uma excelente evidência aparece na seguinte ocorrência:

(29) todos os bairros que são lotados de metrô eles são ótimos... eu acho que é o melhor meio de transporte, tá? Porque é rápido, é limpo, é seguro né? (...) essa questão de segurança **tem virado** uma paranóia minha.

"Virar uma paranóia" é classificado como um *achievement* - [+ dinâmico, + pontual, + télico]. Conforme análise apresentada nos capítulos 2 e 4, verbos desse tipo tendem a expressar repetitividade quando na perífrase TP; por outro lado, o aspecto durativo com tais verbos mostrou ser mais geralmente composto com EG (Cf. tabela 5.7,

p.128), que "estende" a duração do aspecto inerentemente pontual. O que temos em (29), porém, é o uso de TP para compor a noção de duração de um evento: "a questão de segurança tem progressivamente, continuamente, virado uma paranóia". Não se trata, portanto, de um evento que se repete, que se reitera.

A tabela abaixo mostra, enfim, a frequência com que as perífrases EG e TP ocorreram na presença de adjuntos adverbiais de frequência (os chamados quantificadores) e de adjuntos adverbiais de duração.

Tabela 5.8 - Ocorrências de EG e TP com adjuntos adverbiais

Total SP [one-level, input=0.115]				
		%	N	P.R.
durativos	TP	21	10	0.446
	EG	79	37	
quantificadores	TP	67	12	0.688
	EG	33	6	
Inexistente	TP	22	41	0.495
	EG	78	145	
251				

Os pesos relativos para TP nesta coluna da tabela indicam que tal construção tende a ser empregada com adjuntos adverbiais quantificadores. Lembrando que, de acordo com o teste para a classificação do aspecto, se há advérbios quantificadores o aspecto é certamente iterativo, tal evidência quantitativa é contrária ao que se esperava. Do modo como se discutiu acima, a expectativa era de um peso relativo consideravelmente abaixo de 0.5 para as

ocorrências de TP com a adjunção de quantificadores - dada sua hipotética prescindibilidade na composição do iterativo com TP.

Por outro lado, os outros dois pesos relativos indicam que não há correlação entre a presença de adjuntos "durativos" (0.446) ou a ausência de quaisquer adjuntos (0.495) e o emprego de TP. Entretanto, para melhor verificar tais correlações, é necessário cruzar os grupos de fatores "aspecto verbal" e "adjuntos adverbiais": se por um lado a sentença que contém adjuntos quantificadores só pode ser interpretada como iterativa, por outro, a presença de adjuntos durativos não implica uma interpretação durativa obrigatoriamente. Dados como (30), a seguir, em que há um adjunto adverbial de duração e um adjunto adverbial de frequência, foram incluídos entre os casos que compõem a segunda linha da tabela acima; ou seja, tais dados foram considerados como se o adjunto adverbial de

duração não estivesse presente, já que delimita temporalmente o evento, mas não interfere na interpretação iterativa.

(30) DI D 234

Faz três meses(...) eu **tenho ido** toda terça-feira no programa que aparece no sábado

Tabela 5.9 - EG e TP no cruzamento aspecto vs. adjuntos adverbiais ⁷

		Iterativo		Durativo		Ambíguo	
		N	%	N	%	N	%
adjuntos de duração	TP	8	62	1	4	1	13
	EG	5	38	25	96	7	87
	Σ	13		26		8	
adjuntos quantificadores	TP	11	79	0	0	1	25
	EG	3	21	0	0	3	75
	Σ	14		0		4	
sem adjuntos	TP	26	67	10	9	5	16
	EG	13	33	105	91	27	84
	Σ	39		115		32	
		251					

		Iterativo	
		N	%
sem adjuntos quantificadores	TP	34	65
	EG	18	35
	Σ	52	
com adjuntos quantificadores	TP	11	79
	EG	3	21
	Σ	14	

Separando os dados por aspecto, e focalizando primeiramente os casos de iterativo, podemos fazer uma oposição entre as sentenças com adjuntos quantificadores e a soma das outras sentenças (conforme indicamos nesta tabela menor), já que a presença de adverbiais que

indicam repetição conduzem a uma interpretação iterativa, qualquer que seja a perífrase. As frequências em negrito mostram que nossa expectativa, acima explicitada, de fato não foi confirmada – a composição do iterativo é mais frequentemente feita com o uso de TP na presença de adjuntos adverbiais de frequência.

Focalizando agora a composição do aspecto durativo, a tabela 5.9 mostra que os adjuntos adverbiais de duração são mais frequentemente empregados com a própria

⁷ Obviamente, a célula central nesta tabela é vazia, já que a interpretação nunca será durativa quando houver adjuntos quantificadores presentes na sentença.

perífrase EG (96%), e não com TP (4%). Mais uma vez, os resultados não confirmaram as expectativas que descrevemos acima.

Dessa forma, do ponto de vista da frequência de ocorrências, o papel dos adjuntos adverbiais é menos o de entrar decisivamente na composição do aspecto - seja este o durativo ou o iterativo - e mais o de confirmar a noção aspectual composta pela perífrase e os argumentos verbais. Há sim casos em que, para a expressão do iterativo com EG, os adjuntos adverbiais são imprescindíveis, mas isso não ocorre na maioria das vezes. Da mesma forma, e conforme os resultados da tabela acima, a expressão do durativo com TP não depende de adjuntos adverbiais na maioria dos casos.

Tal conclusão pode ser ainda reforçada pelo cruzamento dos tipos semânticos dos verbos principais das perífrases com a ocorrência de adjuntos adverbiais. Este cruzamento foi feito apenas para os 66 casos de aspecto iterativo: primeiro porque é maior a variação nos usos de EG e TP neste caso (veja-se que, diferentemente, na coluna do durativo na tabela 5.9, a frequência de uso de EG ultrapassa os 90% tanto nos casos em que há adjuntos adverbiais que expressam duração quanto nos casos em que não aparecem quaisquer adjuntos); e segundo porque os exemplos de iterativo e durativo teriam que ser separados um do outro de qualquer modo, se se quer verificar como o tipo semântico do verbo principal e a ocorrência de adjuntos adverbiais interagem em conjunto na expressão de um determinado aspecto.

Tabela 5.10 - Cruzamento dos grupos de fatores "tipo semântico do verbo principal" e "adjuntos adverbiais", para os casos de iterativo na amostra paulistana⁸

		estado		Atividade		<i>accomplishment</i>		<i>achievement</i>	
		%	N	%	N	%	N	%	N
com adjuntos quantificadores	TP	0	0	75	3	60	3	86	6
	EG	0	0	25	1	40	2	14	1
	Σ		0		4		5		7
sem adjuntos quantificadores	TP	67	6	64	7	71	12	62	8
	EG	33	3	36	4	29	5	38	5
	Σ		9		11		17		13
		66							

⁸ Do mesmo modo que na tabela menor da página anterior, os casos de adjuntos adverbiais de duração foram amalgamados aos casos sem presença de adjunto, pois o aspecto em foco é o iterativo, e os adjuntos adverbiais de duração não têm papel na composição de tal aspecto.

Isoladas as sentenças cujo aspecto foi classificado como iterativo, é fácil verificar que a maioria dos casos é representada por sentenças sem adjuntos adverbiais quantificadores, independentemente do tipo semântico do verbo principal. Além disso, apesar da pouca quantidade de dados por célula, podemos afirmar que, dentre os casos em que havia adjuntos na sentença, a maioria é representada justamente pela perífrase TP (porcentagens em negrito).

Esta última tabela traz mais detalhes, portanto, à conclusão de que o papel dos adjuntos adverbiais na quantificação aspectual é, na maioria das vezes, um "enfanzador" da noção aspectual expressa a partir do emprego de um determinado tipo de verbo na perífrase TP. Os casos de verbos *accomplishment* e *achievement* são especiais, na medida em que, de seu emprego com TP, dificilmente decorre uma interpretação diferente da iterativa - e foi justamente nestes casos que os adjuntos adverbiais quantificadores apareceram com maior frequência.

1.3.4. O número do sujeito

Do mesmo modo como se chamou a atenção para a natureza composicional do aspecto ao tratar dos adjuntos adverbiais, aqui convém lembrar que o grupo de fatores "número do sujeito" também tem sua principal justificativa em tal natureza. Conforme foi apontado nos capítulos 2 e 4, sujeitos plurais podem desempenhar importante papel na face quantitativa do aspecto, até mesmo tornando possível o uso de uma das formas perifrásticas.

(31)

(a) O João **está morrendo**.

(b) * O João **tem morrido**.

(32)

(a) Muita gente **está morrendo**.

(b) Muita gente **tem morrido**.

Em (31), o aspecto de (a) é interpretado como durativo, na medida em que a pontualidade e a telicidade inerentes a "morrer" são neutralizadas por EG, ou seja, a perífrase estende a duração de "morrer". Já em (b), a interpretação mais provável seria a

da iteratividade de "morrer", dada a perífrase TP - interpretação essa que, contudo, é bloqueada, já que não se pode morrer mais de uma vez. Sendo assim, (31b) é agramatical para uma interpretação iterativa, mas é gramaticalmente possível para uma interpretação durativa (possivelmente com o auxílio de algum adjunto adverbial que indique duração ou progressão, tal como "aos poucos").

Já em (32), o sujeito plural⁹ torna possível o uso de ambas as perífrases, qualquer que seja a interpretação aspectual. De fato, descontextualizadas como estão, as sentenças poderiam ser classificadas como ambíguas do ponto de vista do aspecto, na medida em que tanto a duração/progressão quanto a repetição do evento são interpretações possíveis. É verdade, contudo, que em ambos os casos a interpretação iterativa é "facilitada" justamente pela pluralidade do sujeito: não significa que um conjunto de indivíduos está morrendo/tem morrido aos poucos (todos ao mesmo tempo), mas sim que, para um conjunto com um número plural indefinido de indivíduos, repete-se o fato de que *pelo menos um* morre *por vez*, dentro de um intervalo de tempo que se iniciou em algum momento do passado e se estende até o presente da enunciação.

É verdade que o verbo "morrer" é especial, no sentido de que, enquanto verbo do tipo *achievement* [+dinâmico, - durativo, + télico], apresenta o tipo de restrição que foi revista no item 1.3.2 acima (Cf. pp.127-130) e que aqui vem caracterizada pela agramaticalidade de (31b). Todavia, no que concerne à importância do número do sujeito na composição do aspecto verbal, especialmente do iterativo, a discussão pode se estender para outros tipos de verbo, como em:

- (33)
(a) O João **está** **caminhando**.
(b) O João **tem** **caminhado**.

- (34)
(a) Muita gente **está** **caminhando**.
(b) Muita gente **tem** **caminhado**.

Convém retomar, aqui, a discussão feita em capítulos anteriores, com a indagação básica: haveria alguma correlação entre sujeitos plurais e a escolha das formas EG e TP?

⁹ Morfologicamente, "muita gente" é um sujeito singular (que, obviamente, é seguido da conjugação verbal de terceira pessoa do singular). Entretanto, quando SN's sujeitos desse tipo são classificados como plurais, não se parte de sua morfologia, mas da idéia do conjunto de indivíduos (certamente, um conjunto que não é unitário...) que é nomeado por tais SN's.

Especificando melhor, pode-se perguntar: seria a composição do iterativo com sujeitos plurais mais freqüente com EG ou com TP?

A primeira dessas questões pode ser respondida com a tabela abaixo:

Tabela 5.11 – Ocorrências de TP e EG de acordo com o número do sujeito verbal

		Total SP one-level input=0.151		
		%	N	P.R.
sujeitos singulares	TP	31	45	0.569
	EG	69	100	
sujeitos plurais	TP	17	18	0.407
	EG	83	88	
		251		

Nesta amostra paulistana, os pesos relativos para TP são ambos bastante próximos do ponto neutro. Com efeito, este grupo de fatores não foi selecionado como relevante na rodada *step up&down* em que todos os grupos de fatores estabelecidos foram incluídos (observe-se que os pesos relativos acima foram obtidos com uma análise do tipo *one-level*). Isto significa, portanto, que não há correlação entre o fato de o sujeito ser

singular ou plural e a perífrase selecionada ser EG ou TP.

Passando à segunda questão que se formulou acima, sua resposta pode ser encaminhada a partir do cruzamento da distribuição dos dados fornecida pela tabela 5.11 com o grupo de fatores do aspecto:

Tabela 5.12 - EG e TP no cruzamento dos grupos "aspecto" e "número do sujeito"

		Total SP					
		iterativo		durativo		ambíguo	
		%	N	%	N	%	N
sujeitos singulares	TP	88	38	4	4	25	3
	EG	12	5	96	86	75	9
	Σ		43		90		12
sujeitos plurais	TP	30	7	14	7	13	4
	EG	70	16	86	44	88	28
	Σ		23		51		32
		251					

Comparando as freqüências de ocorrências de EG na composição do iterativo - com sujeitos singulares (12%) e com sujeitos plurais (70%), em negrito - com as suas freqüências sombreadas nas outras duas colunas da tabela, vemos uma clara diferença. Enquanto nos casos classificados como durativos e ambíguos EG é sempre a forma mais

freqüente, independentemente do número do sujeito, na coluna do iterativo temos algo próximo do que chamamos de polarização: para sujeitos singulares, TP é a forma mais freqüente; para sujeitos plurais, EG é a forma mais freqüente.

Este fato nos conduz à conclusão de que há uma correlação entre a seleção das formas perifrásticas e o número do sujeito no caso específico daquele aspecto. Para refinar tal conclusão, efetuamos uma rodada do Goldvarb em que foram consideradas apenas aquelas ocorrências cujo aspecto havia sido classificado como iterativo¹⁰. Dessa forma, foi possível passar da dimensão quantitativa em que se lida com freqüências para a dimensão dos pesos relativos, que são índices mais confiáveis da correlação entre emprego de formas e variáveis independentes.

Tabela 5.13 – Tendência de emprego de EG e TP com sujeitos singulares e plurais na composição do iterativo

step up & down input=0.150	Sujeito Singular 43 ocorrências			Sujeito Plural 23 ocorrências		
	%	N	P.R.	%	N	P.R.
ter + participio	88	38	0.730	30	7	0.135
estar + gerúndio	12	5	0.270	70	16	0.865

Nesta última tabela, os pesos em negrito não deixam dúvida: o emprego de EG está correlacionado aos sujeitos plurais, ao passo que o emprego de TP está correlacionado aos singulares. A seleção deste grupo de fatores pelo Goldvarb, numa rodada especial para os

casos iterativos, pode ser então tomada como um indicativo do processo de expansão dos usos de EG. Ora, já havíamos visto, na tabela 5.4 (Cf. p.124), que nesta amostra paulistana TP só é relativamente mais freqüente que EG quando o aspecto é iterativo. Se, isolados os casos iterativos, EG chega a ser a forma favorecida quando os sujeitos são plurais, podemos ter aí uma pista sobre como o emprego de TP vem se restringindo.

Para checar se tal processo realmente está em curso, devemos verificar a correlação entre o emprego das perífrases e o número do sujeito da perspectiva do tempo aparente, isto é, temos que cruzar os grupos “número do sujeito” e “faixa etária do informante”. Se a correlação que detectamos acima for presente entre os falantes mais jovens, e ausente (ou menos evidente) entre os mais idosos, poderemos tecer nossa

¹⁰ Evidentemente, numa rodada como essa, o aspecto verbal não é incluído como variável independente, ou seja, como grupo de fatores.

conclusão com maior confiabilidade. Conforme vimos indicando, os cruzamentos de variáveis estão relatados num item específico (1.4) mais adiante.

1.3.5. O número dos argumentos internos

De modo semelhante aos argumentos externos, os argumentos internos dos verbos transitivos podem ter papel importante na quantificação aspectual. A inclusão de tal grupo de fatores na análise quantitativa foi comentada no capítulo 4 e, neste, vamos formular as hipóteses antes da apresentação dos resultados.

(35)

(a) O João **está comendo** maçã.

(b) O João **tem comido** maçã.

(36)

(a) O João **está comendo** maçãs.

(b) O João **tem comido** maçãs.

Como já vimos com exemplos anteriores, a interpretação de (36 a/b) é a mesma de (35b), em PB - o evento "comer maçã" se repete com o passar do tempo. Em (36a), portanto, não é natural a interpretação de que João esteja comendo mais de uma maçã no momento em que a frase é enunciada. Tanto é assim que, se a quantidade de maçãs for definida por um numeral, a frase se torna um tanto estranha:

(36c) ? O João **está comendo** duas maçãs.

Diante da enunciação de tal frase, seria natural questionar: "como assim? duas maçãs por dia? duas maçãs ao mesmo tempo?". Isto indica que a interpretação de (36c) depende de mais alguma informação que não foi incluída na sentença. Indica ainda que ela não é necessariamente agramatical, mas sua interpretação dificilmente será a durativa, por um lado, e dependerá do contexto para fazer sentido, por outro. Numa situação de entrevista, por exemplo, pode não haver nenhum elemento textualmente expresso que indique iteratividade (algo como o adjunto adverbial "por dia", reclamado pela questão acima), mas certamente haverá algum tipo de conhecimento pragmaticamente compartilhado pelos interlocutores que permita a enunciação de (36c).

Neste item, interessa sobretudo retomar a diferença aspectual anteriormente discutida entre (35a) e (36c), bem como o fato de que a única diferença estrutural entre elas é o complemento plural na última. A sentença (35a) tem pelo menos duas interpretações possíveis:

- (35a) (i.1) O João **está comendo** maçã agora (= neste momento)
(i.2) O João **está comendo** maçã agora (= hoje em dia) (-> antes não comia...)

Por outro lado, a única interpretação possível para (36c) é aquela trazida em (i.2). É verdade que esta interpretação para (35a) traz ainda a problemática referente à distinção entre iteratividade e duratividade - no primeiro caso, entende-se que o evento se repete em intervalos com o decorrer do tempo, de modo que a sentença é verdadeira apenas naqueles intervalos, e falsa nos outros; e no segundo entende-se que a sentença é sempre verdadeira (o "agora" é diferente do "antes", em todos os intervalos). Contudo, tal discussão seria demais aqui. Mais uma vez, o que estamos retomando é o fato de que os argumentos internos no plural podem ter papel essencial na face quantitativa do aspecto.

A partir disso, podemos retomar também a hipótese de que a quantificação aspectual com complementos verbais plurais pode ocorrer mais frequentemente com a perífrase EG. De modo semelhante com o que aventamos na consideração dos sujeitos, se TP é iterativa na maioria dos casos, e se EG vem sendo mais frequentemente usada, os argumentos plurais poderiam constituir um fator que favorece o uso desta última.

Não é isso, porém, que os resultados da análise quantitativa mostram. Para a amostra paulistana, todos os pesos relativos estão muito próximos do ponto neutro, indicando que o fato de o complemento verbal ser plural ou singular não favorece nem desfavorece o emprego das formas perifrásticas. Veja-se a tabela seguinte:

Tabela 5.14 – TP e EG de acordo com o número do complemento verbal e pesos para TP

SP [one-level , input=0.151]				
		%	N	P.R.
complementos Singulares	TP	22	24	0.491
	EG	78	85	
complementos Plurais	TP	38	25	0.515
	EG	62	41	
Sem complementos	TP	18	14	0.500
	EG	82	62	
		251		

Para todas as ocorrências incluídas na rodada, este grupo de fatores não foi selecionado. Entretanto, do mesmo modo que no caso da análise dos sujeitos, convém observar a correlação entre o uso das perífrases e o número dos complementos verbais especificamente quando o aspecto é iterativo. De acordo com a breve discussão acima, como os complementos podem ter papel na quantificação aspectual, analisamos as 66 ocorrências de iterativo separadamente. Nesta nova

rodada, o grupo de fatores dos complementos foi selecionado como relevante, e os resultados são:

5.15 - Tendências de emprego de EG e TP segundo o complemento verbal na composição do iterativo

	Comp. Singular 22 ocorrências			Comp. Plural 30 ocorrências			Sem Comp. 14 ocorrências		
	%	N	P.R.	%	N	P.R.	%	N	P.R.
ter + participípio	59	13	0.287	70	21	0.510	79	11	0.793
estar + gerúndio	41	9		30	9		21	3	

O peso relativo em negrito indica que TP é a forma favorecida quando o verbo é intransitivo; isto é, se não há complementos, e o aspecto a ser composto é o iterativo, TP é a forma que tende a ser mais usada. Por outro lado, quando o verbo é transitivo, se o complemento é singular, TP não é a forma favorecida, ao contrário do que se esperava. No caso de complemento plural, não há favorecimento ao emprego de nenhuma das formas (peso 0.51).

Em suma, esta análise permite concluir que a presença de argumentos plurais não tem o mesmo papel que os sujeitos plurais no aumento da frequência de uso de EG. Ou seja, quando o aspecto a ser composto é iterativo, se o verbo é transitivo e o complemento quantificado, é quantitativamente indiferente o emprego de EG ou TP. É bem interessante, porém, que seja TP a forma preferida quando a composição do iterativo é

feita a partir de verbos intransitivos - indiretamente, isso acaba indicando que a presença de complementos verbais (sejam eles singulares ou não), diminui a tendência de uso de TP, e aumenta a tendência de uso de EG.

1.3.6. A negação

A motivação para a inclusão dessa variável na análise quantitativa foi dada sobretudo por Ilari 2000. Num artigo em que focaliza o passado composto, o autor afirma que a regra semântica da negação é muito semelhança às aquelas que dão conta dos tempos, dentro do *Proper Treatment of Quantification* de Montague.

Também conforme discutimos anteriormente, neste mesmo artigo, o autor formula duas afirmações interessantes para o estudo que aqui se desenvolve:

- "negar a reiteração regular de uma certa ação não é o mesmo que negar que essa mesma ação tenha acontecido uma ou outra vez";
- "não se chega a excluir que um determinado fato tenha acontecido afirmando que se repete com alguma regularidade sua não-realização".

Estas afirmações podem ser verificadas no exemplo:

(37) DI D 234

Não **tenho** quase **assistido** filmes.

(37a) Não **tenho assistido** filmes.

É verdade que, em (37), "quase" funciona como um quantificador indefinido que resolve em certa medida a problemática apontada por Ilari 2000. Portanto, nega-se a *reiteração regular* da atividade "assistir a filmes", mas, ao mesmo tempo, "quase" indica que tal atividade seguramente aconteceu *uma ou outra vez*, dentro do intervalo de tempo em questão. Já em (37a), com a ausência do quantificador, fica sensivelmente mais difícil afirmar com segurança que "assistir a algum filme" tenha acontecido alguma vez dentro de um certo intervalo de tempo. Torna-se então possível uma interpretação durativa, que pode ser parafraseada assim: "desde a última vez que eu assisti a um filme, já faz algum tempo".

De todo modo, para o que interessa especificamente aqui, a pergunta que se formula nos termos da variação é a seguinte: se se quer expressar iteratividade com uma sentença negativa, que perífrase tende a ser mais empregada - EG ou TP? É claro, contudo, que não estamos lidando apenas com os casos iterativos. Por isso, primeiramente se verifica como se dá a correlação entre o grupo de fatores e a seleção das perífrases para o total de ocorrências e, em seguida, isolam-se casos iterativos e durativos no intuito de constatar se os resultados se assemelham.

Tabela 5.16 – TP e EG em sentenças afirmativas e negativas e pesos para TP

SP [one-level, input=0.151]				
		%	N	P.R.
sentenças afirmativas	TP	24	55	0.479
	EG	76	176	
sentenças negativas	TP	40	8	0.724
	EG	60	12	
			251	

De acordo com esta tabela, é muito interessante observar que TP tende a ser a forma mais usada quando a sentença é negativa. Poder-se-ia duvidar desses resultados, alegando-se que o número de sentenças negativas é muito pequeno em cada uma das amostras. Entretanto, é aqui que se encontra a vantagem da aplicação do Goldvarb no estudo quantitativo da regra variável: a desproporção entre os totais de casos para cada fator é, por assim dizer, balanceada na análise dos pesos relativos. Como o próprio qualificador diz, as diferenças entre as frequências de ocorrências são relativizadas entre si e também diante do total absoluto de dados. Desse modo, apesar da discrepância entre o total de sentenças negativas e de sentenças afirmativas, pode-se sim confiar nos resultados acima¹¹. Além disso, este grupo foi selecionado e está entre aqueles que têm relevância na variação dos usos das perífrases

Também nesse caso, as ocorrências de durativo e iterativo foram separadamente analisadas, no intuito de verificar se a relevância desse grupo de fatores permanecia semelhante:

¹¹ Tal observação poderia ser feita a respeito de qualquer grupo de fatores em que houvesse uma diferença considerável entre as quantidades de casos representativos de cada fator dentro de um grupo de fatores. O motivo pelo qual ela se coloca aqui é que em nenhum outro grupo de fatores a diferença entre as frequências de ocorrências foi tão grande quanto neste.

Tabela 5.17 - TP e EG em sentenças afirmativas e negativas - rodadas distintas para aspectos

		ITERATIVOS			DURATIVOS		
		%	N	P.R.	%	N	P.R.
sentenças afirmativas	TP	64	38		8	10	0.496
	EG	36	21		92	119	
sentenças negativas	TP	100	7		8	1	0.541
	EG	0	0		92	11	
			66			141	

Desconsiderando os dados classificados como ambíguos (nenhuma sentença negativa foi classificada como “ambígua” do ponto de vista do aspecto, no *corpus*), o fato de a sentença ser afirmativa ou negativa não é relevante para a seleção de EG/TP quando o aspecto é durativo, segundo os pesos relativos na segunda coluna, que são muito próximos do ponto neutro. Já no caso do iterativo, não houve casos de EG em sentenças negativas. Isto impossibilita a obtenção de pesos relativos pelo Goldvarb, mas não deixa de ser uma confirmação da tendência evidenciada pela tabela 5.16.

Olhando mais de perto para essas 07 sentenças negativas com TP iterativo, observa-se que em 05 delas o verbo principal é do tipo *achievement*, sendo as outras duas representadas por verbos de atividade. Uma dessas duas figura em (37) acima e a outra vem abaixo, sob o número (38):

(38) D2 333

Ultimament e eu não **tenho viajado** muito.

Para a análise aqui proposta, isto pode representar um problema: a composição do aspecto iterativo, seja a sentença afirmativa ou negativa, tende a ser feita com TP quando o verbo principal é do tipo *achievement*. Neste sentido, fica algo comprometida a conclusão de que a negação foi o fator decisivo na seleção de TP em detrimento de EG.

Portanto, há que se admitir que esses 07 casos constituem um conjunto muito pequeno de ocorrências para se fazer afirmações cabais acerca do efeito da negação no uso variável de EG e TP. Os resultados apresentados na tabela 5.16, contudo,

permanecem como indicativos de que quantificação e negação parecem vir correlacionados na predicação, além de trazerem informações quantitativas para as asserções feitas em Ilari 2000.

1.3.7. Há quanto tempo?

Nos cursos de Sociolingüística ministrados aos alunos de graduação em Letras, pelo Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo, uma intuição amplamente compartilhada nas discussões acerca da variável aqui em foco é a de que o intervalo de tempo circunscrito por TP parece ser mais longo que aquele que EG normalmente circunscreve. Em outras palavras, os alunos menos entusiasmados com a possibilidade de abordar EG e TP como variantes costumam alegar que a diferença entre elas - independentemente do aspecto ser o durativo ou o iterativo - reside na extensão do tempo ao longo do qual se dá o evento.

Traduzindo essa hipótese num exemplo, pode-se dizer que um mesmo aspecto seria composto com TP se o intervalo de tempo em que a sentença se faz verdadeira é mais longo, e com EG se tal intervalo é mais curto:

(39)

(a) **Tá chovendo** muito em São Paulo nesses últimos dias / nessas últimas semanas.

(b) **Tem chovido** muito em São Paulo nesse ano / nos últimos anos / na última década.

Se as perífrases fossem usadas estritamente do modo acima, teríamos um caso de distribuição complementar, e não seria o caso de tratá-las como uma variável. Já tratamos disso no capítulo 4, referentemente à distinção entre iterativo e durativo: se TP fosse sempre e apenas empregado para expressar iteratividade, enquanto que se EG fosse sempre durativo, não teríamos um caso de variação.

Entretanto, e apesar de que a intuição traduzida em (39) tenha base diacrônica – TP originalmente codificava aspecto perfectivo, diferentemente de EG (Cf. capítulo 3) -

são comuns as ocorrências de EG cujo aspecto circunscreve um intervalo de tempo mais longo do que "dias" ou "semanas":

(40) MGI - Rio 00

agora as mulheres **tão apanhando** aids a um percentagem maior é com os próprios maridos¹².

(41) D2 SP 62

(a) No país hoje em dia **está entrando** muito muito os bens de capital

(b) ultimamente de uns dois anos essa parte é que eu também... **tenho andado** mais de automóvel

Do mesmo modo, também são bastante comuns casos de TP em que o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto é "curto":

(42) D2 255

Nesses últimos dias **tenho ouvido** de outras pessoas em outros locais queixas extremamente ácidas sobre o correio

Para além da hipótese da variação¹³, os exemplos em (40) e (41) são especialmente interessantes, pois podem ser tomados como indicadores de que EG estaria progressivamente tomando o lugar de TP, aparecendo em casos em que se esperaria que TP fosse empregado (considerando a hipótese traduzida em (39) correta).

Para a variedade paulistana que estamos estudando, o que se verifica é que a hipótese de que TP seria empregado quando o intervalo de tempo é mais longo não se sustenta:

¹² No contexto da entrevista, "agora" (sublinhado em 40) remete aos dois últimos anos de pesquisa na área. Apesar de ser uma ocorrência da amostra carioca, ela foi incluída aqui, na discussão da hipótese antes da apresentação dos resultados da análise da amostra paulistana, por ser exemplar da relação temporal que estamos considerando.

¹³ É claro que neste texto a variação entre EG e TP é um fato, não uma hipótese. Entretanto, o último termo foi aqui usado numa concessão ao contra-argumento à tese, acerca do qual discutimos sobretudo nos capítulos 2 e 3.

Tabela 5.18 - TP e EG de acordo com o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto¹⁴

		SP step up&down input=0.151			ITERATIVOS one-level input=0.786			DURATIVOS one-level input=0.056		
		%	N	P.R.	%	N	P.R.	%	N	P.R.
semanas	TP	54	20	0.572	73	10	0.709	0	0	
	EG	46	17		27	7		100	7	
meses	TP	27	39	0.599	76	25	0.435	9	8	0.571
	EG	73	106		24	8		91	80	
longo tempo / indefinido	TP	6	4	0.269	14	1	0.111	7	3	0.366
	EG	94	65		86	6		93	43	
		251			66			141		

Os pesos relativos na primeira coluna da tabela acima indicam, ao contrário da previsão intuída nas discussões em aula de Sociolinguística, que TP não é a forma favorecida quando o intervalo de tempo é de longa extensão, e sim EG. Nos outros dois casos, quando tal intervalo de tempo é mais curto - ou seja, quando seu início encontra-se mais próximo do presente da enunciação - os pesos relativos estão consideravelmente próximos do ponto neutro, indicando que não há favorecimento ao emprego de nenhuma das formas. Entretanto, se se considera que tais pesos relativos estão mais próximos de 0.6 que de 0.5, pode-se entender que há um leve favorecimento ao uso de TP, o que também vai na direção oposta à hipótese aventada e exemplificada em (39) acima.

Os casos de iterativo e de durativo foram separados uns dos outros e analisados em rodadas diferentes, no intuito de verificar se a correlação entre os fatores deste grupo e a escolha das perífrases seria diferente. Como se pode verificar nas duas últimas colunas da tabela 5.18, não apenas há diferença entre os resultados delas e os da primeira coluna, como também há diferenças entre os resultados para as ocorrências de iterativo e durativo. Observe-se, em primeiro lugar, que nas análises de iterativos e durativos isolados, o grupo de fatores aqui em questão não foi selecionado como relevante nas rodadas *up & down* - os pesos relativos nestas últimas colunas foram obtidos com rodadas do tipo *one-level*.

¹⁴ A soma dos totais de casos iterativo e durativo não resulta no total 251 da primeira coluna porque as ocorrências classificadas como ambíguas foram desconsideradas nas duas últimas colunas.

Para as ocorrências de iterativo, permanece a negação da hipótese de que TP seria a forma favorecida nos casos em que o intervalo de tempo fosse mais longo. A diferença aqui é que o peso relativo é ainda menor que na primeira coluna (0.111). Por outro lado, nos dois casos em que o intervalo de tempo é mais curto ("semanas" e "meses"), os pesos relativos não são ambos próximos do ponto neutro. De fato, os pesos relativos na coluna dos iterativos mostram que quanto mais extenso for o intervalo de tempo em que o aspecto verbal se define, maior a tendência ao emprego de EG. Inversamente, ainda no caso do aspecto iterativo, TP é a forma mais favorecida quando o intervalo de tempo é mais curto.

Finalmente, quanto aos casos durativos, os resultados são semelhantes aos da primeira coluna, com exceção do fator "semanas" (intervalo de tempo mais curto), em que não houve casos de TP. Aqui, apesar da pouca quantidade total de ocorrências (apenas 07 - todos EG) pode ser que se indique o único caso em que a hipótese exemplificada em (39) se sustente: quando o aspecto a ser composto é o durativo, se o intervalo de tempo em que a sentença se faz verdadeira é curto ("semanas"), TP é a forma desfavorecida. Todavia, esta seria uma sustentação parcial da hipótese, já que o contrário não pode ser afirmado: TP não é favorecida quando o intervalo de tempo é mais longo (P.R.=0.366).

No item destinado ao cruzamento de grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos, verifica-se se como esses dados se distribuem nas diferentes faixas etárias. A realidade dos dados mostrou aqui que TP não tende a ser mais usado quando o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto verbal é mais longo, mas pode ser que os resultados sejam algo diferentes entre os falantes mais idosos, conforme prevê a hipótese da mudança em tempo aparente.

1.4. Tabulações cruzadas (variáveis lingüísticas X variáveis extralingüísticas)

Grande parte deste trabalho está dedicada à verificação de que EG e TP são formas lingüísticas empregadas variavelmente pelo falante de PB na composição dos aspectos durativo e iterativo, num envelope de variação definido basicamente pelo tempo verbal presente e pelo fato de que o momento da enunciação da sentença não deve estar obrigatória e unicamente incluído no intervalo de tempo que o aspecto engloba.

Nos itens 1.2 e 1.3 acima, dedicamo-nos especificamente à tentativa de desvendar que fatores de natureza extralingüística e lingüística regulam tal variação com maior relevância. Verificamos que a seleção de EG ou TP está bem proximamente correlacionada a alguns grupos de fatores: o aspecto propriamente dito, a presença e o tipo de adjuntos adverbiais na sentença, o fato de a sentença ser afirmativa ou negativa e a extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto. O grupo “número do sujeito” também se mostrou relevante nas rodadas em que se analisaram as ocorrências de iterativo separadamente.

No decorrer da busca pela elucidação da regra variável naqueles itens, no entanto, várias foram as circunstâncias em que se vislumbrou a possibilidade de que o complexo variável EG/TP esteja em processo de mudança. Nos termos da Sociolingüística Variacionista, isso significa dizer que a regra variável pode não se encontrar estável no decorrer do tempo: pode ser que determinados grupos de fatores sejam relevantes na regulação do emprego das variantes num determinado recorte do tempo, e não o sejam num recorte mais recente.

O *corpus* utilizado neste trabalho de pesquisa não é de natureza diacrônica, conforme já reiteramos. Por essa razão, evidentemente não se pode falar aqui em "recortes temporais" se se quer dar atenção à possibilidade da mudança no uso variável de EG e TP. Entretanto, felizmente podemos lançar mão do conceito de mudança em tempo aparente, cruzando os resultados obtidos para as faixas etárias dos informantes

com aqueles dos grupos de fatores mais relevantes, conforme mostra a tabela 5.19, na página seguinte.

Constatou-se anteriormente que, apesar da possibilidade do uso variável, TP tende a ser a forma mais empregada quando o aspecto é o iterativo. Na tabela a seguir, contudo, é possível ver que essa não é a realidade em todas as faixas etárias. Observe-se que TP é mais freqüente, quando o aspecto em questão é o iterativo, entre os falantes mais idosos; a freqüência cai progressivamente de acordo com a diminuição da faixa etária, sendo que entre os falantes mais jovens a freqüência de EG ultrapassa a de TP na expressão do iterativo.

Tabela 5.19 – Cruzamento dos grupos de fatores lingüísticos com a faixa etária dos informantes

		50 ou mais		35-40 anos		25-30 anos	
		N	%	N	%	N	%
[1] distribuição geral	TP	32	44	24	29	7	7
	EG	41	56	58	71	89	93
	Σ	73		82		96	
[2] iterativo	TP	23	92	19	59	3	33
	EG	2	8	13	41	6	67
	Σ	25		32		9	
[3] durativo	TP	5	13	3	7	3	5
	EG	33	87	39	93	58	95
	Σ	38		42		61	
[4] ambíguo	TP	4	40	2	25	1	4
	EG	6	60	6	75	25	96
	Σ	10		8		26	
[5] adjuntos quantificadores	TP	9	100	4	67	0	0
	EG	0	0	2	33	6	100
	Σ	9		6		6	
[6] adjuntos de duração	TP	5	45	4	24	1	5
	EG	6	55	13	76	18	95
	Σ	11		17		19	
[7] sem adjuntos	TP	18	34	16	27	6	8
	EG	35	66	43	73	65	92
	Σ	53		59		71	
[8] sentenças afirmativas	TP	27	41	21	27	7	8
	EG	39	59	56	73	81	92
	Σ	66		77		88	
[9] sentenças negativas	TP	5	71	3	60	0	0
	EG	2	29	2	40	8	100
	Σ	7		5			
[10] intervalo curto (semanas)	TP	11	73	6	43	3	38
	EG	4	27	8	57	5	63
	Σ	15		14		8	
[11] meses	TP	19	43	16	33	4	8
	EG	25	57	33	67	48	92
	Σ	44		49		52	
[12] intervalo mais longo (anos)	TP	2	14	2	11	0	0
	EG	12	86	17	89	36	100
	Σ	14		19			

Relativamente à composição do durativo, EG é a forma mais freqüente em todas as faixas etárias, mas a freqüência é ainda maior entre os falantes mais novos. Além disso, a freqüência de TP durativo também diminui em proporção direta à diminuição da faixa etária. Estes fatos constituem um caso clássico de mudança que pode ser identificado pelo construto “tempo aparente”. Este processo pode ser melhor visualizado nos gráficos a seguir:

Gráfico 5.1 - TP e EG na composição do iterativo, segundo a faixa etária do informante

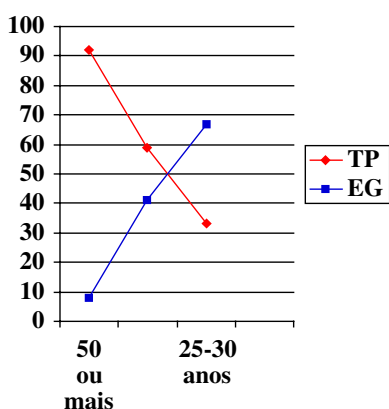
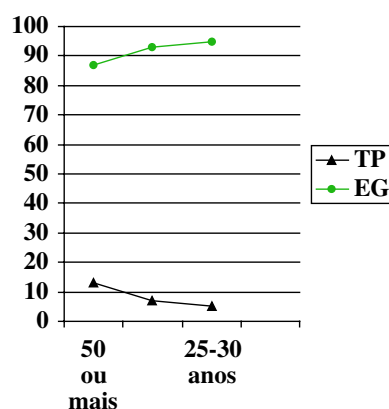


Gráfico 5.2 - TP e EG na composição do durativo, segundo a faixa etária do informante



Uma pesquisa diacrônica poderia, portanto, vir a constatar que EG vem se constituindo como a forma preferida na composição de ambos os aspectos, com o passar do tempo, no PB falado. Os gráficos das freqüências das formas em relação às faixas etárias apontam para esta direção. Isto não significa necessariamente que a forma TP desaparecerá da língua, mas pode significar que os usos desta forma vão continuar se tornando cada vez mais restritos. Se lembramos, por exemplo, que a composição do aspecto iterativo com verbos do tipo *achievement* bloqueia o emprego de EG na maioria dos casos (Cf. item 1.3.2), podemos aventar a hipótese de que este constitua um dos possíveis fatores que, no decorrer do tempo, esteja correlacionado à "permanência" de TP

no complexo variável. O emprego da expressão "no decorrer do tempo", contudo, só pode ser licenciado por uma pesquisa de caráter diacrônico, que evidentemente não é o caso desta cujos resultados são aqui apresentados.

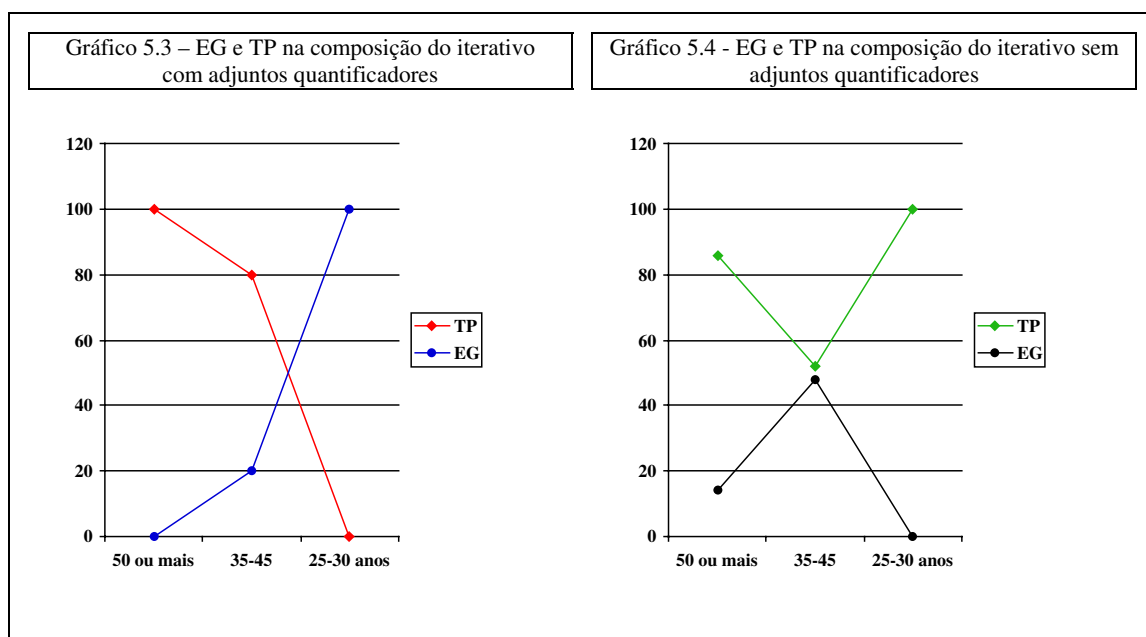
De fato, para se falar em mudança na Sociolinguística Variacionista, não há que se prever necessariamente substituição de uma forma por outra. Também constitui-se um caso de mudança quando a regra variável de emprego de formas sofre alterações. Seguindo a ordem dos grupos de fatores dispostos na tabela 5.19 acima, é interessante observar como os falantes de diferentes faixas etárias utilizam adjuntos adverbiais aspectualizadores na composição do durativo e do iterativo com TP e EG.

Há pouca quantidade de ocorrências de adjuntos adverbiais quantificadores na amostra paulistana (apenas 21 casos), o que dificulta o estabelecimento de afirmações categóricas, do modo como vimos repetindo insistentemente. Entretanto, a despeito dessa limitação quantitativa, parece bastante explanatório o fato de que os falantes mais idosos empregam adjuntos quantificadores com a forma TP em 100% dos casos, enquanto que os mais novos os empregam com EG, na mesma proporção. Este é certamente um resultado consistente com o fato de que EG é a forma mais freqüente entre os mais novos, mas não apenas isso: de acordo com o exposto no item 1.4.3, os adjuntos quantificadores constituem um fator que favorece o uso de TP na amostra como um todo. Ora, se os falantes mais novos têm um desempenho diferente - empregando tais adjuntos não com TP, mas com EG, temos mais um indicador de mudança em progresso.

Além disso, também constitui um fato importante o modo como as diferentes faixas etárias fazem a composição dos aspectos em sentenças sem quaisquer adjuntos adverbiais (linha 7 da tabela 5.19): também neste caso, a freqüência de EG aumenta, ao passo que a de TP diminui.

Entretanto, a tabela acima computa tanto os casos de iterativo quanto os de durativo. E, por outro lado, o gráfico 5.1 mostra que a indicação de mudança em progresso é drástica no caso da composição do iterativo (no gráfico 5.2, pode-se

considerar que a frequência de emprego de EG permanece aproximadamente constante, quando o aspecto a ser composto é o durativo, nas três faixas etárias). Justifica-se, portanto, observar o desempenho dos adjuntos adverbiais quando os casos de iterativo são isolados:



Nestes dois gráficos acima, são levadas em conta apenas as 66 ocorrências cujo aspecto verbal é o iterativo. No gráfico 5.3, observa-se o mesmo caráter de mudança em progresso no emprego de EG e TP, agora em correlação aos adjuntos quantificadores: se entre os falantes mais idosos, tais adjuntos são empregados com TP, entre os mais jovens eles só são empregados com EG. Dito de outro modo, estes tendem a fazer a composição do iterativo com a forma EG acompanhada de algum adjunto adverbial quantificador.

Distintamente, quando não se lança mão de qualquer adjunto adverbial quantificador, o gráfico 4 evidencia que falantes mais jovens se assemelham aos mais idosos: a forma TP é a mais frequentemente empregada na composição do iterativo. Neste sentido, temos outra indicação da referida "permanência" de TP na gramática do aspecto: sem os adjuntos adverbiais quantificadores, o avanço da forma EG na composição do iterativo é desacelerado. Em outras palavras ainda, pode ser o caso de

que, na diacronia, o aumento na frequência de uso de EG venha de mãos dadas com um aumento no emprego de adjuntos adverbiais quantificadores. Se esta hipótese vier a ser confirmada num trabalho de natureza diacrônica, ter-se-á um caso de mudança bastante interessante, no que se refere à composição do iterativo em PB: uma estrutura morfologicamente "mais simples" (TP) poderia estar dando lugar a uma estrutura morfologicamente "mais complexa" (EG mais adjuntos adverbiais quantificadores)¹⁵.

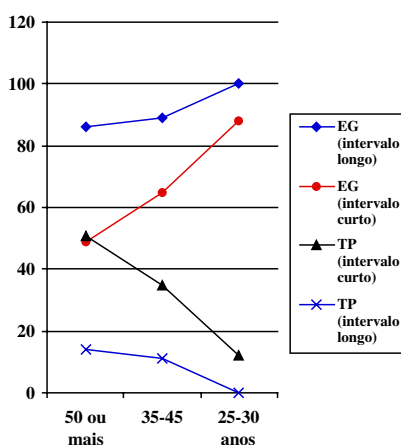
Passando para o grupo de fatores seguinte, na tabela 5.19, verifica-se uma diferença na correlação entre sentenças negativas e o emprego de TP nas diferentes faixas etárias. Na análise apresentada no item 1.3.6, apontou-se que o uso de TP é favorecido em sentenças negativas com um peso relativo igual a 0.724. Atentando para a linha [9] da tabela 5.19 acima, verifica-se que tal correlação não se sustenta entre os falantes mais jovens. Entre estes, EG é empregado quase que em 100% dos casos, de um modo geral (c.f. linha [1] da tabela); mas se a sentença é negativa, TP nem mesmo chega a ser empregado - o uso de EG é categórico na amostra. Mais uma vez, temos aqui uma indicação importante para um trabalho de natureza diacrônica: há que se verificar, com dados de diferentes épocas, se a correlação entre TP e sentenças negativas se estabelece em amostras mais antigas e deixa de ser estabelecida naquelas mais recentes.

Finalmente, o último grupo de fatores cujos dados foram cruzados com a faixa etária do falante é o da extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto verbal. No item 1.3.7, observou-se que o uso de TP é desfavorecido quando tal intervalo é definível na base de anos e quando o intervalo tem extensão longa mas indefinida (PR 0.269), e que é ligeiramente favorecido quando o intervalo é definível na base de semanas e de meses (PR's 0.572 e 0.599 respectivamente). Considerando que os dois primeiros fatores deste grupo (linhas [10] e [11] da tabela 5.29) podem ser amalgamados, dada a proximidade entre seus pesos relativos, temos uma distinção no emprego das perífrases

¹⁵ Evidentemente, a noção de "simplicidade" na análise das línguas naturais não é, ela própria, simples. O que aqui se está chamando de "estrutura mais simples" é aquela morfologicamente composta por um número menor de elementos lingüísticos. Sendo a noção de "simplicidade lingüística" tão relativa, é provável que uma estrutura como [EG + adjunto adverbial quantificador] possa ser considerada "menos complexa" do que [TP] de algum outro ponto de vista.

quando o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto é mais curto (semanas/meses) e quando este intervalo é mais longo:

Gráfico 5.5 - EG/TP vs. Idade (251 dados)

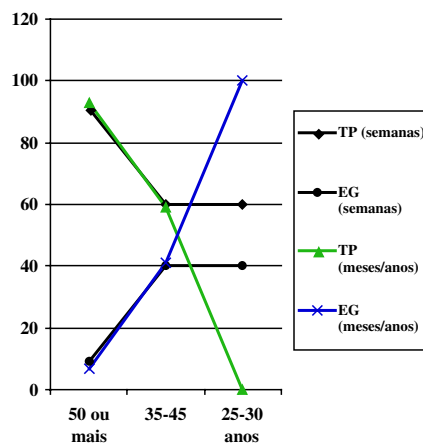


Quando o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto é curto, observa-se que a frequência de uso de EG aumenta entre os falantes mais novos, enquanto a frequência de TP diminui. O mesmo ocorre quando o intervalo de tempo é mais longo, entretanto numa proporção claramente menor (linhas azuis).

Essa relação entre o emprego das variantes de acordo com a extensão do

intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto e a faixa etária do falante, todavia, traz resultados de uma análise em que todas as ocorrências da amostra foram computadas - ou seja, tanto os casos de iterativo quanto os

Gráfico 5.6 - EG/TP vs. Idade (66 dados/iterativo)



casos de durativo. De acordo com a análise deste grupo de fatores, no item 1.3.7, as tendências de emprego de EG e TP não são as mesmas, relativamente à extensão do intervalo de tempo, quando são computadas apenas as ocorrências de iterativo. Neste caso em específico, TP é a forma favorecida quando o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto é definível na base de semanas (PR 0.709). Distintamente daquilo que se observa na análise de iterativos e durativos em conjunto, quando o intervalo de tempo é definível na base de meses ou de anos, o emprego de TP é notavelmente desfavorecido quando são computados apenas as ocorrências de iterativo (PR's 0.435 e 0.111 respectivamente).

Por essa razão, de natureza quantitativa, também distintamente do que se fez na análise representada pelo gráfico 5.5, aqui foram amalgamados os casos cuja extensão do intervalo de tempo é dada em termos de meses e de anos. O gráfico 5.6 permite, dessa maneira, constatar dois fatos importantes:

- quando o intervalo de tempo em que o aspecto verbal se define é mais curto (da ordem de semanas), a regra permanece a mesma para os falantes mais jovens e para aqueles integrantes da faixa etária intermediária: TP é mais freqüentemente empregado para a composição do aspecto iterativo;
- quanto tal intervalo de tempo é mais longo (da ordem de meses ou de anos), constitui-se o tipo de gráfico que indica mudança em progresso: a freqüência de uso da forma TP diminui, enquanto a de EG aumenta, dos falantes mais idosos para os falantes mais jovens.

Talvez a única limitação desses resultados - e há que se lembrar isso sempre que for o caso, apesar do caráter repetitivo que se pode instaurar - reside na quantidade de dados. A amostra do NURC/SP utilizada permitiu a seleção de 251 ocorrências, dentre os quais apenas 66 são de iterativo. Não se pode desconsiderar a possibilidade de que um *corpus* maior, mas com as mesmas características extralingüísticas daquele de que se dispõe aqui, conduza a resultados distintos. Entretanto, um conjunto de 251 ocorrências parece suficientemente confiável na observação do fato de que TP é menos freqüente entre os mais jovens. E, sendo assim, se mesmo os mais jovens, cuja tendência de empregar TP é tão baixa, chegam a empregar tal forma numa taxa considerável (60% dos casos) quando o intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto é curto, parece bastante razoável considerar este último como mais um fator que explica a permanência de TP no complexo variável, ao mesmo tempo que representa uma espécie de freio no aumento da freqüência de uso de EG, inegável entre falantes mais jovens.

Outros dois grupos de fatores importantes na composição do aspecto em PB - o sujeito e os complementos verbais - não foram incluídos na tabela 5.19 porque não foram selecionados como relevantes nas rodadas em que se lidou com todas as ocorrências das amostras. Entretanto, estes grupos de fatores foram selecionados na análise da variação

entre TP e EG na composição do aspecto iterativo em particular (c.f. itens 1.3.4 e 1.3.5), e por isso merecem ser analisados em cruzamento com a faixa etária dos informantes.

No intuito de facilitar a leitura dos gráficos 5.7 e 5.8 abaixo, transcrevem-se os pesos relativos para os fatores destas duas variáveis, de tabelas anteriormente apresentadas para a tabela 5.20 abaixo.

Tabela 5.20 - Pesos relativos para TP e EG em relação ao número do sujeito e do complemento verbais

	Sujeito		Complemento		
	Singular	Quantificado	Singular	Quantificado	Sem Comp
ter + participio	0.730	0.135	0.287	0.510	0.793
estar + gerúndio	0.270	0.865	0.713	0.490	0.207

Gráfico 5.7 - EG/TP vs. Sujeito vs. Idade

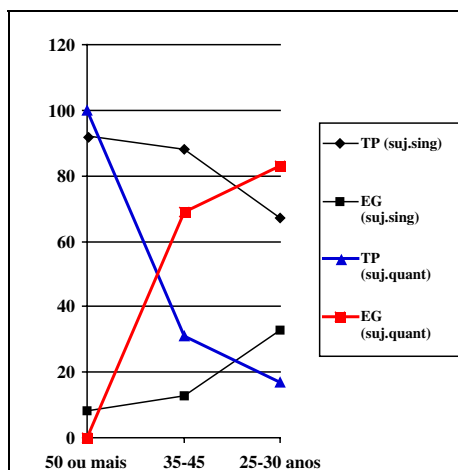
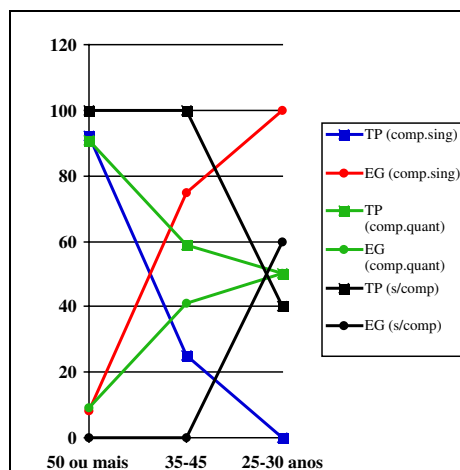


Gráfico 5.8 - EG/TP vs. Complemento vs. Idade



Os gráficos confirmam que a frequência de EG aumenta e a de TP diminui, dos mais idosos para os mais jovens, em todos os casos: qualquer que seja o número do sujeito, e qualquer que seja o número do complemento. Entretanto, no grupo de fatores do sujeito, há maior polarização no uso das formas quando o sujeito é plural ou quando remete a um conjunto plural de indivíduos, ainda que a morfologia seja de singular (Cf. item 1.3.4). Não apenas os falantes mais jovens e mais velhos empregam EG e TP distintamente, em relação ao sujeito plural, mas também a polaridade das formas é

praticamente invertida: quando os mais velhos empregam TP, os mais jovens empregam EG.

Algo semelhante ocorre no caso da correlação entre o emprego das formas perifrásticas e o complemento ou argumento interno, nas diferentes faixas etárias. Quando se trata de verbos intransitivos - sem complementos - os falantes mais novos se distinguem bastante daqueles da faixa intermediária e dos mais idosos, que apresentam a mesma frequência de emprego de EG e TP. Neste caso, contudo, há praticamente um equilíbrio na frequência de emprego das perífrases entre os falantes mais jovens.

É no caso dos complementos singulares que se observam curvas típicas de mudança em progresso: a frequência de emprego de TP diminui à medida que a de EG aumenta. Esta distribuição dos dados pelas faixas etárias permite relativizar o quadro dos pesos relativos (5.20): sujeitos singulares favorecem o emprego de EG na composição do iterativo, mas é graças aos falantes mais novos; como fica claro no gráfico 5.8, os falantes mais idosos tendem, contrariamente, a não empregar EG quando o sujeito é singular, na composição deste aspecto.

Num rápido balanço de todos esses resultados de cruzamentos de grupos de fatores lingüísticos com a faixa etária do falante, pode-se então afirmar - apesar das ressalvas que a pouca quantidade de ocorrências acarreta em alguns casos - que a variação entre EG e TP apresenta diferenças notáveis entre falantes mais velhos e falantes mais novos, apontando para um progressivo aumento na frequência de uso de EG, concomitantemente a um progressivo aumento nas restrições ao emprego de TP. Como já se reiterou anteriormente, é num trabalho de natureza diacrônica que essas indicações poderão ser confirmadas, ou não. Neste trabalho, cuja natureza é sincrônica, tais diferenças são retomadas no capítulo conclusivo, juntamente com os resultados da análise quantitativa desenvolvida nos itens anteriores.

1.5. O aspecto como variável dependente.

Nos itens 1.2 a 1.4, para verificar o peso de variáveis extralingüísticas e lingüísticas na seleção de EG e TP, é óbvio que a variável dependente é constituída pelas duas perífrases, cada uma delas reconhecida como forma variante. Neste item, vamos apresentar uma análise quantitativa que coloca na posição da variável dependente não as "formas", mas a noção semântica do aspecto verbal.

Já apontamos anteriormente que tal análise certamente não é convencional. De fato, quando se aborda uma variável quantitativamente nas pesquisas de Sociolingüística Variacionista, as perguntas que se colocam relativamente à frequência ou à tendência de uso de uma variante em correlação aos chamados fatores têm a seguinte formulação geral: se as formas F1 e F2 compõem uma variável, quão freqüente é cada uma delas na presença dos fatores f_1 , f_2 , f_n ? Lembrando que a frequência de uso se traduz em porcentagens e que a análise quantitativa com a ferramenta que aqui utilizamos permite também a verificação dos pesos relativos, pode-se ainda ir além da pergunta anterior: dentre as formas variantes F1 e F2, qual delas tende a ter seu emprego favorecido na presença dos fatores f_1 e f_2 ?

Neste item, tais perguntas vão ser ligeiramente adaptadas, a partir da inversão dos papéis "variantes vs. fatores de um grupo". Aqui, enquanto os aspectos iterativo e durativo desempenham o papel - experimental - de variantes, às perífrases EG e TP serão atribuídos os papéis de fatores. Dito de outro modo, EG e TP constituem aqui uma variável independente.

A não-convencionalidade de tal análise se denuncia, por exemplo, na inadequação de uma pergunta do seguinte tipo: se durativo e iterativo são variantes, qual deles tem seu "uso" favorecido diante dos fatores "sujeito singular" e "sujeito plural"? Não soa

apropriado nem mesmo o emprego do termo "uso", já que iterativo e durativo não são "formas" disponíveis na gramática, para o emprego por parte do falante. Por outro lado, enquanto noções, iterativo e durativo não são semanticamente equivalentes, e conseqüentemente não são intercambiáveis no uso lingüístico - essas que são as condições básicas que definem as variantes de uma variável.

Neste sentido, a intenção aqui é a de utilizar a ferramenta para a análise da regra variável e verificar, quantitativamente, que fatores estão mais intimamente relacionados à expressão do iterativo e do durativo. Na correlação entre grupos de fatores, de um lado, e esta variável dependente experimental (durativo vs. iterativo), de outro, a pergunta básica não vai na direção do favorecimento da expressão de uma ou outra noção aspectual por parte de um ou outro fator. Distintamente, o que se quer verificar é que fatores - sobretudo de natureza lingüística¹⁶ - são mais relevantemente correlacionados à expressão de cada uma das noções aspectuais. Pode-se postular, de fato, que numa análise em que iterativo e durativo são colocados na posição da variável dependente, é possível constatar quantitativamente quais elementos lingüísticos desempenham papel mais importante na composição deles.

Para simplificar tal análise, desconsideraram-se as sentenças classificadas como ambíguas. Do contrário, teríamos uma variável terciária, cujas variantes seriam "durativo", "iterativo" e "ambíguo", e cuja análise pelo Goldvarb seria pouco prática e direta, em termos mesmo da utilização da ferramenta. Portanto, do modo como está feito aqui, a variável continua sendo binária. Os resultados são apresentados a seguir.

¹⁶ Ora, se o iterativo e o durativo são aspectos distintos e característicos da gramática do PB, é esperado que grupos de fatores como "faixa etária do informante" e "sexo/gênero" não sejam selecionados pelo Goldvarb como relevantes, considerando que os falantes mais jovens das entrevistas aqui utilizadas têm 25 anos. Seria no mínimo curioso, por exemplo, se falantes mais idosos tendessem a expressar mais comumente o iterativo do que falantes mais novos. O nível de escolaridade, por outro lado, talvez possa constituir um grupo de fatores de natureza extralingüística correlacionado à expressão dos aspectos (hipoteticamente, pode ser o caso que o iterativo seja mais comum na fala dos mais escolarizados, se estiver correta a consideração de que TP é uma forma mais comum entre aqueles do que entre falantes com pouca ou nenhuma escolaridade). Entretanto, isso não poderá ser verificado aqui, pois a análise do aspecto como variável dependente é desenvolvida apenas para as entrevistas paulistanas, cujos informantes são todos universitários.

Tabela 5.21 - Iterativo e Durativo na posição de variável dependente

		ITERATIVO 66 ocorrências			DURATIVO 141 ocorrências		TOTAL 207	
		%	N	P.R.	%	N	%	N
Perífrase	ter + particípio	80	45	0.915	20	11	27	56
	estar + gerúndio	14	21	0.282	86	130	73	151
tipo semântico do verbo principal	estado	14	9	0.332	86	54	30	63
	atividade	24	15	0.417	76	48	30	63
	<i>accomplishment</i>	51	22	0.610	49	21	21	43
	<i>achievement</i>	53	20	0.770	47	18	18	38
adjuntos adverbiais	de duração	33	13	0.641	67	26	19	39
	quantificadores	94	16	0.982	6	1	8	17
	sem adjuntos	25	37	0.354	75	114	73	151
complemento verbal	singular	22	22	0.350	78	76	47	98
	quantificado	65	30	0.855	35	16	22	46
	sem complemento	22	14	0.418	78	49	30	63
intervalo de tempo ao longo do qual se dá o evento	curto (semanas)	79	26	0.948	21	7	16	33
	meses	27	22	0.330	73	88	58	121
	mais longo (anos)	13	7	0.382	87	46	26	53
sujeito verbal	singular	32	43	0.398	68	90	64	133
	quantificado	31	23	0.578	69	51	36	74
Sentença	afirmativa	31	59	0.495	69	129	91	188
	negativa	37	7	0.605	63	12	9	19

Todos os grupos de fatores cujos pesos relativos estão em negrito foram selecionados como relevantes pelo Goldvarb, numa rodada do tipo *step up & down* (input = 0.220). Os dois últimos grupos de fatores na lista acima não o foram, e os pesos relativos aí indicados foram obtidos numa rodada do tipo *one-level* (input = 0.185).

O primeiro detalhe que chama a atenção neste conjunto de resultados é o fato de que alguns grupos de fatores, nunca selecionados pelo Goldvarb como relevantes, nas rodadas *step up & down* (mais acurada que *one-level*) em que EG e TP estavam em sua

posição natural de variantes, aqui aparecem como relevantes. Tais grupos de fatores são justamente "o tipo semântico do verbo principal" e "o número do complemento verbal". Nos itens anteriores, todos os pesos relativos para os fatores de tais grupos foram obtidos em rodadas *one-level*. Evidentemente, isto não invalida os resultados, mas é verdade que os grupos de fatores são considerados especialmente explanatórios quando aparecem na lista de selecionados nas melhores rodadas *up & down*.

De acordo com os resultados acima, e seguindo a ordem dos grupos de fatores de cima para baixo, pode-se dizer que na composição do iterativo têm papel fundamental: a perífrase TP (PR 0.915), os verbos *achievement* (PR 0.770), os adjuntos adverbiais quantificadores (PR 0.982), os complementos verbais quantificados (PR 0.885), e intervalos curtos (PR 0.948). Há que se fazer uma ressalva, contudo, a respeito do tipo semântico do verbo principal e do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto: nestes casos, não se pode dizer que os outros tipos de verbos "não entram" na composição do aspecto iterativo; tampouco se poderia afirmar que não se pode compor o iterativo em intervalos de tempo que não sejam curtos.

Na verdade, como o peso relativo para TP na expressão do iterativo é 0.915, os resultados para tipo semântico do verbo principal confirmam o da análise anterior, em que se verificou que a expressão do iterativo a partir de verbos *accomplishment* tende a ser feita com TP. Algo parecido pode ser afirmado acerca da extensão do intervalo de tempo circunscrito pelo aspecto: há uma forte correlação entre expressão do iterativo com TP e intervalos de tempo de extensão mais curta. De maneira geral, no que concerne à composição do iterativo, o fato de que todos esses grupos de fatores tenham sido selecionados é mais interessante que cada um dos pesos relativos em si.

Quanto aos dois últimos grupos de fatores na tabela acima, apesar de o número do sujeito não ter aparecido entre aqueles selecionados pelo Goldvarb, os resultados da rodada *one-level* confirmam a correlação já anteriormente atestada em números entre a composição do iterativo e sujeitos que têm como referente semântico um conjunto plural de indivíduos.

Finalmente, no que diz respeito ao fato de a sentença ser afirmativa ou negativa, esperava-se mesmo que tal grupo de fatores não fosse selecionado pelo Goldvarb: se de um lado é interessante que exista uma correlação entre sentenças negativas e o emprego de TP na composição do iterativo, seria leviano afirmar que sentenças negativas "favorecem" a expressão do iterativo. Sabemos que isso não é um fato da gramática do PB, e afirmar o contrário faz parte do elenco de ressalvas que devem ser estabelecidas numa análise experimental como esta, em que noções semânticas - e não formas lingüísticas - são colocadas na posição da variável dependente.

2. A variedade carioca

Diferentemente daquilo que se fez com os dados paulistanos, não é metodologicamente adequado colocar todas as ocorrências das duas amostras cariocas de que dispomos num único conjunto para análise. Os 15 informantes gravados no início dos anos 80 e recontactados no ano 2000 não constituem uma amostra representativa da comunidade carioca. Conforme já apontamos anteriormente, seguindo Paiva & Duarte 2003, estas amostras não se encontram devidamente estratificadas: não há um mesmo número de homens e mulheres; não há um mesmo número de indivíduos nos diferentes níveis de escolaridade.

Por essas razões, não vamos fazer uma análise de *tendências* com os dados de EG e TP que isolamos nas entrevistas cariocas, pois os resultados seriam de pouca confiabilidade estatística. Podemos, contudo, verificar de que modo cada um dos falantes emprega as duas variantes nos dois momentos (análise de painel), separados pelo intervalo médio de 18 anos. Além disso, nos casos em que for possível, podemos nos valer das conclusões a que chegamos a respeito da variedade paulistana para encaminhar respostas acerca da variação observada na fala dos informantes cariocas.

Apenas para efeito de breve comparação, no nível da distribuição mais geral dos dados, apresentamos a tabela a seguir:

Tabela 5.22 - Distribuição de EG e TP nas amostras			
	NURC SP 20 entrevistas	Rio 80 15 entrevistas	Rio 00 15 entrevistas
ter + participio	25% (63)	7% (7)	7% (13)
estar + gerúndio	75% (188)	93% (114)	93% (165)
Total	251	121	178

Apesar das diferenças na constituição das amostras cariocas em relação à paulistana, conforme retomamos acima, o número de entrevistas em si não é muito diferente. Neste sentido, podemos dizer que a diferença entre as frequências de TP nas amostras Rio 80 e Rio 00 (7%) e aquela da amostra de São Paulo (25%) é bastante grande. No geral, portanto, EG é ainda mais frequente do que TP nas amostras cariocas.

Com uma quantidade de dados tão reduzida, pode-se dizer de antemão que mesmo uma análise do tipo painel é quantitativamente limitada, pois o emprego de EG aproxima-se do categórico, e é de esperar que alguns informantes não utilizem TP em nenhuma das amostras. De fato, é esta mesma limitação que impede que seja desenvolvido aqui um trabalho semelhante ao de Naro e Scherre 2003, por exemplo, em que os mesmos falantes destas amostras são analisados quanto à concordância de número verbal e nominal, e no qual se demonstra como há padrões de variação entre certos grupos de falantes.

Na tabela a seguir, os falantes estão dispostos dos mais idosos para os mais jovens, e os seis últimos da lista são aqueles que mudaram de nível de escolaridade no espaço médio de 18 anos que separam as coletas das amostras.

É notável que 7 informantes nunca empregam TP, independentemente da amostra - linhas 5, 6, 10, 12, 13, 14 e 15. Cinco desses informantes estão entre os mais jovens, cujo nível de escolaridade mudou de uma amostra para a outra. Esta observação já se

revela curiosa, pois pode demonstrar que do aumento do nível de escolaridade não decorreu um aumento na taxa de emprego da forma TP.

Tabela 5.23- EG e TP na fala dos informantes das amostras cariocas

	Rio 80						Rio 00					
	Idade e nível de escolaridade		TP		EG		Idade e nível de escolaridade		TP		EG	
			%		N	%			N	%	N	%
1. Ago	60	fundamental 1	1	25	3	75	77	fundamental 1	1	13	7	88
2. Joss	59	fundamental 1	0	0	9	100	75	fundamental 1	1	8	11	92
3. Nad	57	fundamental 2	0	0	9	100	74	fundamental 2	2	33	4	67
4. Jan	56	fundamental 1	4	50	4	50	74	fundamental 1	0	0	5	100
5. MGI	52	ensino médio	0	0	5	100	70	ensino médio	0	0	5	100
6. Eve	42	ensino médio	0	0	8	100	59	ensino médio	0	0	8	100
7. Dav	31	ensino médio	0	0	12	100	48	ensino médio	1	5	18	95
8. Lei	25	fundamental 1	2	29	5	71	43	fundamental 1	2	22	7	78
9. Jup	18	fundamental 1	0	0	9	100	35	fundamental 1	1	5	18	95
10. Leo	18	ensino médio	0	0	10	100	36	universitário	0	0	10	100
11. San	15	ensino médio	0	0	5	100	33	universitário	5	20	20	80
12. Fat	15	ensino médio	0	0	8	100	33	magistério	0	0	10	100
13. ADR	12	fundamental 1	0	0	3	100	28	fundamental 2	0	0	12	100
14. AdL	10	fundamental 2	0	0	2	100	26	universitário	0	0	6	100
15. Eri	9	fundamental 1	0	0	7	100	25	ensino médio	0	0	24	100
			7		114				13		165	
	121					178						

A única exceção no grupo de falantes mais jovens é representada por San (linha 11), que não empregou TP na entrevista gravada em 1981, quando estava no nível do ensino médio, mas o emprega em 20% dos casos na entrevista gravada em 1999, quando havia atingido o nível universitário. Entretanto, além do fato de que o número de ocorrências de cada uma das formas é pequeno para todos os falantes, deve-se lembrar que o informante Leo (linha 10) equipara-se a San no que diz respeito à mudança no nível

de escolaridade (do ensino médio para o universitário), mas apresenta resultados bastante distintos: Leo não passa a empregar TP na amostra Rio 00.

Desse modo, a distinção de resultados entre dois falantes semelhantes, do modo como apresentado acima, impossibilita afirmar que o aumento no nível de escolaridade está correlacionado ao emprego da forma TP. Juntando isso ao fato de que quase todos os informantes mais jovens e mais escolarizados continuam não empregando TP na segunda amostra, deve-se antes desconfiar de tal correlação, dentro daquela comunidade, interpretando os resultados de San como um caso isolado.

Tomando apenas os oito informantes que empregaram TP em pelo menos uma das amostras, obtêm-se os seguintes pesos relativos:

Tabela 5.24 - Contribuição do falante e da amostra à ocorrência de TP

Falante	Rio 80	Rio 00
Ago	0.77	0.49
Joss	0	0.53
Nad	0	0.77
Jan	0.90	0
Dav	0	0.27
Lei	0.43	0.49
Jup	0	0.29
San	0	0.63

Observando esta e a tabela anterior em conjunto, vemos que as incongruências continuam: dois dos falantes mais idosos (Ago e Jan) apresentam diminuição na tendência ao emprego de TP de Rio 80 para Rio 00. Por outro lado, a maioria dos falantes mais idosos apresenta um leve aumento nessa tendência, com exceção de Nad, cujo peso relativo salta de 0 para 0.77. É claro, contudo, que o próprio termo “aumento” deve ser relativizado, pois os pesos na coluna Rio 00 não podem ser interpretados como “tais falantes passaram a utilizar TP de uma amostra para a outra” – tais pesos relativos não são representados por mais do que duas ocorrências (Cf. linhas 2, 3, 7 e 9 da tabela 5.23). Destaca-se ainda, além de tudo isso, o falante Lei, cujo peso relativo permaneceu praticamente inalterado nas duas amostras.

Em suma, dadas as pouquíssimas ocorrências de TP no *corpus* carioca, e dadas as diferenças quantitativas apresentadas entre falantes de um mesmo "grupo" - seja do ponto de vista de sua idade, seja do ponto de vista de seu nível de escolaridade - talvez apenas um exame qualitativo das próprias ocorrências de TP permita encaminhar uma resposta para a questão: por quê o uso de EG não é categórico? Formulando a questão de outro

modo: a que estariam correlacionadas estas poucas ocorrências de TP, num *corpus* em que a forma EG representa mais de 90% dos casos?

Em primeiro lugar, há que se dar atenção ao fato de que as ocorrências de TP nessas amostras constituem casos de composição do iterativo em sua maioria: são 4 dentre os 7 casos que são selecionados em Rio 80, e 10 dentre os 13 casos em Rio 00. Isso significa que, embora EG seja a forma preferida tanto na composição do durativo quando do iterativo, o uso de TP está mais fortemente correlacionado à composição do iterativo. Esta observação é coerente com os resultados para a amostra paulistana, em que a frequência de TP é sensivelmente maior.

As ocorrências de TP durativo são, portanto, ainda mais raras no *corpus* carioca: são apenas 3 casos em cada uma das amostras. Dentre estas seis ocorrências, três foram encontradas na fala de um mesmo informante, e elas correspondem a sentenças negativas. Em conformidade com os resultados anteriormente apresentados, pode-se detectar um indício de correlação entre o uso de TP em sentenças negativas, por parte daquele informante.

(43) Rio 80 - Lei

E - E a sua irmã e a menina dela, já andaram de metrô?

F - Não sei, porque há muito tempo que eu não tenho tido contato com ela. (...) Eu não sei se ela já andou.

(44) Rio 80 - Lei

Qual é a novela? Eu não tenho tido tempo de ver, sabe?

(45) Rio 80 - Jan

Essa futura nora que esteve aqui há quinze dias, chegou aqui ficou maluca com o sol, né? "mas que beleza". Andava só sentindo calor, né? E olha que **tem feito** um friozinho mais ou menos aqui.

(46) Rio 00 - Joss

A prefeitura **tem feito** mais ou menos pela população daqui...

(47) Rio 00 - Lei

Eu não tenho acompanhado e gostaria de saber como está a novela.

(48) Rio 00 - San

Eu até tinha comentado inclusive da outra vez, essa questão de segurança **tem virado** uma paranoia minha

Quanto aos casos de TP iterativo, em Rio 80 todos as quatro ocorrências provêm de um mesmo informante (Jan), conforme atesta a tabela 5.23 acima. Em todas elas, o

verbo principal é do tipo *accomplishment* que, como vimos anteriormente, representa um dos tipos de verbo que mais tende a ser usado com TP na composição do iterativo (Cf. item 1.3.2, pp.127-131).

(49) Rio 80 - Jan

Mas não me entrego não para qualquer um desses garotos aí- em tudo, em todos os pontos de vista. se eu precisar brincar um carnaval a noite toda, eu brinco um carnaval a noite toda e não fico cansado. no dia seguinte, eu volto para o trabalho (...) trabalho o dia inteiro (...) **tem acontecido** isso.

(50) Rio 80 - Jan

Olha, o peixe daqui é tão bom, é tão fresquinho, que a gente come ele de qualquer maneira. inclusive às vezes, eu compro até peixe ainda vivo! Eu lá **tenho posto** o peixe dentro do freezer, dentro da geladeira ainda vivo

(51) Rio 80 - Jan

E : voltando o problema da poluição, você acha que houve - você vende peixes, não é? você acha que houve diferença no peixe, alguma espécie está menor, aparece menos, outras não? - como é que está isso?

F : Não, isso até é que eu não **tenho notado** não. Eu **tenho notado** mais escassez de peixe. Não há mais fatura de peixe como existia antigamente.

Finalmente, tomando as dez sentenças de Rio 00 em que o aspecto é iterativo e é composto com TP, resulta bastante elucidativo que o tipo de verbo mais recorrente também é o *accomplishment*. Além disso, três dessas sentenças são negativas, o que reitera a correlação entre a negação e o emprego de TP - pois três ocorrências são quantitativamente representativas, num conjunto de 10 dados.

(52) Rio 00 - Nad

(...) eu não **tenho visto** o João porque não dá tempo, é muito tarde (...) A senhora **tem visto** o João?

(53) Rio 00 - Jup

Que eu não vou muito com a minha madrastra não, aí eu não vou na casa dele não. Mas ele ficou ruim à beça, mas agora deve está bem que ele não **tem ligado** lá pra perto da minha casa (...), que qualquer coisa eles mandam me chamá né?

(54) Rio 00 - Dav

F: É porque ela depois que ela foi pra política ela caiu muito, eu não achei que... agora perdeu a graça porque metia o malho naquele pessoal todo, depois se juntou a eles. (...)

E: E agora o programa dela hoje em dia fala de quê?

F: Olha, quase não **tenho escutado**.

(55) Rio 00 - San

(...) é tudo uma grande confusão, então eu tô extremamente irritada, eu num tenho, eu **tenho lido** muito só as manchetes (...) a fala corrente é que acaba em pizza, né?

(56) Rio 00 - San

E: Então pra você, se você tiver... que viajar, fazer o que for, mas procurando sempre ser objetivo, você vai, né?

F: Eu **tenho conseguido**. Eu **tenho agido** assim

(57) Rio 00 - San

Então o que eu **tenho visto**, que tanto lá quanto aqui, em Singapura, no Japão, no Brasil, na Colômbia ou na França, é você botá o bloco na rua, como a gente costuma falar aqui no Brasil

(58) Rio 00 - Lei

E: Você gost a de jogar ? (...)

F: Olha, ultimamente eu **tenho ido** muito a bingo.

(59) Rio 00 - Ago

São boas as medidas que ele **tem tomado**

Levando em conta todos esses passos na análise do uso de TP pelos falantes das amostras cariocas, parece razoável concluir que os fatores de natureza lingüísticos mais recorrentes são o tipo semântico do verbo principal (*accomplishments* e *achievements*) e as sentenças negativas. Evidentemente, afirmar isso não significa dizer que não se emprega a forma EG, no conjunto de dados cariocas, quando o verbo principal é do tipo *accomplishment*, ou quando a sentença é negativa - EG é a forma mais freqüente, e certamente há exemplos de seu uso na presença desses fatores. Com tal conclusão atestamos que, num universo de dados em que EG representa aproximadamente 95% dos casos, o emprego de TP está atrelado àqueles fatores.

Por fim, não deixa de ser valioso, para a confirmação da hipótese da mudança em curso vista em tempo aparente, o fato de que entre aqueles que nunca empregam TP a maioria é representada por falantes mais jovens, a despeito do aumento de seu nível de escolaridade. Esse é um indício forte de que a regra variável aponta cada vez mais na direção do emprego de EG.

CONCLUSÃO

O fio condutor de todo este trabalho é a variabilidade nos usos de *estar + gerúndio* e *ter + particípio* na expressão dos aspectos durativo e iterativo. Conforme vimos reiterando desde a Introdução, este caso de variação lingüística constitui ao mesmo tempo o ponto de partida da pesquisa e uma instância de seu ponto de chegada: todos os dados que apresentamos - nunca deixando de levar em conta a definição do contexto variável - constituem evidências de que as duas formas perifrásticas são funcionalmente equivalentes, quando o aspecto verbal a ser composto na sentença é caracterizado pela extensão de um evento ou de um estado de coisas do passado até o presente.

No capítulo 3, as evidências exploradas foram de natureza diacrônica - se, por um lado, aquelas formas perifrásticas são bastante distintas na sua gênese, por outro, elas passaram a ser empregadas de modo cada vez mais semelhante com o passar do tempo. Aquilo que denominamos por “semelhança” nos usos de *estar + gerúndio* e *ter + particípio* - característica notável sobretudo nos textos da passagem do século XVIII para o XIX - cede lugar ao termo “equivalência funcional”, conforme deve ter deixado claro a análise qualitativa dos dados sincrônicos apresentada no capítulo 4.

Na seqüência da apresentação da análise, o capítulo 5 não apenas corrobora a tese da variação, mas também demonstra que *estar + gerúndio* vem se tornando a forma preferida nos contextos em que a alternância com *ter + particípio* é possível. Focalizando esta última - do mesmo modo como fizemos na análise quantitativa, apresentando os pesos relativos com que os fatores dos diferentes grupos atuam na sua seleção - dizemos que o emprego de *ter + particípio* vem se restringindo, social e lingüisticamente.

Em termos sociais, constatamos que a faixa etária do informante é a variável mais relevante. Na variedade paulistana, a freqüência de emprego de *ter + particípio* cai significativamente entre os mais jovens, ou seja, seu uso está se tornando progressivamente mais restrito de acordo com a idade do falante: é menos provável detectar a forma na fala dos mais jovens, ao passo que é mais provável detectá-la na dos

mais idosos. De acordo com o que vimos anteriormente, este fato configura mudança em progresso, segundo o construto do tempo aparente. Na variedade carioca, a pouca variação observada (o emprego de *estar* + *gerúndio* se aproxima do categórico entre os falantes que foram gravados) não impediu verificar a correlação entre a idade do informante e as variantes: as raras ocorrências de *ter* + *particípio* apareceram, em sua grande maioria, justamente na fala dos mais idosos.

Quanto aos grupos de fatores lingüísticos, nossa análise demonstrou que vários são explanatórios. Em primeiro lugar, confirmamos quantitativamente a asserção de outros autores: *ter* + *particípio* é mais freqüente na composição do iterativo. Entretanto, vamos além dessa confirmação, ao cruzar as variáveis “aspecto” (iterativo/durativo) e “faixa etária”. Com tal cruzamento, descobrimos que mesmo naqueles casos em que *ter* + *particípio* tende a ser preferido - composição do aspecto iterativo -, *estar* + *gerúndio* é a forma mais freqüente entre os mais jovens. Em outras palavras, a correlação “aspecto iterativo / *ter* + *particípio*” vem deixando de se manifestar, com o progressivo aumento da freqüência de uso da outra forma na composição desse aspecto.

Assim sendo, nossa conclusão pode retomar mais enfaticamente os casos de iterativo, já que este é o aspecto cuja expressão conta com uma freqüência mais significativa de *ter* + *particípio*. Ora, se o uso dessa forma é mais provável quando se trata daquele aspecto, nossa análise demonstrou que outros fatores lingüísticos “inibem” seu emprego: adjuntos adverbiais quantificadores e sujeitos verbais cujo referente é um conjunto plural de indivíduos mostraram favorecimento ao uso de *estar* + *gerúndio*. Em outras palavras, se a expressão do iterativo aponta, em geral, para a seleção de *ter* + *particípio*, a presença de quantificadores na sentença abre caminho para *estar* + *gerúndio*, funcionando conseqüentemente como restrições lingüísticas ao emprego da outra forma. Mais uma vez, também quando cruzamos essas variáveis com a faixa etária, observamos que essas restrições aumentam entre os mais jovens: *ter* + *particípio* é ainda menos freqüente na sua fala, na presença daqueles fatores.

Especificamente no que diz respeito à correlação entre a presença de quantificadores na sentença e o aumento no uso de *estar + gerúndio*, na composição do aspecto iterativo, permanece o questionamento diante dos argumentos internos dos verbos transitivos. Como vimos no capítulo 5, tanto na análise da variável “número do complemento verbal”, quanto no seu cruzamento com a “faixa etária”, não observamos correlação entre *estar + gerúndio* e complementos plurais, do mesmo modo como a constatamos no caso dos sujeitos plurais e adjuntos quantificadores, conforme acabamos de retomar. Isso não configura um “problema” para a nossa análise em si, uma vez que este fato não contraria nossa hipótese de que *estar + gerúndio* vem se tornando mais freqüente que *ter + particípio*, mas traz mais dados para a discussão teórica acerca da quantificação aspectual em português.

Finalmente, guardadas as ressalvas que fizemos acerca da comparação entre a amostra paulistana que utilizamos e as duas amostras cariocas, podemos dizer que a análise dos casos de *ter + particípio* em Rio 80 e Rio 00 mostra que o processo de restrição de seu uso parece mesmo estar avançando. Diante da altíssima freqüência de *estar + gerúndio* na fala dos informantes cariocas das duas amostras, é possível que estejamos nos aproximando de um emprego estilístico de *ter + particípio*. Tal emprego, contudo, estaria de acordo com a variabilidade que elucidamos, pois, na fala dos poucos falantes em que ela se configura, também são detectáveis as correlações lingüísticas que depreendemos na análise de tendências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTIVOGLIO, P. (1987) A variação nos estudos sintáticos. In: *Estudos Lingüísticos*. XIV Anais do GEL, Campinas.
- BOLÉO, M. de P. (1936) O Perfeito e o Pretérito em Português em confronto com as outras línguas românicas. Separata de Cursos e Conferências da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. VI.
- BYBEE, J. & PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. (1994) *The Evolution of Grammar - Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago / London: The University of Chicago Press.
- BYBEE, J. & DAHL, Ö. (1989) The creation of tense and aspect systems in the languages of the world. *Studies in Language* 13 - 1, 51-103.
- COMRIE, B. (1976) *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAMPOS, J. (1999) *A aquisição do aspecto verbal em PB*. Tese de mestrado. UFRGS.
- CASTILHO, A. T. de (1968) *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Marília, 12.
- _____ (1984) Ainda o Aspecto Verbal. *Estudos Portugueses e Africanos* 4:9-36.
- _____ (2000) Problemas do Aspecto Verbal no Português. In: Gärtner, E., Hundt, C. & Shönberger, A. (eds.) (2000) *Estudos de Gramática Portuguesa*. vol.3. Frankfurt am Main, TFM. pp. 17-46.
- CASTILHO, A. T. de & MORAES DE CASTILHO, C. M. (1994) O aspecto verbal no português falado. In: VIII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado. Campos do Jordão. (mimeo).
- COSTA, Albano D. da (1976) Periphrastic Verbal Expressions in Portuguese. In: Radefeldt, Jürgen S. (id) *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam, Nutb.
- COSTA, Sônia B. B. (1997) *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto.
- DAHL, Östen (1985) *Tense and Aspect Systems*. Oxford: Blackwell.
- DAHL, Ö. & KARLSSON, F. (1976) Verbal aspects and object marking. A comparison between Finnish and Russian. *International Review of Slavic Linguistics* 1:1-30.

- DE KOCK, J. (1991) Pretéritos Perfectos Simples y Compuestos en España y América. In: *El español de América*. Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.
- DIETRICH, W. - 1973 - *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*. Trad. Espanhola. Madrid, Gredos, 1983.
- GOEDSCHE, C. R. (1940) Aspect versus Aktionsart. *Journal of English and Germanic Philology* 39: 189-197.
- GUY, G. (2005) *Language Variation and Linguistic Theory*. Blackwell, no prelo.
- GONÇALVES, C. (2003) Leituras de estar + ndo. *Estudos Lingüísticos XXXIII*. 51º. Seminário do GEL . Taubaté, UNITAU.
- HARRIS, M. (1982) "The 'past simple' and the 'present perfect' in Romance". In: VINCENT, N. & HARRIS, M. (eds.) (1982) *Studies in the romance verb*. London: Croom Helm.
- HERSLUND, M; MORDRUPK, O & SORENSEN, F. (eds.) (1983) *Analyses Grammaticales du Français*. Copenhagen: Akademisk Forlag.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. (1980) Transitivity in Grammar and Discourse. *Language* 56;2, pp. 251-299.
- HOPPER, P.J. & TRAUGOTT, E.C. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press.
- HOWE, C. & SCHWENTER, S. A. (2003) Present Perfect for preterite across Spanish dialects. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics. Vol. 9.2 (papers from NWAV 31).
- ILARI, R. (2000) Notas para uma semântica do passado composto em português. *Actas do Congresso Internacional* organizado por motivo dos 20 anos do português no ensino superior. Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de letras da Universidade Eötvös Lóránd, Budapeste. pp.224-247.
- ILARI, R. & MANTOANELLI, I. (1983) As formas progressivas do português. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 5, pp.27-60. UNICAMP
- LABOV, W. (1978). "Where Does the Sociolinguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera," Working Papers in Sociolinguistics, Austin: Southwest Educational Development Laboratory.
- _____ (1994) *Principles of Linguistic Change*. vol I: *internal factors*. Cambridge: Blackwell.

- _____ (2000) *Principles of Linguistic Change*. vol II: *social factors*. Cambridge: Blackwell.
- _____ (2003) Quantitative reasoning in Linguistics. *Linguistics* 562, Philadelphia: UPENN.
- LAVANDERA, B. (1978) Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society* 7:171-182.
- LEHMANN, C. (1982) Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change, *Lingua e Stile* 20: 303-318.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. vol. 2. London: Longmans.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1993) *O Português Arcaico - Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MATTOS E SILVA (2002) Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V. & MACHADO FILHO, A. V. L. (2002) *O Português Quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS.
- MCMAHON, A. M. S. (1994) *Understanding Language Change*. New York / Oakleigh, Cambridge University Press.
- MOURA NEVES, M. H. de (1997) *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- MUFWENE, Salikoko S. (1984) Observations on time reference in Jamaican and Guyanese creoles. *English World-Wide* 4:199-229.
- NARO, A. (2003) O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) (2000) *Introdução à Sociolingüística - o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.
- NICHOLS, J. (1984) Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, 1984, pp.77-117.
- PAIVA, M. da Conceição & DUARTE, M. E. L. (2003) *Mudança Lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- PERES, J. A. (1998) Sobre critérios de definição de classes de *Aktionsart*. *Materiais sobre Tempo e Modo*. Projeto FCT PCSH/LIN/936/95, Universidade de Lisboa.
- POPLACK, S. (1980) "Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish" *Language*, 1980, 56, 2, June, 371-85.

- SANKOFF, G. (1988) Sociolinguistics and Syntactic Variation. In F.J.Newmeyer (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*. Vol. II, Language: The Socio-Cultural Context. Cambridge: Cambridge University Press, 140-161.
- SCHER, A. (2004) *As Construções com o Verbo Leve dar e as Nominalizações em -ada no Português do Brasil*. PhD Dissertation. Campinas: UNICAMP.
- SCHMITZ, J. R. (1999) *Progressive Aspect and the Structural/Phenomenal Contrast*. PUC-SP (mimeo).
- TRAVAGLIA, L. C. (1981) *O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU.
- VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. (1993) *A Theory of Aspectuality - the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1999) *Aspectual Issues - studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications.
- VIOTTI, E. & SCHER, A. (2001) Semelhanças e diferenças entre o português brasileiro e o português europeu no que diz respeito à forma progressiva do infinitivo. In: II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza.
- VUYST, J. de (1985) The present perfect in Dutch and English. *Journal of Semantics* 4:137-163.
- WACHOWICZ, T.C. (2003) *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Ph.D. dissertation.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG M. L. (1968) Empirical Foundations for a Theory of Language Change . In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin and London, University of Texas Press.
- ZILLES, A. (2004) "The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of ´a gente´ in Brazilian Portuguese". (mimeo)